

Introdução

Vivemos numa sociedade da aparência, do culto da beleza, do engrandecimento do aspecto físico em que se tenta sempre parecer mais jovem do que o que se é. O homem medieval receava a velhice e tentava travar o processo de envelhecimento através da ciência. Actualmente, o homem moderno tenta escapar à velhice cuidando da sua aparência física e recorrendo a tratamentos estéticos.

Parece que teimamos em esquecer que para envelhecer basta viver. Porque somos seres racionais e relacionais por excelência, o que importa é viver a vida de forma completa e íntegra, em comunhão saudável com todos aqueles que nos rodeiam e com quem trocamos formas de estar e de sentir, experiências e conhecimentos a todos os níveis.

Esses conhecimentos podem ser formais, porque adquiridos numa instituição escolar; não-formais, de carácter voluntário, com concepções e metodologias diferentes das que são utilizadas nas escolas; e ainda informais, quando são adquiridos na “*escola da vida*”, de forma não intencional.

Esta educação informal não se realiza através de objectivos claros de aprendizagem, mas reflecte-se em tudo, na nossa maneira de estar, de ser, de sentir, de enfrentar as adversidades da vida. É uma aprendizagem que é contínua, permanente, adquirida ao longo da vida e para a vida e são os adultos aqueles, que pelos anos de vida experienciados, mais “*bagagem*” têm a este nível, mais têm para transmitir, para ensinar, sobretudo às gerações mais novas.

Referimo-nos a toda uma herança cultural significativa adquirida através dos “*antigos*”, muitos dos quais já partiram, mas que deixaram na memória de toda uma população

sénior experiências, práticas, valores, características... que em muito contribuem para o exercício de determinadas funções e para o viver da sua própria existência e determinam as comunicações travadas no quotidiano, a todos os níveis e dimensões.

Inseridos num determinado grupo social, em interação cultural e social com os outros, grande parte da população sénior, residente sobretudo nos pequenos aglomerados rurais, vive a dicotomia sagrado / profano de forma particular e recorre-se dela para curar os seus males, os problemas de saúde que os afligem, sem que para isso recorram à medicina convencional.

Trata-se da chamada medicina popular, transmitida de geração em geração, que recorre a práticas sagradas, como rezas, novenas, o uso do terço e a cruz do rosário, assim como à fé na trindade de Deus (Pai, Filho e Espírito Santo), em sintonia perfeita com o profano. Isto porque se, por um lado, seguem os ensinamentos da igreja e respeitam-nos cegamente, por outro, respeitam aquilo que lhes foi transmitido pelos seus antepassados de forma incontestável, e recorrem a plantas, a chás, a pedras de sal, a azeite, a novelos de lã, ao pêlo, penas e sangue de animais, entre muitas outras coisas, para pôr em práticas as suas benzeduras, as suas mezinhas, oscilando claramente entre o sagrado e o profano.

Este foi precisamente o cerne da nossa investigação: a transmissão intergeracional de conhecimentos informais inigualáveis a nível da medicina tradicional.

Propusemo-nos, portanto, responder a uma questão que constituiu a pedra lapidar para o início do nosso estudo: “De que forma os hábitos e mezinhas típicos da medicina tradicional, veiculados pela população sénior, influenciam os comportamentos, as representações e as atitudes, de jovens e adultos?”.

Com esta questão, era nosso intuito não só compreender o papel e a importância da educação informal a nível das relações intergeracionais, como também averiguar até que ponto a já referida população sénior influencia, a nível das acções e das representações, as gerações mais novas, a partir do exemplo dos hábitos e mezinhas típicos da medicina tradicional.

Pensamos que o presente trabalho de investigação se apresenta como um contributo interessante para o conhecimento e valorização da realidade social e cultural anteriormente exposta, na certeza de que esta é uma área que, a nível da educação de adultos – educação informal, muito ainda tem a dizer, porque pouco explorada.

Além disso, trata-se de uma realidade de difícil aproximação no terreno, pois tratando-se de núcleos de amizade e familiares muito pequenos, são, por conseguinte, muito fechados. As pessoas que possuem estes conhecimentos, talvez por serem informais, de cariz muito pessoal, assumem, numa primeira abordagem, uma atitude de acanhamento, de receio de serem mal interpretadas e de serem apelidadas com nomes nada agradáveis.

Com base na problemática apresentada, o corpo do nosso trabalho é constituído por três partes: uma primeira parte, respeitante ao enquadramento teórico, onde procedemos a uma aproximação conceptual à problemática em estudo; uma segunda parte relativa ao estudo empírico, envolvendo a concepção e a testagem de instrumentos de recolha de dados e a realização de entrevistas semi-estruturadas no terreno, em duas localidades de diferentes pontos do país (Beira Alta e Baixo Alentejo); e ainda a terceira e última parte, relativa à análise e discussão da informação recolhida, para o que foram elaboradas grelhas de análise de conteúdo contendo, de forma esquematizada, a informação mais relevante para o estudo. O trabalho é dado como concluído com as considerações finais, onde se faz não só uma retrospectiva daquilo que foi feito ao longo do trabalho, como se

referem novos contributos para o conhecimento e algumas recomendações e sugestões que possam vir a servir de base a futuras investigações.

PARTE I
ENQUADRAMENTO TEÓRICO

“Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa.

Por isso, aprendemos sempre” (Paulo Freire, 1981: 79).

1. A Educação Formal, Não Formal e Informal

“*Conhecimento é poder, e por isso as pessoas que o tinham no passado tentavam fazer dele um segredo*” (Peter Drucker, 2002: 41).¹

Autores como Brandão (1985) definem a educação informal como sendo aquela que está relacionada com o processo “livre” (não-institucionalizado) de transmissão de certos saberes. Trata-se da educação considerada no seu sentido mais amplo, extrapolando a educação escolar, normalmente definida como o conjunto total de factos, sucessos, fenómenos ou efeitos educativos – formativos e/ou instrutivos – e, por extensão, ao conjunto de instituições, meios, âmbitos, situações, relações, processos, agentes e factores susceptíveis de os gerar, contemplando assim outros contextos e métodos educativos englobados pela educação não-formal e educação informal.

Sucintamente definidos, estes três tipos de educação devem ainda ser devidamente contextualizados, para que possamos perceber melhor a razão do aparecimento de tais termos.

Em termos históricos, no final da década de 60, concretamente em 1967, a partir da Conferência Internacional sobre a Crise Mundial da Educação, a expressão educação não-formal ganhou popularidade e valorizou-se, particularmente com o livro de Coombs (1978, versão espanhola), intitulado sugestivamente *The World Educacional Crisis*, de 1968, que resultou de todo o trabalho dessa Conferência. Nesse trabalho considerava-se que a educação escolar não correspondia à procura social, enfatizando outros contextos educativos, como os da educação não-formal e da educação informal, enquanto

¹ in Jayme Teixeira Filho. *Comunidades Virtuais*. Rio de Janeiro: Senac Rio.

potenciais respostas às expectativas educativas (Coombs, 1978: 11-27) – embora mais recentemente se venha a assistir a uma revalorização da educação não-escolar, promovida por razões diferentes das iniciais. Diferentes autores como Afonso (2001) referiram que a educação não-escolar (expressão que este autor prefere para denominar a educação não-formal e a educação informal) tem sido sujeita a lógicas e definições que não traduzem objectivos emancipatórios e de cidadania: “*o campo da educação não escolar (informal e não formal) [é] hoje disputado por diferentes racionalidades políticas e pedagógicas*” (Afonso, 2001: 35, parêntesis recto da nossa autoria).

Sobre os conceitos de educação formal, educação não-formal e educação informal, um dos autores que os discutiu foi Trilla (1993). Falar de educação formal, educação não-formal e educação informal, para este autor, é recorrer a um dos vários critérios para distinguirmos uma realidade complexa, dispersa e heterogénea que é a educação. Assim, distinguir a educação formal, da educação não-formal e da educação informal seria estabelecer uma distinção nessa realidade complexa que é a educação, recorrendo ao critério das metodologias utilizadas, assim como ao critério do agente educativo ou instituição em causa (Trilla, 1993: 22-23). De salientar a posição que Trilla (1993) defende, considerando que a distinção entre a educação formal e educação não-formal se deve fazer tendo em conta um critério que designou de estrutural e que significa que a distinção entre as duas teria em conta a sua integração ou não no sistema educativo. Este autor argumenta que usar este critério legal é o que assegura uma distinção mais rigorosa e que não confunde a educação não-formal com uma metodologia ou um método. Contudo, o autor ressalva que a opção por este critério de diferenciação não excluiu a análise das metodologias na educação não-formal (Trilla, 1993: 29-30).

Na generalidade, a educação formal é aquela que se desenvolve no âmbito da instituição escola, com uma estrutura educativa graduada, hierarquizada e oficializada, fazendo-se referência a metodologias que aí são utilizadas tradicionalmente, assim como a outras dimensões.

A educação formal, ou educação escolar, tem por base uma organização curricular, racionalizada, sequencial e sistemática, e caracteriza-se assim: por uma intenção e objectivos de ensino-aprendizagem; por ter horários; por ter tempos lectivos; por, normalmente, ter um espaço próprio; por ter profissionais (os professores); por ter alunos, ambos desempenhando papéis, na maior parte das vezes assimétricos; por valorizar principalmente um conhecimento académico, que implica ser abstracto e compartimentado; por ter um *curriculum*; por ter uma avaliação desses conteúdos; por ser uma aprendizagem descontextualizada e, por fim, caracteriza-se por emitir diplomas e credenciais (mediante certos critérios de avaliação) que servirão de moeda de troca no mercado de trabalho.

Actualmente, quando nos referimos à educação formal, surge, como peça fundamental para a concretização de um ideal de educação permanente, a educação de adultos, ou seja, aquela que permite à população adulta, que já não está abrangida pela escolaridade obrigatória, ter acesso à educação e à cultura através de diferentes contextos e métodos, envolvendo diferentes objectivos: ser uma educação de segunda oportunidade, um complemento da educação elementar ou profissional e proporcionar o aumento e o aperfeiçoamento de quem já possui um nível elevado de educação (Faure *et al.*, 1974: 302-303).

Falar-se de educação não-formal implica, muitas vezes, uma educação que recorre e que se baseia em metodologias e concepções pedagógicas que são diferentes das utilizadas

na educação escolar (Fernandes, 1998: 123-124) e que visa a problematização da situação do formando, contextualizando as aprendizagens e privilegiando relações de educador e educando, em que ambos são sujeitos desse processo educativo, sendo possível, através dele, emancipar os seus destinatários, variando a sua radicalidade. Este tipo de educação tem carácter voluntário, é acessível a todos, tem objectivos educativos, permite a aquisição de competências para a vida e cidadania activa e baseia-se na aprendizagem em grupo ou individual. Também não é usual a presença de certos aspectos da educação escolar como avaliação, *curriculum* e emissão de diplomas e certificados. Aliás, estes dois últimos são considerados por Lima como “*dois dos fenómenos mais típicos, presentes na educação escolar*” (Lima, 1983: 5).

La Belle (1986: 2) define educação não-formal como sendo “*toda a actividade educacional organizada, sistemática, executada fora do quadro do sistema formal para oferecer tipos seleccionados de ensino a determinados subgrupos da população*”.

Normalmente associada à educação extra-escolar², tem muitos objectivos, como educação permanente e de adultos, educação para os tempos livres, desenvolvimento comunitário, etc.

Na educação não-formal, a categoria espaço é tão importante como a categoria tempo.

O tempo da aprendizagem na educação não-formal é flexível, respeitando as diferenças

² Quer a definição de La Belle quer a de Fernandes mostram a ambiguidade desta modalidade de educação, já que ela se define em oposição (negação) a um outro tipo de educação: a educação formal. Usualmente define-se a educação não-formal por uma ausência, em comparação com a escola, tomando a educação formal como único paradigma, como se a educação formal escolar também não pudesse aceitar a informalidade, o “extra-escolar”.

Gostáramos, portanto, de definir a educação não-formal por aquilo que ela é, pela sua especificidade e não por sua oposição à educação formal, demonstrando que o conceito de educação ultrapassa os limites do ensino escolar formal e engloba as experiências de vida, e os processos de aprendizagem não-formais, que desenvolvem a autonomia de crianças e adultos. Como diz Paulo Freire “*Se estivesse claro para nós que foi aprendendo que aprendemos ser possível ensinar, teríamos entendido com facilidade a importância das experiências informais nas ruas, nas praças, no trabalho, nas salas de aula das escolas, nos pátios dos recreios, em que variados gestos de alunos, de pessoal administrativo, de pessoal docente se cruzam cheios de significação*” (Freire, 1987:50).

e as capacidades de cada um. Uma das características da educação não-formal é a sua flexibilidade tanto em relação ao tempo quanto em relação à criação e recriação dos seus múltiplos espaços.

Por sua vez, a educação informal associa-se a toda a educação que se desenvolve em situações e em contextos que não são criados propositadamente com um fim educativo, mas ocorrem nas situações do dia-a-dia, espontaneamente, em simultâneo com as vivências e interacções sociais mais diversas. Os seus agentes e contextos são os mais diversificados, sendo uma educação diluída, como já referimos, portanto, difícil de delimitar, o que leva Afonso (1992: 87) a considerá-la como uma realidade problemática para se analisar sociologicamente, exceptuando contextos de educação informal mais definidos como a família, ou o bairro.

A educação informal, assim perspectivada, compreende a educação ao longo da vida (não se dirige a um grupo etário específico), sem mediação pedagógica explícita, uma vez que não se faz de forma institucionalizada e não é metódica, estruturada, consciente ou intencional, ou seja, não se realiza através de objectivos claros de aprendizagem. Realiza-se mais no âmbito familiar e meio, diferindo da educação formal e não-formal, mas impondo-se fortemente nestes sectores. Difere pelas razões já enumeradas, mas impõe-se porque este tipo de educação vai-se cultivando dentro de nós, sem que nos apercebamos, e reflecte-se na nossa maneira de ser, de estar, de sentir e na forma como perspectivamos e filtramos os conhecimentos que vamos adquirindo ao longo da nossa vida, de modo formal ou não.

Neste contexto, facilmente se compreende o valor simbólico dos conhecimentos informais que a população sénior – a maior parte deles sem saber ler nem escrever – detém a vários níveis, medicinais, religiosos, agrícolas, culinários, etc., constituindo

uma verdadeira enciclopédia à qual, muitas vezes, não se dá a devida importância. Na verdade, esta população sénior e não só, todos nós, seres humanos, somos como que professores e matérias de estudo, uma vez que frequentamos a “*escola da vida*”, aquela em que cada um de nós é aluno e mestre simultaneamente e onde somos submetidos a uma aprendizagem contínua e incidental, fora do esquema formal e não-formal de ensino.

Este é pois o tipo de educação que cada indivíduo recebe durante toda sua vida ao adoptar atitudes, aceitar valores e adquirir conhecimentos e habilidades da vida diária e das influências do meio que o rodeia, como a família, a vizinhança, o trabalho, os desportos, a biblioteca, os jornais, a rua, a rádio, etc.

Leia-se agora o seguinte poema, encontrado por acaso na Internet, o qual sintetiza de forma bastante irónica e pertinente as ideias que pretendo transmitir acerca da Educação Informal, a referida **Escola da Vida**, aquela que abrange todas as possibilidades educativas, no decurso da vida do indivíduo.

ESCOLA DA VIDA³

As escolas nos ensinam tudo, menos a viver.

Um sábio atravessava de barco um rio e, conversando com o barqueiro, perguntou:

Diga-me uma coisa: você sabe botânica?

O barqueiro olhou para o sábio e respondeu:

Não muito, senhor. Não sei que história é essa.

Você não sabe botânica, a ciência que estuda as plantas?

Que pena! Você perdeu parte de sua vida.

³ Acedido a 23 de Outubro de 2007, em <http://www.fotolog.com/sumemo01/63762426>

O barqueiro continua remando. Pergunta novamente o sábio:

Diga-me uma coisa: você sabe astronomia?

O coitado do caiçara barqueiro, analfabeto, balançou a cabeça e disse :

Não senhor, não sabe o que é astronomia.

Astronomia é a ciência que estuda os astros,

o espaço, as estrelas.

Que pena! Você perdeu parte da sua vida.

E assim foi perguntando a respeito de cada ciência:

astrologia, física, química, e de nada o barqueiro sabia.

E o sábio sempre terminava com seu refrão:

"Que pena! Você perdeu parte da sua vida".

De repente, o barco bateu contra uma pedra, rompeu-se e

começou a afundar. O barqueiro perguntou ao sábio:

O senhor sabe nadar? Não, não sei.

Que pena, o senhor perdeu toda a sua vida!

A educação é, como vimos, um conceito que envolve realidades heterogêneas, quer ao nível dos contextos, das metodologias, como ao nível da população que abrange, fazendo sentido falar-se aqui no conceito de educação permanente ou de educação ao longo da vida.

Para esta noção de educação enquanto processo educativo que ocorre durante toda a vida e para todas as pessoas de todas as idades e que engloba todos os contextos educativos, muito contribuiu as ideias contidas no Relatório *Learning to be: the world of Education today and tomorrow*, publicado por Edgar Faure, em 1972.

Neste relatório, Faure defendeu a integração dos contextos de aprendizagem formais e informais, optando pela democratização da educação para que todos tivessem acesso. Faure entendendo a educação como um processo, afirmou que a Educação Permanente é a expressão de uma relação envolvente entre todas as formas e momentos do processo educativo.

A educação permanente deixa de ser um discurso para tornar-se um conceito quando a UNESCO através do Relatório Faure, o consagra internacionalmente. O conceito emerge a partir da educação de adultos, uma prática ainda marginal. Nesse período, representou um instrumento de luta contra uma ideologia escolar repressiva, e a ele se incorporou desejos revolucionários de transformação radical, não somente da escola, mas também da sociedade.

A Educação Permanente aparece assim como uma nova perspectiva de educação no intuito de aproximar a escola dos indivíduos, quebrando limitações temporais e abrindo espaço nas escolas ao meio social, político, económico e cultural no qual o indivíduo está inserido. Ela estava associada a uma ideia de educação baseada nas experiências de vida dos educandos.

1.1. A Interação Cultural enquanto veículo da Educação Informal

“O homem, como um ser histórico, inserido num permanente movimento de procura, faz e refaz constantemente o seu saber” (Paulo Freire, 1981: 47).

Algumas pessoas idosas são com certeza os últimos testemunhos de um género de vida e de pensar, ricas em conhecimentos informais, aprendidos na referida escola da vida, do relacionamento com familiares, vizinhos, amigos e outros, e são, sem dúvida,

depositárias de valores históricos, de uma cultura de grupo que se pode chamar tradicional.

As definições dadas por diferentes autores, ao longo do tempo, não demonstram as mesmas ideias e sentidos sobre o conceito de cultura, a qual reúne vários factores. Para Herskovits (1967: 37), a cultura é universal na qualidade de aquisição humana mas cada uma pode ser considerada única, *“a cultura é um todo indivisível do qual fazem parte as instituições que, se por um lado são autónomas, por outro lado comunicam entre si”*.

A cultura é dinâmica e manifesta mudanças contínuas e constantes, preenchendo e em larga medida determinando o curso das nossas vidas, sendo um facto que o Homem é frequentemente definido como um *“animal criador de cultura”*. A existência de cultura é o testemunho da forma como os Homens, ao contrário dos animais, modificam o seu meio ambiente e canalizam os seus instintos. Segundo Freire (1994: 31 e 56), *“cultura é tudo o que é criado pelo homem”* e são culturais *“todos os produtos que resultam da actividade do homem”*.

Assim sendo, a cultura é também uma *“herança social”* pois o homem transmite a cultura às gerações seguintes. No entanto, a cultura ultrapassa os indivíduos porque há uma continuidade de cultura no tempo, apesar da constante renovação dos indivíduos. Daí que o Padrão cultural seja um conjunto de hábitos, normas e comportamentos comuns aos membros de uma cultura.

Além disso, a cultura é também um conjunto relativamente estável de valores, de regras de conduta, de técnicas materiais e intelectuais que caracterizam um conjunto social. Apesar da existência de muitas sociedades animais (abelhas, formigas, etc.) há uma diferença fundamental entre as reacções animais ditadas pelo instinto, pela necessidade de sobreviver e o comportamento cultural do Homem. O Homem tem transmitido a sua

cultura através da palavra. Logo é válido afirmar que o seu comportamento é o produto das experiências dos seus antecessores, sendo, portanto, a característica fundamental da cultura o seu carácter cumulativo: o homem pode, pela palavra ou escrita, beneficiar das aquisições das gerações precedentes.

O Homem perante as situações e os acontecimentos reage de forma diversa mas sempre em função quer das suas experiências quer do comportamento dos outros. Deste modo, a cultura modifica-se e o facto do saber ser sucessivamente enriquecido ao longo do tempo é que constitui a cultura.

Antropólogos, sociólogos e cientistas sociais consideram e referem que a cultura representa o modo de vida de um povo, com toda a sua extensão e complexidade: “*A cultura hoje pode ser considerada como o conjunto dos distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afectivos, que caracterizam a sociedade ou um grupo social. Além das artes e das letras, engloba modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.*” (Conferência Mundial de Políticas Culturais, México, 1992).

Os traços culturais são assim os elementos que permitem descrever uma cultura, tais como padrões de comportamento e padrões materiais, e estão divididos em: elementos materiais (colares, habitação, utensílios de trabalho, alimentação, etc.); e elementos não materiais ou espirituais (atitudes, formas de comunicação, festas, rituais, poesia, música, folclore, medicina popular, religião ou literatura). Estes elementos não existem separadamente mas interagem produzindo a cultura. Os complexos culturais consistem num conjunto de elementos culturais associados formando um todo funcional (como festas tradicionais que envolvem diversos elementos culturais tanto materiais como espirituais).

A cultura não engloba só as estruturas da vida social mas também as condutas sociais. Podemos ver isso ao perceber que a cultura compreende a maneira comum de produzir o comportamento, a forma comum de expressão e a maneira comum de hierarquizar as necessidades, os bens, as normas religiosas, políticas, jurídicas ou morais, ou seja, a maneira de encarar o mundo. Segundo Macedo (1984: 35), *“A cultura consiste num conjunto global de modos de falar, ser, interagir e representar que, produzidos socialmente, envolvem simbolização e, por sua vez, definem o modo de vida pelo qual a vida social se desenvolve”*.

O conceito de cultura é, portanto, tão vasto que abrange tudo aquilo que existe de social no Homem, logo a nossa linha de pensamento segue uma abordagem sobretudo dos factos sociais, próprios ao modo de pensar e agir na educação dos idosos e daqueles que directamente lidam com eles, pois tal como foi definido por Émile Durkheim (trad. de Eduardo Nogueira, 1998: 66): *“Os hábitos colectivos exprimem-se sob formas definidas, regras jurídicas, morais, ditos populares, factos de estrutura social, etc. Como estas formas existem de uma maneira permanente, não mudando com as diversas aplicações que delas são feitas, constituem um objectivo fixo, um padrão constante que está sempre ao alcance do observador”*.

Tal facto permite pois encontrar uma cultura de grupo, dentro das aldeias, a partir de um grupo de pessoas (familiares e vizinhos), que sempre viveram no mesmo local e que se conhecem umas às outras desde crianças. Nestes lugares existe um grande interconhecimento, todos sabem tudo a propósito de todos e todos sabem quem é quem, o que facilmente permite estudar as relações sociais que se estabelecem no interior da aldeia, isto definindo normas vigentes num mesmo contexto social, com base numa tradição cultural consolidada no tempo.

O conhecimento partilhado pelo grupo não é assim estático e vai sendo construído dia-a-dia e, à medida que diversos problemas e questões vão surgindo, o grupo tenta encontrar alternativas, soluções, observando e reflectindo depois sobre os efeitos das mesmas. Este sentimento de partilha, de entreaajuda, de comunhão, a todos os níveis, permite, sem dúvida, fortalecer o espírito de pertença e coesão: a aldeia⁴ é vista como um todo, um local que a todos pertence e que os une – isto apesar de facilmente se intrometerem na vida alheia e os conflitos que, por vezes, daí advêm. Como refere Teresa Joaquim (1985: 16-17), a aldeia é “*como um corpo com as suas potências onde se escrevem, se exercitam as potências de outros corpos, outros seres: onde os vários corpos entram em conflito ou se entreaajudam... e não é fácil perceber as relações que se estabelecem entre eles.*”. Segundo a mesma autora, em guisa de conclusão, “*Uma aldeia é um corpo vivo que pulsa ao ritmo da vida e da morte, das dores do parto e da agonia...*”.

Quem dá vida a estes locais, por vezes tão isolados, aldeias que, segundo a voz do povo “*nem Cristo por lá passa*”? São homens e mulheres que constroem um mundo só deles, que congrega a força de um grupo, com um quotidiano rotineiro, subordinado a factores naturais e sobrenaturais, que têm uma cultura de grupo muito sedimentada, consolidada pelo tempo e confinada àquele espaço minúsculo, onde ganham voz e são respeitados e venerados, tal qual o “*Velho do Restelo*”, os idosos, aqueles que mais anos viveram e mais episódios presenciaram, ou seja, que mais experiência e conhecimentos (quase sempre informais) acumularam. São eles que frequentemente recorrem ao passado e dão

⁴ Aldeia (que vem da língua árabe *aD-Dai'á*) ou vilarejo é toda a povoação, normalmente rural, com poucos habitantes e sem autonomia administrativa, isto é, um aglomerado populacional de categoria inferior a vila.

força a uma representação e a uma memória colectiva do “antigamente” com o intuito de recomporem o presente e manterem vivo o seu ethos⁵.

Para Geertz (1987: 143), o ethos de um povo: “(...) *é o tom, o carácter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estático, sua disposição, e a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflecte. A visão do mundo que este povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são na simples realidade, seu conceito de natureza, de si mesmo, da sociedade*”.

1.2. A Interação Social na Vida Quotidiana

“Ninguém educa ninguém. Os homens se educam em comunhão”

(Paulo Freire, 1987: 79).

Todo o Ser Humano, porque incompleto e inacabado, precisa do outro para existir, precisa de pensar o “*eu como um pedaço do mundo*” e não apenas pensar “*eu e o mundo*”. Ser relacional por excelência, o Homem é incompleto porque é parte de um todo dinâmico, sem o qual não existe e é uma emergência, e é ainda incompleto na medida em que ele - enquanto indivíduo, espécie, vida - é apenas um fluxo.

É, portanto, na sua incompletude e na sua relação com o mundo e com os outros seres, que o Homem procura dar resposta aos desafios, às questões relacionadas com o seu contexto, construindo algo a que, vulgarmente, se chama conhecimentos. Para Paulo Freire, o conhecimento é resultado deste processo, desta construção colectiva, pois,

⁵ Ethos é um termo genérico que designa o carácter cultural e social de um grupo ou sociedade. Designa uma espécie de síntese dos costumes de um povo. Segundo W. G. Summer, é a “*totalidade dos traços característicos pelos quais um grupo se individualiza e se diferencia dos outros.*” Ethos pode assim incluir temas culturais, padrões culturais e valores.

Acedido a 04 de Novembro de 2007, em <http://www.blogger.com/profile/02653540879590827920>

segundo o mesmo, todos detêm a capacidade de educar, todos educam e aprendem, enriquecendo cada vez mais o seu “*eu*” e o “*outro(s)*” com quem vive ou simplesmente convive (Freire, 1987: 79).

É este conceito de Educação enquanto prática de uma teoria do conhecimento que é relevante para o nosso estudo, pois ao se deparar com um problema, neste caso de saúde, o Ser Humano questiona-se a si próprio, questiona os outros, pesquisa, procura respostas possíveis para solucionar o problema de saúde com que se depara, testa todas as hipóteses possíveis, confirma-as, reformula-as, nega-as, abandona-as, retoma-as... Enfim, é por meio de todo este movimento, que o Homem realiza o esforço da aprendizagem para construir o seu saber, relacionando conhecimentos anteriores aos actuais, ampliando, construindo novos conhecimentos, novos saberes. A cada solução, novos problemas se impõem. Estas respostas, as experiências que vai acumulando, ao fazer uso delas, constituem o conhecimento de um indivíduo ou de um grupo.

Nesta concepção, o conhecimento nasce da acção, da relação entre os seres humanos e destes com o mundo. Da sua intervenção no mundo, novos conhecimentos vão sendo construídos, logo não há ser humano que não haja no mundo. Todos, de alguma forma, agem e buscam respostas para as suas necessidades, por isso não há ser humano vazio de conhecimento, de cultura. Há graus e níveis de conhecimento e saberes diferenciados, mas não há quem nada saiba.

Neste contexto, ao referirmo-nos aos relacionamentos dos indivíduos entre si, não podemos, de forma alguma, deixar de nos referir ao conceito de interacção social que daí deriva, isto porque quando os seres humanos se relacionam, actuam uns sobre os outros. Por exemplo, a maneira de olhar para outra pessoa depende do tipo de relacionamento que existir.

As nossas rotinas diárias formam e estruturam a sociedade através das constantes interacções entre os indivíduos e as nossas vidas organizam-se à volta da repetição de comportamentos padronizados, sendo que os relacionamentos produzidos pelos indivíduos obedecem a padrões diferentes. Existe, assim, uma reciprocidade de acções sociais. Por exemplo, quando um encontro entre duas pessoas se realiza no local de trabalho ou em casa de um deles, verifica-se a diferença entre o relacionamento público e o relacionamento privado.

Nestes processos de interacção social, podemos considerar dois pólos fundamentais de actuação:

- A) Cooperação – que é o tipo de processo social em que dois ou mais indivíduos ou grupos actuam conjuntamente tendo em vista um objectivo comum. Pode ser uma cooperação de ordem material (sociedade comercial) ou de ordem espiritual (associação com fins culturais). As relações de solidariedade constituem a base da cooperação, ou seja, das interacções sociais que se revelam favoráveis para todos;
- B) Conflito – nesta situação surge choques que levam uma das partes contendoras a eliminar os obstáculos levantados pela outra. Então, a luta pode tornar-se pessoal, hostil e consciente. O conflito é uma forma de interacção social cuja eclosão é devida a factores de dissociação – ódio, inveja, necessidade e desejo.

A resolução dos conflitos nem sempre conduz à reconciliação podendo chegar-se a situações de vitória, de compromisso, ou à rejeição de qualquer solução. Mas a resolução do conflito pode-se efectuar também através de processos de acomodação ou assimilação.

A acomodação é um processo em que as partes contendoras arranjam um novo *modus vivendi* através de ajustamentos entre si. O antagonismo é resolvido temporariamente, podendo perdurar ou agudizar-se. A assimilação é um processo social através do qual os indivíduos ou grupos aceitam e adquirem padrões comportamentais uns dos outros, verificando-se um processo de integração.

Como exemplo destes processos de resolução temos a situação da população imigrante. De facto, as primeiras gerações dificilmente se integram na sociedade do país de acolhimento, é um processo de acomodação. Mas, os filhos desses imigrantes já sabem a língua e têm valores e atitudes do país de acolhimento, sendo por isso um processo de assimilação.

A realidade da vida quotidiana é, portanto, partilhada com outros (conhecidos, contemporâneos, antecessores, sucessores) e estes outros são vivenciados na vida quotidiana, de diferentes modos, em situações de frente a frente, marcadas por um intercâmbio contínuo, em que “*o outro é apreendido por mim num vivido presente, partilhado por nós dois*” (Berger e Luckman, 1999: 40), por meio de esquemas tipificadores, padrões rígidos, através dos quais apreendemos os outros e “*lidamos*” com eles nos encontros frente a frente.

A comunicação surge, aqui, como uma forma importante de interacção social, isto tendo em conta que o homem é parte integrante na sociedade e pertence a agrupamentos sociais múltiplos e diversificados, como por exemplo uma família, os moradores de uma aldeia, de um bairro, uma equipa de futebol ou a ida à igreja ou a manifestações. Estes agrupamentos sociais são, no entanto, distintos pois nem todos têm a mesma finalidade nem se organizam da mesma maneira, sendo que uns são estruturados e outros não estruturados (Gurvitch: 1979: 405). Estes últimos são constituídos por indivíduos que se

encontram ocasionalmente e não têm uma finalidade comum, nem possuem organização.

Para o nosso estudo, é relevante os agrupamentos estruturados, ou seja, aqueles constituídos por um conjunto de indivíduos que têm em comum interesses, uma situação e sentimentos de pertença a esse grupo, o que habitualmente acontece nos meios pequenos, quase sempre rurais. É através da ligação com os grupos que o indivíduo participa nos diversos aspectos da sua cultura.

Segundo o mesmo autor, podemos considerar um grupo social como uma unidade colectiva real – o grupo não poderá ser uma simples colecção de indivíduos nominalmente idênticos mas sim um conjunto relativamente coerente, de forma a poder ser observado do exterior pelas suas manifestações; uma unidade parcial unida por um fim comum a atingir – os grupos sociais têm uma grande diversidade de fins a atingir – existem grupos cujo objectivo é relativamente simples de conseguir (equipa desportiva) e outros em que os objectivos são diversos (família, vizinhos) –, sendo que a existência de fins comuns a atingir é fundamental para a unidade dos grupos sociais; e, finalmente, como uma unidade que se exprime por atitudes e condutas semelhantes e contém elementos que lhe dão uma certa estrutura – os membros de um grupo social, precisamente porque têm um ou mais objectivos comuns, exprimem esta coesão através de atitudes e condutas semelhantes e relativamente contínuas –, isto significa que em certos domínios os membros de um grupo têm uma certa unidade na sua forma de pensar, agir e reagir.

A vida colectiva depende, assim, de entendimentos e expectativas comuns de comportamento. Estes são muito significativos para a vida do grupo porque dão a todos os seus membros objectivos comuns. Daí que, segundo Berger e Luckman (1999: 31), a

vida quotidiana se apresente “*como uma realidade interpretada pelos homens e, de modo subjectivo, dotada de sentido para eles, na medida em que forma um mundo coerente*”. O mundo da vida quotidiana é uma realidade garantida, de modo subjectivo, pela conduta dos membros da sociedade e é também um mundo que tem em conta as acções e pensamentos que mantêm viva essa mesma realidade.

A partir das relações do homem com a realidade, resultantes de estar com ela e de estar nela, pelos actos de criação, recriação e decisão, vai dinamizando o seu mundo. “*Vai dominando a realidade. Vai humanizando. Vai acrescentando a ela algo de que ele mesmo é empreendedor. Vai temporalizando os espaços geográficos. Faz cultura*” (Freire, 1994:51).

Ao fazer cultura, não basta constataremos as diferentes manifestações problemáticas advindas da convivência humana, cumpre-nos interpretar profundamente a multireferencialidade dos problemas e das nossas diferenças, visando o alcance, o mais possível, do entendimento que buscamos. Para enfrentar tal desafio, não é possível estar só porque, pelo olhar do outro, enxergamos e conhecemo-nos melhor. Cabe-nos, cada vez mais, voltar o nosso olhar não só para a nossa própria identidade – ou para as nossas múltiplas identidades - que estão sempre em processo, mas para as identidades dos outros sujeitos e grupos com os quais convivemos. Se isso acontece na dimensão da vida de cada pessoa, o mesmo se dá quando olhamos para as relações estabelecidas no âmbito grupal ou, no caso que aqui também nos interessa em particular, em contexto de aldeia, com relações familiares ou de vizinhança.

Segundo Giddens (2002: 95) o que dá forma e estrutura ao que fazemos são as rotinas do dia-a-dia, com as suas quase constantes interacções com outras pessoas. E, a partir do seu estudo, podemos aprender muito sobre nós mesmos enquanto seres sociais e

acerca da própria vida social. A nossa vida está organizada de acordo com a repetição de padrões semelhantes de comportamento, dia após dia, semana após semana, mês após mês e ano após ano. É nesta sequência de rotinas que cada actor social vai construindo a sua trajectória de vida.

Conhecer a trajectória de vida de um actor social ou de um conjunto de actores sociais, bem como o seu impacto na sociedade é uma tarefa necessária, pois, olhar para “*os últimos anos de vida*” de um actor social e atribuir-lhe o valor merecido de uma riqueza de saberes e valores únicos e próprios, é “*rejuvenescer*” aqueles que a sociedade designa de “*velhos*”, ou de uma forma mais educada de “*idosos*”.

Cada pessoa, cada idoso, comporta uma herança cultural significativa, experiências e práticas, valores, características e formação, ainda que informal, para o exercício de determinadas funções e para o viver de sua própria existência, e isso determina a comunicação que trava no seu quotidiano, em todos os níveis e dimensões.

Estamos a referir-nos a relações que se dão entre sujeitos que decidem construir contextos e processos de aproximação, de conhecimento recíproco e de interacção. Relações que produzem mudanças em cada indivíduo, favorecendo a consciência de si e reforçando a própria identidade. “*Sobretudo, [que] promovem mudanças estruturais nas relações entre grupos. Estereótipos e preconceitos – legitimadores de relações de sujeição ou de exclusão – são questionados, e até mesmo superados, na medida em que sujeitos diferentes se reconhecem a partir de seus contextos, de suas histórias e de suas opções*” (Fleuri, 2002: 55-56, parêntesis recto da nossa autoria).

2. A Religião: o Sagrado e o Profano

“A religião é o ópio do povo” (Karl Marx, 1844).

Todas as comunidades, sobretudo as rurais, fruto de determinadas vivências partilhadas ao longo dos tempos, dão extrema importância a tudo aquilo que, sendo desconhecido, os transcende e os deslumbra: a religião.

Segundo a Antropologia das Religiões, é essencial conceber o Homem como criador, construtor e manipulador de símbolos na sua relação com o que este interpreta de sobrenatural, oculto ou sagrado e que transparece na sua linguagem, mentalidade, vivências, nas artes e na cultura.

Religião é uma palavra tão associada a uma série de paixões, movimentos e ideologias que defini-la é um desafio, e chegar a uma definição de consenso parece impossível. Talvez em última análise todas as definições possíveis sirvam a algum tipo de agenda, e uma definição objectiva seja no fim das contas impossível de se obter, tudo isto porque se apresenta como algo que escapa aos sentidos e é definido por um lado *“misterioso”*, ainda por desvendar, que transcende o Homem e todas as suas capacidades. Na verdade, o Homem consegue explorar o espaço, consegue inúmeras proezas científicas, mas tudo aquilo que diz respeito a Deus, ao Divino, é-lhe completamente inacessível, talvez porque não sabe como Lá chegar e nem sabe se esse Lá existe realmente. Daí ser frequente ouvir o povo dizer, *“eles vão todos para Lá, mas nenhum ainda cá veio dizer nada!”*.

Bell (1996: 86) atribui uma justificação a este modo de pensar, ao afirmar que a religião proporciona a segurança a uma cultura sob dois aspectos: *“protegendo contra o*

demoníaco e proporcionando uma noção de continuidade com o passado. A religião oferece uma protecção contra os impulsos anárquicos do Homem e estabelece as raízes atávicas da vida". O sociólogo enfatiza a questão normativa da religião e a sua validade na coerção social.

Segundo Espírito Santo (2001: 10), "*As religiões são sistemas de valores subjectivos. Existem em função dos crentes, por eles e para eles.*", o que vai, de certa forma, ao encontro do que Petterson et al (1991: 4) refere acerca deste termo: "*A Religião é constituída por um conjunto de crenças, acções e emoções, ambas pessoais ou colectivas, organizadas em torno do conceito de uma Realidade Última*".

Contudo, não há uma definição de religião universalmente aceite, até hoje. A religião parece ter surgido do desejo de encontrar um significado e propósito definitivos para a vida, geralmente centrado na crença e ritual a um ser (ou seres) sobrenatural. Também existe a exploração comercial, tendo como símbolo o nome de religião, que nos dias de hoje é comum. Na maioria das religiões, os devotos tentam honrar, influenciar e ser ouvidos pelo seu Deus ou Deuses através de preces, sacrifícios, comportamentos justos ou correctos e, em algumas culturas, através da sacralização de animais.

Certo é que a religião é uma das actividades mais universais conhecidas pela humanidade, sendo praticada por todas as culturas desde o início dos tempos. Temos como exemplo, as africanas, que teve como seu fundador Kam, um dos filhos de Noé.

O povo, predominantemente rural, sempre sentiu a sua identidade determinada pela presença do sagrado, sendo que, numa perspectiva sociológica, não é a religião que faz o social, mas sim o social que determina a religião nas suas diversas formas e expressões. É o social que atribui um sentido de existência ao espaço vivenciado, manifestando vontade de viver num ambiente coordenado por momentos sagrados e

profanos e convencionando, de igual modo, normas, comportamentos e rituais próprios para as suas práticas, criando assim uma identidade própria assente na tradição e coesão.

Não podemos, contudo, ser alheios ao facto de que aos indivíduos, no seu processo de socialização, lhes foram transmitidos, de forma inquestionável, os valores e as normas da religião, sendo que, neste sentido, a religião também condiciona a acção social dos seus agentes. *“A religião é um produto da cultura mas também é o seu reprodutor. Cultura e religião são simultaneamente espelho e imagem, foco e reflexo. Confundem-se, cruzam-se e caucionam-se circularmente.”* (Espírito Santo, 2000: 307). Com efeito, a religião, perspectivada como vitalidade cultural de um grupo, é simultaneamente um processo de causa e efeito do seu universo sociológico.

A religião tem dois campos ou áreas de estudo importantes, definidos por crenças e práticas: a religião institucional e a religião popular⁶.

A religião institucional é, no nosso caso, a doutrina católica e as suas práticas obrigatórias, trata-se de uma religião dogmática. Por sua vez, a religião popular é precisamente o que não está enraizado na religião institucional, não vive de práticas obrigatórias institucionalizadas, mas sim daquilo que é importante para as populações:

“Formas populares de religião são, por um lado, os cultos próprios da freguesia,

⁶ No que diz respeito à religião popular, a religião institucional advoga: “Fora da liturgia dos sacramentos e dos sacramentais, a catequese deve ter em consideração as formas de piedade dos fiéis e a religiosidade popular. O sentimento religioso do povo cristão desde sempre encontrou a sua expressão em variadas formas de piedade, que rodeiam a vida sacramental da Igreja, tais como a veneração das relíquias, as visitas aos santuários, as peregrinações, as procissões, a via-sacra, as danças religiosas, o rosário, as medalhas, etc. Estas manifestações são um prolongamento da vida litúrgica da Igreja, mas não a substituem. «Devem ser organizadas, tendo em conta os tempos litúrgicos e de modo a harmonizarem-se com a liturgia, a dimanarem dela de algum modo e a nela introduzirem o povo; porque, por sua natureza, a liturgia lhes é, de longe, superior». Para manter e apoiar a religiosidade popular, é necessário um discernimento pastoral. O mesmo se diga, se for caso disso, para purificar e corrigir o sentimento religioso subjacente a essas devoções e para fazer progredir no conhecimento do mistério de Cristo. A sua prática está submetida ao cuidado e às decisões dos bispos e às normas gerais da Igreja.” In *Catecismo da Igreja Católica*, 1993: 429.

autóctones ou inspirados noutros e, por outro, crenças e ritos considerados como «superstições» pela ortodoxia” (Espírito Santo, 1999: 146).

Sagrado e profano⁷ apresentam-se, neste contexto, como categorias do conhecimento e da apreensão do real no domínio religioso, regularmente tidos como domínios opostos, numa relação de constante contradição. Rotineiramente são citados como duas categorias diferenciadas, radicalmente opostas, como dois mundos entre os quais não há nada em comum e cujas energias vitais não são simplesmente distintas, mas de naturezas diversas. Sob este prisma, sagrado e profano não são apenas concebidos como separados, mas como hostis e ciosamente rivais um do outro, num entendimento de que somente pode-se pertencer plenamente a um com a condição de se ter inteiramente saído do outro (Durkheim, 1989: 70-71)

Contudo, apesar desta oposição conceitual no contexto das manifestações culturais, o sagrado e o profano exercem implicações mútuas, nem sempre sob a égide da oposição, mas, não raras vezes, sob a lógica da complementaridade.

Tal interacção é evidente no universo rural, em que a relação entre sagrado e profano não encarna a dimensão de uma contradição insuperável, onde um extremo não anula o seu concorrente, mas assume uma dialéctica de oposição e de interacção em que embora cada categoria detenha domínios específicos – objectos, espaços, gestos e falas – institui-se entre elas uma relação intrínseca e vital. No final, percebe-se que no contexto desta prática cultural, tais domínios implicam-se e condicionam-se mutuamente,

⁷ O sagrado está relacionado com o divino: um objecto sagrado não é um objecto divino mas um objecto que permite a ligação com o divino. Estando associado à divindade, reflecte os sentimentos que a própria divindade evoca: terror e fascínio. Esta força sobrenatural e incontrolável, quanto muito aplacada e propiciada através de sacrifícios, é, ao fim e ao cabo, o desconhecido, pois apenas se sabe que é poderosa para além da imaginação. Neste caso concreto, as rezas, o uso do terço e da cruz são práticas sagradas.

Por sua vez, o facto de recorrerem aos animais e às plantas é do domínio profano. Considerando profano, tudo aquilo que se apresenta como estranho às coisas sagradas, que é contrário ao respeito que é devido à religião, às coisas sagradas.

coexistem e complementam-se numa relação baseada em intercâmbios, implicações e trocas, construindo uma lógica de junção. O sagrado e o profano são duas modalidades de existência assumidas pelo Homem na sua História, são maneiras de sentir, de ser e de estar no mundo e no cosmos.

É importante recordar que sagrado e profano são categorias ontológicas cuja construção é essencialmente cultural. A indexação de gestos, acções, comportamentos e objectos sob tais categorias é obra humana, nitidamente histórica. Basta compararem-se os vários sistemas de crenças e, imediatamente, verificam-se as divergências entre as classificações ontológicas de idênticas acções, gestos e objectos: não raras vezes, o que é considerado profano por indivíduos ligados a uma prática religiosa é sagrado para pessoas pertencentes a outro sistema de crença e vice-versa.

Na realidade, a inserção de um objecto, gesto, acção e (ou) comportamento num outro domínio não se refere à substância em si do objecto ou da realidade que é considerada, trata-se de um acto da vontade humana. Uma pedra sagrada nem por isso é menos uma pedra, aparentemente (do ponto de laico) nada a distingue de todas as outras pedras. O que transmuda a sua realidade é o olhar e o fazer daqueles para os quais ela se “*tornou*” sagrada, é graças a eles que ela detém uma potência diferenciadora, uma eficácia e um significado extraordinário que a diferencia do que é simplesmente matéria ou realidade (Eliade, 1992: 18).

A “*indexação*”, a distribuição de objectos, acções, falas e/ou gestos entre as dimensões sagradas e profanas, típicas dos sistemas religiosos, é obra essencialmente sócio-cultural, cujo entendimento passa, necessariamente, pela ideia de que por detrás de qualquer prática cultural está sempre o Homem no constante acto de criar e sustentar uma verdadeira teia de sentidos, na tentativa de responder às suas necessidades

existenciais e de mundividência. A religião não é, no entanto, uma segunda natureza humana, mas uma tentativa do próprio homem de explicar a sua natureza e a sua cultura, construindo idealmente uma sobrenatureza que responda aos seus anseios. O mundo sagrado e o mundo profano existem culturalmente como individualidades separadas e incognitivas, independentes da vontade e da acção humanas, mas, para o homem religioso, esta dualidade, embora misticamente separada, é parte integrante de um todo. O homem não pode interferir, com o seu pensamento e a sua acção, nos processos e nos poderes das divindades, mas pode colocar estas divindades ao seu serviço, a depender do seu poder de interferência. A união do sagrado e do profano é o próprio processo mágico de mudança da contemplação para a interferência.

O sagrado e o profano ocupam, portanto, um lugar de destaque nas vidas das gentes, sobretudo rurais, na sua mundividência, no seu sistema de valores, hábitos, enfim, na interacção cultural e enquanto base de manifestações sociais significativas, como é o caso das mezinhas e benzeduras típicas da medicina tradicional.

É óbvio, contudo, que existem diferenças geracionais na consideração do papel do sagrado e do profano: ao contrário da população sénior, as gerações mais novas vivem profundas e contraditórias experiências de sentido e têm menos em conta, no seu dia-a-dia, esta dualidade. Contudo, sendo a religiosidade uma energia humana, ela é educável e mesmo que não seja praticada na totalidade por estas gerações mais novas, como seria do agrado da população sénior, é pelo menos respeitada e tida em conta no sistema de valores das mesmas. Todos nós nos lembramos certamente de uma avó ou outro parente mais velho que fazia um chá maravilhoso para esta ou outra doença e que sabia fazer esta ou aquela reza considerada milagrosa.

3. Algumas Considerações acerca do Conceito de Geração

Uma análise das relações intergeracionais pressupõe a clarificação do conceito de Geração, largamente utilizado não só na linguagem comum como nas ciências sociais em geral.

Ribeiro e Lourenço (2003: 38) recordam-nos que *“As fases do ciclo da vida só podem ser reflectidas através dos vínculos entre as gerações, isto é, das práticas e valores que conduzem à reprodução social”*. Esta opinião corresponde a um ponto de vista bastante próximo do que utilizamos no presente estudo. Apreendemos o conceito de idoso, valorizando a autenticidade das subjectivações que produzem, as experiências que compartilham e as formas de socialização que promovem. Estamos de acordo com Castro e Menezes (2002) relativamente à preocupação em articular os planos da subjectividade e da cultura, do psíquico e do social, para que os sujeitos sejam compreendidos dentro de realidades onde os discursos e as práticas sobre o humano são formulados.

A nossa proposta é conceber os conhecimentos informais dos idosos de forma integrada num processo cultural mais amplo, interactivo, do qual participam também os adultos, os jovens, as crianças, os vizinhos e amigos.

Conforma aponta Debert (1998: 60), quando se fala em geração, não nos estamos a referir a *“pessoas que compartilham a mesma idade, mas às que vivenciaram determinados eventos que definem trajectórias passadas e futuras”*.

Em demografia chama-se *“geração ao conjunto de pessoas submetidas a um mesmo acontecimento de origem durante um mesmo período de tempo”* (Nazareth, 1988: 202).

O acontecimento que define uma geração é normalmente o nascimento e o período a

considerar é de um ano. No entanto, esta noção clara, objectiva e sobejamente operatória no âmbito da análise demográfica é, no nosso caso, insuficiente.

Para além desta noção, é ainda interessante analisar a definição de Attias-Donfut (1991: 58), o qual formula a noção de geração em três perspectivas diferentes: genealógica, histórica e sócio-cognitiva.

A geração, sob o ponto de vista histórico, representa “*o período correspondente à duração de renovação dos homens na vida pública e é medida pelo tempo que separa a idade do pai da do filho, geralmente avaliada em trinta anos*” (Attias-Donfut, 1991: 58).

Por sua vez, na sua concepção genealógica, a geração é entendida como um grupo de pessoas que têm uma relação de filiação com um outro grupo de indivíduos, independentemente das idades. Aplica-se normalmente à parentela mas pode ser estendida a grupos mais largos, tendo, no entanto, sempre por base o grau de filiação. Esta é uma das noções que consideramos mais adequada para o estudo que nos propomos realizar, ou seja, analisar os conhecimentos informais que proliferaram nas relações estabelecidas entre três gerações, avós, pais e netos, e entre outros elementos familiares eventualmente referidos nas entrevistas.

Finalmente, ainda no seguimento da concepção da autora, temos a noção sócio-cognitiva, geralmente utilizada em sociologia, a qual define a geração como um conjunto de pessoas que partilham uma mesma experiência histórica e cuja visão do mundo é idêntica. Ora, esta última definição também tem interesse para o nosso trabalho, na medida em que não são apenas as pessoas que têm uma relação familiar com os idosos que aprendem com eles, mas ainda todos aqueles que, apesar de não serem família, mantêm com estes relações de muita proximidade, de intercâmbio, de

entreada. Refiro-me aos vizinhos, colegas de trabalho, amigos... pessoas que sempre viveram no mesmo lugar, que se conhecem há muitos anos, que contam com a ajuda uns dos outros e que partilham experiências, vivências, sonhos e aflições.

3.1. As Relações Inter e Intrageneracionais

“A família é o lugar sagrado, secreto, de portas fechadas sobre a sua intimidade, separado do exterior pela barreira simbólica do limiar, perpetua-se e perpetua a sua própria separação, a sua privacidade como obstáculo ao conhecimento, segredo de negócios privados (...) do domínio privado” (Bourdieu, 1994: 135).

A família foi desde sempre considerada uma instituição de grande peso na organização social e preservação dos sistemas, modelos e valores, pese embora todas as transformações e crises por que tem passado. Daí que a família seja um domínio obrigatório de abordagem quando se fala de relações geracionais entre pais e filhos, entre netos e avós e entre outros familiares com laços sanguíneos próximos.

Estudiosos deste assunto vêm aventando que o não cumprimento das obrigações familiares, pode vir a retirar o vigor necessário à sociedade. Por outro lado, de todos os deveres que o indivíduo possa exercer em sociedade (religiosos, políticos, económicos), os deveres familiares continuaram a imperar como imprescindíveis, sendo difícil ao indivíduo desligar-se por completo deles.

Nasce-se no seio de uma família e, portanto, fundar a própria família é ainda preocupação da maior parte dos adultos jovens, para além de mantermos relações mais ou menos estreitas com os nossos parentes, mesmo com aqueles que não vemos por

muito tempo. Além disso, aceitam-se em geral os pressupostos familiares e muito dificilmente se rompe de forma definitiva com a família, só em casos muito extremos.

Em relação à sociedade, se aceitamos as normas que esta nos impõe, temos quase sempre em mente punições inerentes à sua falta de cumprimento, contudo, as obrigações familiares continuam a mantê-las, mesmo que afastadas por diferenças de ponto de vista, sem que para tal concorra o medo da punição.

Além disso, a família embora sem o protagonismo e peso doutros tempos, continua a deter um manancial de oportunidades para transmitir aos seus membros diversas aprendizagens formais, não-formais e informais, que lhes servem de referência pela vida fora, o que aliás transparece na abordagem de Good (1970: 17), quando este refere que *"salvo raras exceções, os deveres familiares são responsabilidade directa de todos os membros da sociedade (...) na medida em que todas as outras instituições dependem da sua contribuição; a família è a base instrumental mais importante da estrutura social inclusiva, pois o desempenho de um papel que é aprendido na família torna-se o modelo ou protótipo do desempenho dos papéis exigidos nos outros segmentos da sociedade"*.

A família, como organização instituída, vem mantendo, ao longo dos milénios, determinadas funções que concorrem para a sua sobrevivência, *"a família constitui-se num instrumento ou agente da sociedade mais ampla, e se ela não desempenhar adequadamente esse papel, os objectivos da sociedade podem não ser eficazmente atingidos"* (Good, 1970: 17).

A importância e a necessidade da família eram, no passado, um dado indiscutível, dadas as funções que desempenhava em relação ao indivíduo e à sociedade. Actualmente, a família, continua a ser considerada a célula mais importante da sociedade, com

evidentes ajustamentos ao tempo e às circunstâncias, claro. Por muitos defeitos que lhe encontremos, a família, é ainda responsável pela formação psíquica do ser social, acompanhando-o desde a nascença, apontando-lhe o caminho que o há-de levar a ser autónomo, definindo-lhe os limites e fronteiras entre a célula familiar e a sociedade; fronteiras cuja melhor ou pior definição contribuirão para a segurança ou insegurança do indivíduo perante as "*contrariedades*" da vida.

A família, a célula mãe da sociedade, pode assim ser definida como um conjunto de pessoas unidas por laços de parentesco, sejam sanguíneos, por casamento ou por adopção, que juntas satisfazem necessidades físicas e emocionais. A família é ainda uma instituição social, pois nela origina-se o processo de socialização, o desenvolvimento da personalidade e as relações são mais intensas e qualificadas. É na socialização que os jovens recebem dos adultos a motivação e as condições para assumirem os seus papéis sociais.

Os papéis de filho, pai e avô vão sendo construídos ao longo da vida. É na família que se vive a experiência das relações intergeracionais (vertical) e intrageracionais (horizontal).

As primeiras, intergeracionais, são as relações entre as gerações e envolvem pessoas nascidas em diferentes épocas e contextos históricos que determinam diferentes trajectórias e estilos de vida. Por sua vez, as relações intrageracionais (entre membros da mesma família) envolvem indivíduos de uma mesma geração, com menos diferenças etárias, e conseqüentemente, menos diferenças histórico-contextuais, como, por exemplo, as relações entre primos e outros. As relações intrageracionais também congregam mais parentes (irmãos, primos, sobrinhos de uma mesma família) geralmente mais baseadas no afecto e na espontaneidade. As intergeracionais, por sua

vez, mesmo também sendo motivadas por laços de afecto, podem gerar conflitos em potencial, muitas vezes gerados por perspectivas de mundo e valores diferentes.

Bengtson e Silverstein (1993: 15-38) definiram seis variáveis que afectam as relações intergeracionais familiares: a estrutura familiar (composição doméstica, proximidade geográfica); os padrões de contacto (a quantidade e o tipo de interacção ente os membros); o afecto (sentimentos de carinho e cuidado, percepção de proximidade); o consenso e similitude (acordo ou desacordo em atitudes e perspectivas de mundo); as normas (o que se espera existir entre as gerações, responsabilidades parentais e filiais); e, finalmente, a troca de poder (equilíbrio entre os recursos de cada geração, o grau de apoio e troca entre elas).

Estas duas categorias, existentes a nível das relações familiares e anteriormente descritas, são deveras importantes para o nosso estudo, uma vez que este pretende analisar não só a transmissão de determinados conhecimentos informais entre membros de uma mesma família, como pretende ainda averiguar até que ponto esses conhecimentos circulam ou circularam entre as diferentes gerações, tudo isto partindo de um elemento chave: o idoso. Aquele sujeito que é o grande detentor de conhecimentos, no qual se concentra a sabedoria acumulada de algumas gerações e é, normalmente, respeitado e seguido pela sua comunidade, na forma de pensar e actuar.

É evidente que com a modernização da sociedade, o idoso *“tende a perder-se pelo caminho”*, deixou de ser tão valorizado, tornou-se desnecessária a sua contribuição na construção da história viva da sociedade, isto porque o saber actualmente concentra-se nas escolas, nas universidades, nos livros, nos museus e, por último, na Internet.

A sociedade moderna tirou-lhe, portanto, o seu principal papel social, ser o transmissor do conhecimento e da cultura, e esqueceu-se de o ajudar a construir o seu novo espaço

social. Por isso, é importante que haja espaço para o diálogo entre as gerações, no sentido de se construírem papéis sociais que se adequem à realidade social, de forma a que os jovens e as pessoas mais velhas possam formar a sua identidade e redimensionar as diferentes experiências vividas de forma significativa.

Estudos sobre relações familiares e relações entre gerações já mereceram a atenção de diversas áreas do saber. Em diferentes arranjos familiares podemos observar as diferenças de laços existentes entre os membros da família.

A partir da segunda metade do século XX, ocorreram muitas transformações nas estruturas familiares em todo o mundo. Por exemplo, percebe-se que com o aumento do número de divórcios, surgem novas uniões conjugais, o que caracteriza o estilo de vida familiar moderno, com novos pais, novas mães e novos avós.

É possível observarmos pessoas com diferentes idades vivendo numa mesma casa e compartilhando interesses, experiências e valores diferenciados. Entretanto, a relação saudável entre as gerações é possível, desde que haja respeito entre as gerações, com adaptações favoráveis a cada etapa do curso de vida, considerando as características individuais e o contexto cultural e sócio – histórico existente no grupo social. A vida em família implica coexistência de valores, normas e comportamentos singulares. Portanto, esses são desafios a ser enfrentados.

As relações entre as gerações têm seu valor na medida em que as pessoas adultas e mais velhas transmitem a sua herança cultural, dando continuidade a nível dos valores culturais, das crenças positivas em relação ao curso de vida, das ideologias e dos comportamentos de uma sociedade. As acções gerativas manifestam-se através da criação, manutenção e na oferta de transmissão do que foi criado, do ensino, do

aconselhamento, da orientação e no deixar um legado pessoal, permitindo o uso autónomo desses produtos pelos seus beneficiários e também pelo seu grupo social.

É evidente que em muitas famílias as interações entre as gerações não são totalmente positivas. Dentro de um grupo social e em qualquer época, porque somos seres relacionais por excelência, as semelhanças e diferenças vão sempre existir, o processo de mudanças de valores sociais será constante, sendo estas mudanças construídas pelos próprios actores dessa relação (idosos, jovens, adultos e crianças).

Com o aumento da expectativa de vida, várias gerações viverão simultaneamente, tornando-se necessário mudar o conceito que a nossa sociedade tem acerca do idoso, uma vez que muitas pessoas pensam ser a velhice uma fase de perdas e declínios, tendo uma imagem negativa sobre essa fase da vida. Na verdade, actualmente, vivemos numa era de transição de valores sociais e culturais associados à velhice. Encontramos idosos independentes socialmente e afectivamente, com a presença de metas de vida a serem concretizadas, dando sentido a sua própria existência, é um bom exemplo disso, as Universidades Seniores e os próprios Cursos de Educação e Formação de Adultos.

Porém, encontramos outros que precisam aprender a lidar com esse espaço vazio deixado pelos nossos antepassados, muitos deles percebem a velhice como uma fase preenchida por vivências negativas e com dificuldades de aceitação pessoal. Esse vazio transformou-se numa herança adquirida que contempla ainda hoje associações à velhice, como sendo uma fase preenchida só por perdas e com imagens distorcidas do processo de envelhecimento.

Enfim, tal como todas as fases na vida do desenvolvimento humano, na velhice também existem ganhos e esses estão obviamente relacionados com a capacidade de estabelecer prioridades, a conhecimentos especializados, à prudência e precisão, isto é, o idoso

deve-se tornar mais selectivo nas experiências sócio-emocionais, adquirindo uma compreensão ampla, realista e objectiva da própria existência.

A flexibilidade diante das dificuldades que estão presentes ou que estão por vir e o constante diálogo serão ferramentas importantes nos relacionamentos intergeracionais. Desta forma, sendo criança, jovem, adulto ou idoso, todos terão maiores condições de fazer adaptações para que possam ter uma convivência positiva e produtiva.

A troca de experiências entre gerações é a oportunidade de compartilhar sabedoria, crescimento pessoal e aquisição de novos conhecimentos. É necessário educar com o objectivo de estimular gerações para a abertura de novas experiências, para novas maneiras de ser, para novas ideias e para a manutenção da autonomia, ou seja, a capacidade de fazer escolhas voltadas para o bem-estar físico, social e psicológico.

Os idosos já percorreram um grande caminho na luta contra os preconceitos associados ao envelhecimento, mas felizmente actualmente já colhem frutos em relação à sua imagem social, aos seus direitos como cidadãos. Os idosos são criadores de uma nova economia, de valores sociais e culturais que são importantes para todas as gerações e para as relações intra e intergeracionais.

3.2. A Experiência Individual da Passagem do Tempo

“Com o passar dos anos, as árvores tornam-se mais fortes e os rios mais largos. De igual modo, com a idade, os seres humanos adquirem profundidade e amplitude incomensurável de experiência e sabedoria. É por isso que os idosos deveriam ser não

só respeitados e reverenciados, mas também utilizados como o rico recurso que constituem para a sociedade” (Kofi Annan, 2002)⁸.

Verdadeira fonte de conhecimentos, qualquer idoso encerra em si mesmo, devido à inevitável passagem do tempo e experiências vivenciadas, longas e ricas histórias de vida que se apoiam na memória de quem as viveu ou presenciou, como forma de não caírem no esquecimento. Aliás, não é por acaso que existe um provérbio africano que diz que *“quando morre um velho, desaparece uma biblioteca”*.

O idoso assume-se como o sujeito que narra e que é *“portador de uma memória que esculpe, no tempo, uma história”* (Grossi e Ferreira, 2001: 30). Segundo estes mesmos autores, a memória é evocada como um tempo de lembrar, *“a memória lembra uma fronteira, cujas territorialidades itinerantes redefinem-se continuamente. Urde cenários que dissertam sobre o passado de uma vida cuja perda é irreparável. Ostenta campos onde se podem colher fragmentos de um mundo que se desintegrou. Também guarda câmaras, às vezes assustadiças que se recusam a abrir (...) Pode tornar-se interdito à memória lembrar histórias que nos colocam em situação de desonra, de impotência e de perda. Dessa forma, ajustes na memória, em termos de esquecimento, podem ajudar «um retorno ao passado, de forma que possamos, mais facilmente, assumir o que somos hoje»”* (Grossi e Ferreira, 2001: 28). O significado da memória revela-se assim como um processo vivido, em constante evolução. A memória é concebida como uma construção imaginária e de elaboração simbólica, pois aquele que lembra tece uma relação afectiva com o passado e tende a mitificá-lo.

O acto de lembrar um trajecto, um percurso de vida, um passado, é para qualquer idoso condição da sua mais íntima individualidade e fonte de identidade. Os seus

⁸ Proferido na Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento Humano, realizada pela ONU em Madrid.

testemunhos, mais do que simples reconstituições do passado, constituem simultaneamente uma abordagem subjectiva ao seu mais íntimo, concretizada pela lembrança, face ao seu passado e presente; e apresentam regularidades sociais, disposições, uma vez que consideramos que ao lembrar o sujeito fá-lo segundo um *habitus*⁹, isto é, segundo um sistema de valores, normas e princípios socioculturais incorporados em experiências passadas, ao longo do processo de socialização.

Assim sendo, por muito que um idoso tente reconstruir a matéria de que foi feita a sua vida, esta reconstrução implica uma impossibilidade de se reviver o passado de igual forma no presente, isto porque o ponto de vista do idoso em questão irá sempre modelar e desfigurar as recordações, a partir do contexto presente. O acto de lembrar, de narrar as suas experiências de vida, confere ao idoso um significado pessoal e social que, por vezes, lhe é retirado com a entrada em Lares e outras instituições destinadas a esta faixa etária, pois *“há um momento em que o homem maduro deixa de ser membro activo da sociedade, deixa de ser um propulsor da vida presente do seu grupo: neste momento da velhice social resta-lhe, no entanto, uma função própria: a de lembrar. A de ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade”* (Bosi, 1995: 63).

Somos *“criaturas do tempo”*, lembramos o passado para reconstruir o presente, e a memória assume-se como o meio preferencial pelo qual evocamos a experiência de um tempo socialmente estruturado, de aquele que é o nosso mais íntimo tempo, contido naquelas que são as nossas memórias. As lembranças que temos do nosso trajecto de vida referem-se a acontecimentos particulares pelos quais passámos, vividos em

⁹ Pierre Bourdieu permite com o conceito de *habitus* superar a dicotomia objectivismo/subjectivismo, definindo o *habitus* como um *“...sistema de disposições duráveis, estruturas estruturadas predispostas a funcionarem como estruturas estruturantes, isto é, como princípio que gera e estrutura as práticas e as representações...”* (tradução livre do original, [1972]2000: 72). O autor ao longo do livro vai clarificando esta densa definição de *habitus*: um sistema de disposições duráveis que formam uma matriz de percepção, apreciação e acção, realizada em determinadas condições.

determinados contextos sociais, mas que assumimos como “*invioláveis*”, como tendo sido apenas nossos (Lowenthal, 1985: 195).

Contudo, para que as nossas recordações tenham significado e sejam validadas confiamos na sua partilha com os outros. O indivíduo recorda através da linguagem, pois é esta que lhe fornece as categorias através das quais apreende a realidade. A linguagem medeia a relação entre o indivíduo e o grupo, sendo fundamental para o entendimento do que Halbwachs ([1925] 1994: 71) designa como “*quadros colectivos da memória*”: os instrumentos de que a memória colectiva se serve para reconstruir uma imagem do passado em consonância com as ideologias dominantes da sociedade, num determinado momento histórico. A memória de um indivíduo irá depender do seu relacionamento com a família, com a classe social, com a escola, com a igreja, com a profissão, e todos os grupos de referência e convívio particulares a esse indivíduo. Só através da pertença a um grupo social, os indivíduos são capazes de adquirir e evocar as suas memórias, embebendo a memória individual na memória do grupo, a memória colectiva: *it is in this sense that there exists a collective memory and social frameworks for memory; it is to the degree that our individual thought places itself in this frameworks and participates in this memory that it is capable of the act of recollection* (Halbwachs, [1941] 1992: 38)¹⁰. Esta ideia remete-nos para aquilo a que Paul Connerton ([1989] 1999)¹¹ chamou de memória social e respectiva dimensão narrativa. Segundo o autor, numa dada comunidade as histórias circulam e são partilhadas entre os indivíduos através das práticas sociais – como a “*comemoração, o ritual e a tradição*” – que representam e projectam uma certa identidade.

¹⁰ Apresenta-se a respectiva tradução livre: “*É neste sentido que existe uma memória colectiva e quadros sociais da memória; é o grau com que o nosso pensamento individual se coloca nestes enquadramentos e participa nesta memória que ele é capaz do acto de recordação*”.

¹¹ Paul Connerton concorda com as propostas centrais de Halbwachs, mas considera que o autor não sistematizou como, no interior do mesmo grupo social, as memórias são conservadas e transmitidas à geração seguinte.

O mesmo acrescenta que a omnipresença da memória social na conduta da vida quotidiana reside no facto de, “*em todas as formas de conhecimento, fundamentarmos sempre as nossas experiências particulares num contexto anterior para garantirmos que são de todo inteligíveis (...). O mundo do inteligível, definido em termos de experiência temporal, é um corpo organizado de expectativas baseadas na recordação*” (Connerton, [1989] 1999: 7).

A acção do indivíduo neste processo é activa e diferenciada, no sentido de que o posicionamento social ajuda a definir a capacidade de intervenção nesse processo e as modalidades que essa intervenção assume. Uma vez que “*as imagens do passado legitimam geralmente uma ordem social presente*” (Connerton, ([1989] 1999: 3) a memória social pode ser conceptualizada como um “*campo de disputa, passando o controlo social e mesmo o exercício do poder, pela capacidade de definir o memorável e o que deve ser esquecido*” (Cunha, 2003: 86).

A memória de grupo é assim conceptualizada, não como algo meramente individual, mas como um processo social, que depende das pertenças e redes sociais dos indivíduos. Na nossa perspectiva, recordar algo é muito mais do que simplesmente reproduzir factos, pois trata-se de um processo de reconstrução selectivo e parcial para o qual contribuem aspectos de ordem cognitiva e motivacional.

O carácter social da memória resulta de vários factores: o processo de recordar é social, dado que a evocação das recordações é feita a partir de dicas de contexto; os pontos de referência que cada indivíduo utiliza para codificar, armazenar e recuperar informação são definidos socialmente; e a memória individual não poderia funcionar sem conceitos, ideias, imagens e representações que são socialmente construídos e partilhados. Ou seja, a memória de cada indivíduo é social no seu conteúdo (eventos, personagens, etc.) e no

seu processo (codificação, armazenamento e recuperação da informação). Como refere Lima e Viegas (1988: 149), “*o envelhecimento é um processo biológico, conceptualizado culturalmente, socialmente construído e conjunturalmente definido*” (1988: 149).

Reconhecer o carácter social da memória não implica pressupor uma uniformidade nas recordações, já que cada indivíduo é activo no processamento da informação. Cada indivíduo recorda factos diferentes e de um modo diferente e grupos sociais diferentes, face a um mesmo acontecimento, reconstroem memórias diferentes (Echabe e Castro, 1998: 91-106).

A dissociação entre memória individual e social é, portanto, infrutífera, uma vez que o sujeito que relembra (e apenas este pode relembrar) fá-lo segundo matrizes sociais (como vimos, constitutivas do *habitus*). A corroborar esta ideia temos Fentress e Wickham (1992:7) que afirmam que “*em si mesmo e por si mesmo, a memória é simplesmente subjectiva. Ao mesmo tempo, contudo, a memória é estruturada pela linguagem, pela aprendizagem e pela observação, por ideias colectivas e pela experiência partilhada com os outros. Isto faz com que a memória seja também social*”.

A memória como suporte identitário, numa fase específica da vida de um indivíduo, a velhice, é, concluindo, pertinente na medida em que os quadros sociais¹² através dos quais as lembranças são verbalizadas e evocadas são também os espaços onde a identidade social do sujeito foi construída. Especialmente na velhice estes quadros de referência asseguram a continuidade do que se foi no passado para o presente: recordar aquilo que se viveu, reconstruir pela lembrança o passado (longínquo ou não), lembrar a

¹² Quando falamos aqui de “*quadros sociais*” remetemos para a ideia de que ao lembrar, os idosos estão também a ser a memória da família, do grupo, da instituição, da sociedade.

experiência da passagem do tempo, é individualizar o sujeito na velhice e a substância social de uma identidade.

PARTE II

ENQUADRAMENTO METODOLÓGICO

“Não existe um método único para estudar as coisas.”

Aristóteles

1. Abordagem Geral do Estudo

“ (...) a expressão estudo de caso (...) designa um estudo aprofundado de um caso particular, sem que haja necessariamente intervenção do investigador (...) nesse caso, tem por fim a exploração, a descrição, ou a avaliação da situação de um indivíduo, de um grupo ou de uma organização” (De Bruyne et al.,1988: 211-212).

Pretende-se, com este capítulo, apresentar a metodologia utilizada na realização do nosso estudo e definir a forma e o modo como a pesquisa foi desenvolvida para que os objectivos propostos fossem atingidos e a pergunta formulada ao problema fosse adequadamente respondida.

Antes de mais detalhes sobre a metodologia adoptada, convém entender qual o significado da metodologia propriamente dita.

Etimologicamente, metodologia é a ciência que procura encontrar “*um caminho para*” um determinado fim, a arte de adoptar o caminho próprio para atingir um certo objectivo (Azevedo & Azevedo, 2004:11).

De acordo com Fortin (2000), a metodologia corresponde a um conjunto de métodos e de técnicas que orientam a elaboração do processo de investigação científica.

Já Burns e Grove, (citado por Fortin, 2000), consideram tratar-se de um processo sistemático que tem por objectivo validar conhecimentos estabelecidos e produzir outros que, de forma directa ou indirecta, vão gerar benefícios no campo em que foram produzidos.

No processo de elaboração de um estudo, é necessário proceder à prévia definição de elementos como: o tipo de estudo, o meio onde o estudo é realizado, a selecção dos participantes no estudo e os instrumentos para a recolha de dados (Fortin, 2000).

Considerou-se fundamental, para a concretização do presente estudo, recorrer a uma conjugação de vectores fundamentais de investigação científica no campo social, descritivo e explicativo, com recurso à estratégia de pesquisa “*Estudo de Casos*”.

Este trabalho de investigação sustenta-se num estudo de seis casos, o qual representa um método de investigação relevante, sobretudo porque assenta numa pesquisa intensiva e aprofundada de um determinado objecto de estudo, que se encontra extremamente bem definido e que visa compreender a singularidade e globalidade do caso em simultâneo.

Entende-se por estudo de caso um processo específico para o desenvolvimento de uma investigação qualitativa, é um desenho de investigação que pode ser conduzido no quadro de paradigmas bem distintos, como o positivista, o interpretativo ou crítico (Myers, 1997) e assume-se como uma investigação particularista, procurando descobrir o que há de mais essencial e característico na situação em estudo (Ponte, 2006: 2).

Fidel (1992) refere que o método de estudo de caso é um método específico de pesquisa de campo, considerando que estudos de campo são investigações de fenómenos à medida que ocorrem, sem qualquer interferência significativa do investigador. Por sua vez, Coutinho (2002) considera que quase tudo pode ser um “*caso*” e exemplifica: um pequeno grupo, um indivíduo, uma organização, uma comunidade ou uma nação.

Benbasat et al (1987) consideram que um estudo de caso deve possuir as seguintes características:

- Fenómeno observado no seu ambiente natural;
- Dados recolhidos utilizando diversos meios (Observações directas e indirectas, entrevistas, questionários, registos de áudio e vídeo, diários, cartas, entre outros);
- Uma ou mais entidades (pessoa, grupo, organização) são analisadas;
- A complexidade da unidade é estudada aprofundadamente;
- Pesquisa dirigida aos estágios de exploração, classificação e desenvolvimento de hipóteses do processo de construção do conhecimento;
- Não são utilizadas formas experimentais de controlo ou manipulação;
- O investigador não precisa especificar antecipadamente o conjunto de variáveis dependentes e independentes;
- Os resultados dependem fortemente do poder de integração do investigador;
- Podem ser feitas mudanças na selecção do caso ou dos métodos de recolha de dados à medida que o investigador desenvolve novas hipóteses;
- Pesquisa envolvida com questões "como?" e "porquê?" ao contrário de "o quê?" e "quantos?".

O objectivo é compreender o evento em estudo e ao mesmo tempo desenvolver teorias mais genéricas a respeito do fenómeno observado (Fidel, 1992). Para Yin (1994) o objectivo do estudo de caso é explorar, descrever ou explicar e segundo Guba & Lincoln (1994) o objectivo é relatar os factos como sucederam, descrever situações ou factos, proporcionar conhecimento acerca do fenómeno estudado e comprovar ou contrastar efeitos e relações presentes no caso. Por seu lado, Ponte (1994) afirma que o objectivo é descrever e analisar.

A estes dois Merriam (1998) acrescenta um terceiro objectivo, avaliar. De forma a sistematizar estes vários objectivos, Gomez *et al.* (1996: 99), referem que o objectivo geral de um estudo de caso é: “*explorar, descrever, explicar, avaliar e/ou transformar*”.

Os casos de estudo podem envolver casos simples ou múltiplos e diferentes níveis de análise (Eisenhardt, 1989). Neste tipo de metodologia é muito importante a definição da pergunta de investigação, que pode começar por apresentar um carácter geral, de acordo com Mintzberg, citado por Eisenhardt (1989), não interessa que a dimensão da amostra seja reduzida, ou qual o tema escolhido, o que é necessário é começar o processo de pesquisa com um objectivo bem específico, por forma a permitir uma focalização no tipo de dados a recolher, de uma forma sistemática. A questão de investigação permite obter esta focalização, para que se consiga evitar um excesso de dados que se mostrem irrelevantes para o tema que se está a abordar.

Dada a opção de levar a cabo um estudo de caso, considerou-se que seria pertinente adoptar o percurso metodológico ou desenho metodológico proposto por Yin (1989) que consiste nas seguintes fases: Preparação, Desenvolvimento e Finalização.

Assim sendo, no nosso estudo, na fase de preparação da investigação, foi formulada a pergunta de partida e elaborada a estrutura do trabalho de pesquisa de forma mais exacta possível, de acordo com os objectivos que nos propusemos atingir. Na elaboração da estrutura do trabalho foi englobado o desenvolvimento da teoria (objectivos do estudo e revisão da teoria), a selecção do caso (definição do processo operacional), e ainda preparação e selecção dos dados (selecção das técnicas de recolha de análise de dados).

Depois de estruturado o trabalho passou-se à fase de desenvolvimento. Nesta fase, fez-se a condução do estudo de casos com a realização de entrevistas e sua transcrição e recolha de material documental considerado relevante para o tema em questão.

Na terceira e última fase deste percurso, depois de feitas as transcrições das entrevistas e elaboradas as respectivas grelhas de análise de conteúdo, foi feita uma comparação entre os dados obtidos e o que vem mencionado na teoria de forma a perceber em que medida esta é confirmada, ou se existem conclusões que acrescentem algo ou estão em contradição com a mesma. Após uma revisão final de todo o trabalho, o mesmo foi dado por concluído.

Interessa referir ainda que a técnica de recolha de dados utilizada foi a entrevista semi-estruturada, por considerarmos ser aquela que permite obter do entrevistado alguma liberdade de pensamento, sem perder, no entanto, o fio condutor do discurso.

Aliada a esta técnica, recorreu-se ainda, de forma sistemática, à observação directa (o *“aqui e agora”* presenciados pelos intervenientes), que constituiu uma estratégia empírica fundamental que em muito contribuiu para a apresentação dos resultados finais; e à interacção constante entre os diferentes actores participantes em todo este processo activo.

A metodologia adoptada na pesquisa depende directamente do objecto em estudo, da sua natureza, amplitude e dos objectivos do pesquisador. Em geral, segundo Quivy e Campenhoudt (1992: 41), a intenção dos pesquisadores em ciências sociais não é só descrever, mas compreender os fenómenos e, para tanto, torna-se necessário recolher dados que mostrem o fenómeno de forma inteligível.

Para Eco (1993: 11) a pesquisa pode ser histórica ou teórica, dependendo do assunto a ser abordado. Ele salienta que em determinados assuntos a pesquisa ou a tese, entendida aqui como resultado da pesquisa, tende a ser exclusivamente histórica, em outros, ambos os tipos são aplicáveis. Explica-nos que *"uma tese teórica é aquela que propõe-se atacar um problema abstracto que pode já ter sido ou não objecto de outras reflexões..."*. Além disso, uma pesquisa teórica pode ter carácter experimental.

Gil classifica as pesquisas com base em dois critérios diferentes. A primeira classificação dá-se tendo em conta os seus objectivos gerais, sendo útil para o estabelecimento de seu fundamento teórico, e divide-as em três grandes grupos: exploratórias, descritivas e explicativas.

As pesquisas exploratórias visam *"proporcionar maior familiaridade com o problema, com vista a torná-lo mais explícito ou a construir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objectivo principal o aprimoramento de ideias ou a descoberta de intuições"* (Gil, 1994: 45).

Como pesquisa descritiva ele define: *"As pesquisas descritivas têm como objectivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenómeno ou, então, o estabelecimento de relações entre variáveis"*. (Gil, 1994: 46)

Pesquisas explicativas são consideradas as mais complexas e são caracterizadas por uma preocupação principal de identificar os factores determinantes ou que contribuem para a ocorrência dos fenómenos. É o tipo de pesquisa que mais aprofunda o conhecimento da realidade, pois explica a razão, o porquê das coisas.

O segundo critério classifica-as segundo o delineamento da pesquisa, ou seja, de acordo com os procedimentos técnicos de colecta e análise dos dados. Aqui também podem ser

distintos dois grandes grupos de delineamentos: as chamadas fontes de “*papel*” e aquele que obtêm os dados através das pessoas (Gil, 1994: 70).

No primeiro grupo, as chamadas fontes de papel, estão a pesquisa bibliográfica e a pesquisa documental. Cabe salientar que na maioria dos trabalhos científicos é exigido uma pesquisa bibliográfica, porém algumas pesquisas são desenvolvidas exclusivamente por meio dessas fontes. É o caso de grande parte dos estudos exploratórios.

No segundo grupo, onde os dados são conseguidos pelo pesquisador através de outras pessoas, encontram-se a pesquisa experimental, que representa o caso típico de pesquisa científica; a pesquisa *ex-post-facto*, onde o experimento ocorre baseado num facto já ocorrido; o levantamento, que consiste na interrogação directa das pessoas que são o foco da pesquisa; o estudo de caso(s), que caracteriza-se por um estudo profundo e completo de um ou poucos indivíduos, a fim de aumentar o conhecimento a respeito destes indivíduos ou seu comportamento; as histórias de vida, importantes fontes de acontecimentos vivenciados e experienciados na primeira pessoa. Ainda como parte deste grupo encontramos a pesquisa-acção e a pesquisa participante, onde o pesquisador e os pesquisados interagem de forma cooperativa ou participativa.

Para Triviños (1987: 101) a fundamentação teórica do estudo ou revisão da literatura, tem o seu papel bem definido como fundamento que orientará a pesquisa e é um componente indispensável a qualquer tipo de pesquisa. Lembra-nos que a palavra teoria, em sua etimologia grega significava observar, contemplar. Portanto, “*os instrumentos utilizados na pesquisa, o questionário, a entrevista, etc., para a recolha de informações, são iluminados pelos conceitos de uma teoria*”.

Fundamentado nas diferentes classificações anteriormente apresentadas, este projecto de investigação consiste num estudo de casos, uma vez que procedemos à análise de algumas situações particulares, visando o conhecimento específico dessas realidades.

Atendendo ao trabalho que nos propusemos realizar optamos por uma investigação de carácter descritivo, por ser a forma que melhor pode dar voz aos actores sociais nele envolvidos. Este é um tipo de estudo que permite, sem que os investigadores se envolvam na realidade estudada, observar indivíduos, grupos e instituições para que através dos instrumentos de pesquisa adequados, possam descrever, analisar e interpretar realidades e acontecimentos que constituem o seu objecto de investigação.

2. Questão de Partida e Objectivos do Estudo

Considerando que uma *“investigação é, por definição, algo que se procura. É um caminhar para um melhor conhecimento (...)”* (Quivy, 1998: 31) a *“pergunta de partida servirá de primeiro fio condutor”* (Quivy, 1998: 44) a todo o processo de investigação.

A pergunta de partida é o primeiro meio para se pôr em prática uma das dimensões essenciais deste processo científico – a ruptura com os preconceitos e as noções prévias, para isso é necessário que corresponda a critérios de clareza, exequibilidade e pertinência de modo a que destaque *“(...) os processos sociais, económicos, políticos ou culturais que permitem compreender melhor os fenómenos e os acontecimentos observáveis e interpretá-los mais acertadamente”* (Quivy, 1998: 43).

A formulação do problema de estudo cumpre um papel indispensável na fase inicial da formulação dos objectivos de pesquisa. A formulação do problema, muitas vezes é

precedida pela identificação de uma área ou tema geral de estudo que deverá ser relevante, restrito e sempre que possível e adequado um envolvimento pessoal, que poderá surgir devido a um interesse geral numa disciplina académica e ainda de um mero interesse pessoal e intelectual no tema (Moreira, 1994: 20).

No caso específico deste estudo o tema é a educação informal adquirida na já referida “*escola da Vida*” por adultos, portadores de uma sabedoria informal, os quais são transmissores de conhecimentos enriquecedores capazes de se perpetuarem nos actos dos seus descendentes, familiares, vizinhos e amigos.

Na verdade, ao longo da vida os sujeitos vão adquirindo um conjunto de hábitos, costumes, práticas, que se consubstanciam num vasto conjunto de conhecimentos informais que podem ser designados como sendo experiência de vida. Na relação entre a população sénior e os jovens pode existir algum choque de ideologia e valores, pois os tempos mudaram e com eles os seus hábitos e costumes, porém as gerações mais antigas como repositórios de conhecimentos e com uma vasta experiência têm sempre algo a ensinar. A educação transmitida pela população mais velha, tem a sua importância e, sem que nos apercebamos, reflecte-se na nossa maneira de ser, de estar, de sentir e na forma como perspectivamos e filtramos os conhecimentos que vamos adquirindo ao longo da nossa vida, de modo formal ou não.

Como refere Moreira (1994: 21), “ *a selecção de um tema não faz, porém, só por si, um projecto de pesquisa. Para que tal suceda, o tópico ou tema precisa ser convertido num problema específico*”. Daí a questão formulada “De que forma os hábitos e as mezinhas típicos da medicina tradicional, veiculados pela população sénior, influenciam os comportamentos, as representações e as atitudes, de jovens e adultos?”, como ponto de partida para o nosso estudo.

O presente trabalho de investigação pretende, portanto, averiguar até que ponto a população sénior, conhecedora de determinados hábitos e mezinhas típicos da medicina tradicional, influencia a nível comportamental os mais jovens, não só ao nível das atitudes, das acções, mas também a nível das representações na matéria, isto é, o que pensam sobre o assunto. Por outras palavras, o centro do estudo está nas relações e consequente transmissão de conhecimentos de geração em geração, dinamizada pelas gerações mais velhas: conhecimentos esses que envolvem a relação com o Sagrado e o Profano e com própria Medicina Tradicional.

Para Kelinger (1980), o problema constitui-se em uma pergunta científica, quando explícita a relação de dois ou mais fenómenos (factos, variáveis) entre si, *“adequando-se uma investigação sistemática, controlada, empírica e crítica”*.

Na verificação da validade científica de um problema, algumas questões devem portanto ser formuladas (Lakatos, 2000):

- Pode o problema ser enunciado em forma de pergunta?
- Corresponde a interesses pessoais, sociais e científicos, isto é, de conteúdo metodológico? Esses interesses estão harmonizados?
- Constitui-se o problema em questão científica, ou seja, relaciona entre si dois fenómenos (factos, variáveis)?
- Pode ser objecto de investigação sistemática, controlada e crítica?
- Pode ser empiricamente verificado em suas consequências?

Ora, o problema por nós colocado satisfaz todos os requisitos de validade científica na medida em que expressa uma relação entre duas ou mais variáveis – educação informal e atitudes e representações de jovens e adultos –, está formulado claramente e sem

ambiguidade como pergunta e pode ser objecto de investigação sistemática e empiricamente confirmado.

Neste contexto, definir o objecto de estudo é um passo fundamental para a consecução de uma boa investigação. O objecto empírico diz respeito ao fenómeno que se pretende estudar com as várias dimensões que o condicionam, sendo que no nosso caso o objecto de estudo é o papel e a importância da Educação Informal nas relações intergeracionais, tendo por base a relação estabelecida na medicina tradicional e nos actos que simbólicos que a formalizam. Pretende-se averiguar da importância e da influência da tradição oral e, por vezes, escrita na assunção de comportamentos, atitudes e representações associados ao uso e à aceitação (ou não) de medicina tradicional pelas gerações mais jovens.

Em concreto, com o estudo desenvolvido pretende-se não só “compreender a importância da Educação Informal enquanto veículo de influência de conhecimentos e de comportamentos entre gerações”, como ainda “averiguar de que forma a população sénior, através da sua Educação Informal, influencia os comportamentos dos mais novos, a partir do exemplo dos hábitos e mezinhas típicos da medicina tradicional”.

3. As Unidades de Análise

3.1. Identificação dos Grupos Geracionais Seleccionados

Na escolha da população entrevistada tivemos em consideração alguns critérios bastante específicos, consoante os dados que pretendíamos obter.

Assim sendo, foram seleccionados informantes com idades compreendidas entre os 41 e os 80 anos, que sempre residiram nos locais onde nasceram e aí mantiveram os seus laços familiares e de amizade, com vizinhos e amigos. Estes locais situam-se em concelhos bastante díspares quer a nível paisagístico quer no que diz respeito à sua localização espacial, um a Norte do país e outro a sul, como teremos oportunidade de verificar mais adiante.

Dos seis entrevistados, dois têm idade superior a 70 anos, referimo-nos à D. Nazaré¹³, com 74 anos e à D. Maria das Neves, com 80 anos, e os outros quatro têm idades que variam entre os 41 e os 64 anos.

Com excepção do entrevistado mais jovem, o Sr. Manuel, que concluiu o 10º ano de escolaridade, nenhum dos outros concluiu a instrução primária (aliás, um deles nem sabe ler nem escrever), logo, aquilo que sabem aprenderam no convívio com os outros, com as pessoas mais chegadas, parentes, vizinhos e amigos e, por essa razão, são portadores de valiosos conhecimentos informais, não adquiridos na instituição escolar, mas sim na chamada “escola da vida”, à qual já nos referimos anteriormente.

Os entrevistados foram, portanto, seleccionados tendo em conta a formação de dois grupos bem distintos, com critérios também eles bem específicos. Vejamos para tal as informações contidas no quadro a seguir apresentado:

¹³ Todos os nomes mencionados, relacionados com os entrevistados, são fictícios para preservar as identidades dos inquiridos e não ferir susceptibilidades.

Quadro 1 – Grupos de Informantes

1º Grupo de informantes	2º Grupo de informantes
<ul style="list-style-type: none">• Fazer parte da população sénior, com mais de 70 anos• Habitar em pontos diferentes do país• Ser portador de determinados conhecimentos populares observados ou passados de geração em geração através da educação informal ou baseados em imitação ou experiência pessoal;• Possuir conhecimentos a nível da medicina tradicional, ou seja, saber fazer mezinhas, rezas, entre outras coisas, que curam as pessoas de determinados males• Ter vivenciado algumas experiências práticas	<ul style="list-style-type: none">• Pertencer a uma geração mais jovem que o 1º grupo• Viver no mesmo local que os mesmos• Manter laços familiares ou afectivos com um dos sujeitos pertencentes ao 1º grupo• Possuir ou não conhecimentos informais adquiridos com os idosos mencionados ou com outros• Ter vivenciado ou não algumas experiências práticas

Como podemos constatar, tratou-se de uma escolha intencional, de acordo com o perfil e daquilo que foi possível saber acerca das pessoas antes das respectivas entrevistadas, assim como foi tido em conta o respectivo interesse para o estudo.

3.2. Delimitação dos Espaços de Investigação

O espaço de investigação seleccionado teve em conta duas localidades bem distantes a nível geográfico de forma propositada: uma a Norte e outra a Sul do país, respectivamente Beira Alta e Alentejo.

Optou-se por estas regiões devido principalmente ao facto de existirem entre elas diferenças significativas a nível paisagístico, climático, a nível do falar, dos costumes e tradições, a nível culinário, entre muitas outras, tantas vezes observadas e referidas pela população portuguesa em geral. São, portanto, duas regiões que revelam algum interesse, quer pelas variantes referidas, quer ainda pelo facto de se situarem a cerca de 600 Km de distância uma da outra.

Sendo diferentes, pelas razões mencionadas, garantiram recursos informativos também distintos que, no caso concreto, beneficiou o nosso trabalho de investigação.

Refira-se ainda que foi seleccionado especificamente o concelho de Armamar, Distrito de Viseu, pelo facto de aí se localizarem as minhas origens e aí residirem ainda actualmente grande parte dos meus familiares e amigos. Além disso, este foi ainda o lugar onde, inúmeras vezes, tive oportunidade de observar o uso da medicina tradicional, o local onde viveu a minha avó, já falecida, mas grande conhecedora também desta matéria.

Por sua vez, o Concelho de Odemira surgiu de forma ocasional, em conversa com algumas pessoas que referiram a entrevistada mais idosa, aí nascida e residente, como sendo grande conhecedora a nível da medicina tradicional, sendo considerada por muitos como uma “*santa*”, uma mulher verdadeiramente entendida sobre o assunto e que, segundo os mesmos, “*vale a pena conhecer*”... e foi isso que fizemos.

3.2.1. Caracterização dos Espaços de Investigação

Expostas as razões pelas quais foram seleccionadas as regiões onde foram realizadas as entrevistas, procederemos de seguida à caracterização desses mesmos espaços, tendo em consideração que estes são os lugares de onde são naturais os entrevistados, onde sempre viveram e vivem, criaram os seus filhos, e sempre fomentaram verdadeiros laços familiares e de amizade, com vizinhos e amigos.

Estes são os espaços por excelência onde se proporcionou toda uma transmissão de conhecimentos intergeracionais, onde se pôs em prática toda uma série de conhecimentos informais relacionados com a medicina tradicional e que parecem resistir, apesar dos tempos modernos.

Situada na Beira Alta, Armamar¹⁴ é uma vila pertencente ao Distrito de Viseu, com cerca de 1200 habitantes. O município é limitado a norte pelo município do Peso da Régua, a nordeste por Sabrosa, a leste por Tabuaço, a sueste por Moimenta da Beira, a sudoeste por Tarouca e a oeste por Lamego.

A Armamar pertencem as freguesias de Aldeias, Aricera, Armamar, Cimbres, Coura, Folgosa, Fontelo, Goujoim, Queimada, Santa Cruz, Santiago, Santo Adrião, São Cosmado, São Martinho das Chãs, São Romão, Tões, Vacalar e Vila Seca.

Ora, foi precisamente em S. Romão, uma aldeia pequenina com apenas 233 habitantes, que encontramos a D^a Nazaré¹⁵ e a sua vizinha e comadre, a D^a Odete. Numa aldeia mesmo ao lado, com cerca de 376 habitantes, encontramos a sua sobrinha, a D^a Júlia.

¹⁴ Acedido a 18 de Junho de 2008, em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Armamar>

¹⁵ Todos os nomes mencionados, relacionados com os entrevistados, são fictícios para preservar as identidades dos inquiridos e não ferir susceptibilidades.

Na encosta de um monte repleto de vinha, Armamar é uma terra encantada de origem goda, muitos e muitos séculos antes de formada a nação. Por aqui passou Egas Moniz, o ilustre aio do primeiro rei de Portugal, que tantas obras immortalizou nas páginas da história da região.

Concelho onde a partilha do território se faz com harmonia entre extensos pomares de maçãs e longas e verdes fileiras de vinha, Armamar é terra de miradouros de suste a respiração e paisagens de perder de vista.

Armamar tem uma distribuição de cultivos agrícolas coerente com a sua situação geográfica peculiar e excepcional: a norte temos os terrenos virados à margem sul do Rio Douro com as quintas e vinhas produtoras dos vinhos do Douro e Porto a dominar a paisagem; a sul predominam os pomares de macieiras que têm vindo a substituir outras culturas que eram praticadas muito na lógica da subsistência: batata, cereal, entre outros. Por sua vez, a castanha também tem um peso relativamente significativo na agricultura do município e os frutos são bem escoados no mercado nacional.

Grande parte das suas 19 freguesias apresenta uma arquitectura tradicional que aliada à zona montanhosa confere bons pontos de atracção. Para além de todos estes interesses, o concelho destaca-se ainda pelo seu artesanato, com toalhas bordadas, cestaria, tanoaria e trabalhos em xisto.

Caracteriza, contudo, este concelho o crescente envelhecimento populacional que se tem verificado nos últimos dez anos, com um número cada vez maior de emigrantes, sobretudo em Espanha, França e Suíça. O nível de instrução é conseqüentemente bastante baixo.

Nesta região, sobretudo no Verão, é dada grande importância às festas religiosas, com procissões monumentais, bandas de música, actuações de grupos musicais e romarias às capelas dos respectivos santos.

Por sua vez, situada num monte, na margem direita de um afluente da ribeira de Campilhas, a freguesia de Colos¹⁶, que faz parte do Baixo Alentejo, pertence ao distrito de Beja e dista da sua sede de concelho – Odemira – cerca de 28 km.

Esta freguesia compreende os lugares de: Abegoa, Afincerna, Almarjanita, Almarjão, Alavretes, Amendoeira, Atalaia, Bebedouro, Cabreiro, Cai-Logo, Campo Redondo, Casa Nova, Castelo de Ladrões, Chaminé, entre outros.

Com cerca de 60 habitantes, Campo Redondo é o pequeno lugar onde encontramos a Sr^a D. Maria das Neves, a seu filho Arlindo e D^a Amélia, sua vizinha.

A actividade económica nesta localidade é predominantemente agrícola, com destaque para a pecuária, registando-se várias unidades industriais de pequena dimensão, sobretudo nas áreas da carpintaria, oficinas de mecânica, cortiça e cerâmica. O comércio é essencialmente retalhista, sendo quase inexistente nalgumas aldeias vizinhas. O turismo é um sector económico ainda por explorar, tendo em conta a beleza natural da região e as suas potencialidades.

Esta região apresenta uma situação de atraso sócio-económico, causado em grande parte pela desertificação humana e conseqüente isolamento do meio, envelhecimento da população, baixo nível de instrução, elevada taxa de desemprego e excessivo peso da actividade no sector primário. No entanto, é de registar que desde os anos 90 até aos

¹⁶ Acedido a 18 de Junho de 2008, em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Colos>

dias actuais, tem-se assistido à fixação de comunidades estrangeiras provenientes da Alemanha, Holanda, Suíça e países de leste.

A nível cultural e desportivo, são poucos os recursos existentes. Contudo formaram-se algumas associações desportivas e grupos corais de cantares típicos alentejanos. Não se registam festas populares com grande participação da comunidade, apenas algumas festas de índole religioso, largada de touros, feiras e organizações de jogos de futebol entre as localidades próximas.

A rede de transportes que serve esta região é quase nula, dificultando a deslocação das pessoas entre as diversas e distantes localidades.

4. Técnicas de Recolha de Informação

“A entrevista é como um casamento; toda a gente sabe o que é, muitos passaram por isso mas mesmo assim por detrás de cada porta fechada há sempre um mundo de segredos” Ann Oakley (citado por Moreira, 1994: 133).

De acordo com Afonso (2005), é possível aplicar diversas abordagens metodológicas da investigação da educação, tendo em conta os diferentes elementos analíticos e também o propósito do estudo.

Tendo em atenção a temática deste trabalho considerou-se que o tipo de pesquisa que melhor se adequava era a qualitativa, uma vez que não se preocupa com a representatividade numérica, mas sim com o aprofundamento da compreensão, neste caso, de um grupo social. Os pesquisadores que adoptam a abordagem qualitativa opõem-se ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as

ciências, já que as ciências sociais têm a sua especificidade, o que pressupõe uma metodologia própria. Assim, os pesquisadores qualitativos recusam o modelo positivista aplicado ao estudo da vida social, uma vez que o pesquisador não pode fazer julgamentos nem permitir que os seus preconceitos e crenças contaminem a pesquisa (Goldenberg, 1999).

Os pesquisadores que utilizam os métodos qualitativos procuram explicar o porquê das coisas, exprimindo o que convém ser feito, mas não quantificam os valores e as trocas simbólicas nem se submetem à prova de factos, pois os dados analisados são não-métricos (suscitados e de interação) e valem-se de diferentes abordagens. Explica Deslauriers (1991: 58) que *“Le but de l'échantillonnage est de produire le maximum d'information: qu'il soit petit ou grand importe peu pourvu qu'il produise de nouveaux faits”*¹⁷.

Embora se tenha escolhido como tipo de pesquisa a abordagem qualitativa, é oportuno referir que a investigação social, usualmente, serve-se tanto de elementos da pesquisa qualitativa, como da quantitativa (Moreira, 1994: 93.). Mesmo que a pesquisa seja qualitativa, muitas vezes recorre a métodos quantitativos, como sejam os inquéritos e estatísticas oficiais.

Quanto aos instrumentos de recolha de dados, e de acordo com os pressupostos da metodologia qualitativa, utilizámos, para a concretização do nosso estudo, a entrevista semi-estruturada com vista a um consequente Estudo de Casos.

¹⁷ Apresenta-se a respectiva tradução livre: *“O objectivo da amostragem é produzir o máximo de informação: seja pequeno ou grande, pouco importa, desde que produza novos factos”*.

Optámos pela entrevista por ser a técnica de recolha de informação “*que se presta bem a uma utilização pedagógica pelo carácter muito preciso e formal da sua construção e da sua aplicação prática*” (Quivy, 1998: 186).

A entrevista é definida por Haguette (1997:86) como um “*processo de interacção social entre duas pessoas na qual uma delas, o entrevistador, tem por objectivo a obtenção de informações por parte do outro, o entrevistado*”. A entrevista como colecta de dados sobre um determinado tema científico é a técnica mais utilizada no processo de trabalho de campo. Através dela os pesquisadores buscam obter informações, ou seja, colectar dados objectivos e subjectivos. Os dados objectivos podem ser obtidos também através de fontes secundárias tais como: censos, estatísticas, etc. Já os dados subjectivos só poderão ser obtidos através da entrevista, pois o que está em causa são os valores, as atitudes e as opiniões dos sujeitos entrevistados.

A preparação da entrevista é, por conseguinte, uma das etapas mais importantes da pesquisa que requer tempo e exige alguns cuidados, entre eles destacam-se: o planeamento da entrevista, que deve ter em vista o objectivo a ser alcançado; a escolha do entrevistado, que deve ser alguém que tenha familiaridade com o tema pesquisado; a oportunidade da entrevista, ou seja, a disponibilidade do entrevistado em fornecer a entrevista que deverá ser marcada com antecedência para que o pesquisador se assegure de que será recebido; as condições favoráveis que possam garantir ao entrevistado o segredo de suas confidências e de sua identidade e, por fim, a preparação específica que consiste em organizar o roteiro ou formulário com as questões importantes (Lakatos, 1996).

Quanto à formulação das questões o pesquisador deve ter cuidado para não elaborar perguntas absurdas, arbitrárias, ambíguas, deslocadas ou tendenciosas. As perguntas

devem ser feitas levando em conta a sequência do pensamento do entrevistado, ou seja, procurando dar continuidade à conversa, conduzindo a entrevista com um certo sentido lógico para o entrevistado. Para se obter uma narrativa natural muitas vezes não é pertinente fazer uma pergunta directa, mas sim fazer com que o entrevistado relembre parte de sua vida. Para tanto o pesquisador pode muito bem ir suscitando a memória do entrevistado (Bourdieu, 1999).

A entrevista deve proporcionar ao entrevistado bem-estar para que ele possa falar sem constrangimento de sua vida e de seus problemas e quando isso ocorre surgem discursos extraordinários. Bourdieu (1999) cita que os entrevistados mais carentes geralmente aproveitam essa situação para se fazerem ouvir, dar a conhecer aos outros as suas experiências e muitas vezes é até uma ocasião para eles se explicarem, isto é, construir os seus próprios pontos de vista sobre eles mesmos e sobre o mundo. Por vezes esses discursos são densos, intensos e dolorosos e dão um certo alívio ao entrevistado, alívio por falarem e ao mesmo tempo reflectirem sobre determinados assuntos. Nestes casos podemos até falar em uma auto-análise provocada e acompanhada.

No nosso estudo, tivemos, sem dúvida, em atenção todos os aspectos anteriormente mencionados relacionados com esta técnica de recolha de informação e nunca nos esquecemos que no momento da entrevista estávamos a conviver com sentimentos, afectos pessoais, fragilidades. Nunca nos esquecemos que cada um dos nossos entrevistados faz parte de uma singularidade, cada um deles tem uma história de vida diferente, tem uma existência singular.

Tivemos ainda em conta que a presença do gravador, numa ou outra entrevista, causou alguma inibição, constrangimento, aos entrevistados. Temos como exemplo concreto o

facto de a D. Júlia perguntar várias vezes no decorrer da nossa entrevista: “*Posso falar?*”, “*Isso está a funcionar?*”, “*Quer que repita?*” ou “*Já lá ficou?*”.

Daí que durante a entrevista tenhamos estado sempre prontos a enviar sinais de entendimento e de estímulo, com gestos, acenos, olhares e também sinais verbais como de agradecimento e de incentivo. O entrevistado deve notar que o entrevistador está atento, interessado na sua narrativa, logo este deve intervir o menos possível para não quebrar a sequência do pensamento.

Para além da importância que se deve dar ao ambiente envolvente à aplicação da entrevista, deve-se ainda ter em conta uma das etapas mais importantes da pesquisa que requer tempo e exige alguns cuidados, a preparação da entrevista e as diferentes etapas a ter em atenção para a concretização da mesma.

Assim sendo, para a concretização da nossa entrevista, tivemos em atenção:

- o planeamento, o qual teve em vista o objectivo a ser alcançado, ou seja, averiguar até que ponto existe transmissão de conhecimentos informais entre gerações, no que diz respeito ao caso concreto da medicina tradicional;
- a escolha dos entrevistados, pois tinha que ser alguém que demonstrasse familiaridade com o tema pesquisado;
- a oportunidade das entrevistas, ou seja, a disponibilidade dos entrevistados em fornecer as entrevistas que devem ser marcadas com antecedência para que o pesquisador se assegure de que será recebido;
- as condições favoráveis que possam garantir ao entrevistado o segredo de suas confidências e de sua identidade
- e, por fim, a preparação específica que consiste em organizar o roteiro ou formulário com as questões importantes (Lakatos, 1996).

Quanto à formulação das questões o pesquisador deve ter cuidado para não elaborar perguntas absurdas, arbitrárias, ambíguas, deslocadas ou tendenciosas. As perguntas devem ser feitas levando em conta a sequência do pensamento do entrevistado, ou seja, procurando dar continuidade na conversação, conduzindo a entrevista com um certo sentido lógico para o entrevistado. Por exemplo, para se obter uma narrativa natural muitas vezes não é interessante fazer uma pergunta directa, mas sim fazer com que o pesquisado relembre parte de sua vida. Para tanto o pesquisador pode muito bem ir suscitando a memória do pesquisado (Bourdieu, 1999).

Daí a necessidade de se formular um guião¹⁸: de acordo com Afonso (2005), o guião é construído a partir das questões de pesquisa e eixos de análise do projecto de investigação. A estrutura da entrevista é organizada por objectivos, que contemplam várias questões, que por sua vez correspondem a vários itens ou tópicos, que servem para gerir o discurso do entrevistado em relação a cada pergunta.

Dado que as questões devem ser elaboradas tendo em conta as dimensões e sub-dimensões que pretendemos estudar, o nosso trabalho foi planeado tem em conta as informações que constam do quadro que a seguir se apresenta:

¹⁸ Apresenta-se em Anexo I o guião da entrevista elaborado e utilizado no decorrer da investigação.

Quadro II – Dimensões e Sub-dimensões

Entrevista	
Dimensões	Sub-dimensões
A) Perfil Individual	▪ Características sócio-biográficas
B) A Utilização da Medicina Tradicional	▪ Com Aprendeu ▪ Importância Atribuída ▪ Experiências / Práticas
C) A Transmissão da Experiência / Sabedoria	▪ Destinatários / Quem: Como ▪ A Importância / Valor Atribuído pelos Outros

As dimensões apresentadas justificam a questão de partida¹⁹, na medida em que em ambos os casos foram tidas em conta determinadas características relacionadas com a individualidade dos entrevistados: tinham que pertencer a uma determinada faixa etária (população idosa / jovens ou adultos, consoante o caso).

Além disso, era ainda importante colocar questões do ponto de vista relacional, isto porque só consegue influenciar, ensinar, transmitir conhecimentos quem se relaciona com o(s) outro(s), quer seja no seio familiar quer na comunidade onde está inserido.

¹⁹ Relembro que a questão de partida para o presente trabalho de investigação é: “De que forma os hábitos e as mezinhas típicos da medicina tradicional veiculados pela população sénior influenciam, os comportamentos, as representações e as atitudes, de jovens e adultos?”.

Dado que foram auscultadas a duas partes intervenientes neste processo de transmissão / aquisição de conhecimentos, tentou-se ainda verificar até que ponto esses conhecimentos influenciaram familiares e vizinhos a nível das atitudes (acções) e das representações (o que pensam sobre).

Relembre-se, a este propósito, que as entrevistas variam mediante o seu grau de estruturação, apresentando três tipos (Moreira, 1994: 133):

- a entrevista estruturada;
- a não estruturada;
- e a semi-estruturada (aquela pela qual optamos).

As entrevistas estruturadas, também designadas de padronizadas ou sistemáticas, são aquelas que têm um formato rígido, no qual as questões e a sequência de apresentação são invariáveis (Moreira, 1994), sendo que o investigador tem uma noção clara dos dados que pretende recolher (Azevedo & Azevedo, 2004: 30). É utilizada quando é importante minimizar a variação entre as questões postas ao entrevistado.

No que diz respeito às entrevistas não estruturadas, ou abertas, o investigador apenas dispõe de uma lista de tópicos que quer que o entrevistado aborde e as questões emergem do contexto imediato (Moreira, 1994: 133). O entrevistador promove, encoraja e orienta a participação do sujeito ao máximo.

No caso concreto do nosso estudo, optamos pela realização de entrevistas semi-estruturadas às duas unidades-chave de análise, pertencentes ao grupo dos indutores do processo formativo, pois não foi nossa intenção criar um contexto de entrevista formal, mas sim estabelecer uma conversação focada em determinados assuntos, anteriormente referidos, daí que nos tenhamos baseado num guião de entrevista adaptável e não rígido ou pré-determinado. Apesar de o entrevistador ter as perguntas previamente preparadas,

a maioria das mesmas geraram-se à medida que a entrevista decorreu, permitindo ao entrevistador e ao entrevistado a flexibilidade para aprofundar ou confirmar, se necessário. É uma entrevista que pode ser planeada ou acontecer espontaneamente, podendo permitir a recolha de muitos e importantes dados geradores de informação quantitativa e qualitativa.

Após a realização das entrevistas, há que ter ainda em conta todo o processo de transcrição²⁰, o qual é muito importante que seja rigoroso e registe, com a maior fidelidade possível, todas as intervenções verbais, e não verbais, do entrevistado e do entrevistador. É, por isso, de toda a conveniência que as entrevistas sejam transcritas por aquele que as realizou. No entanto, é preciso assumir que, relativamente ao *para-verbal* (ex. mudanças de entoação, pausas, silêncios, gestualidade, hesitações) algumas falhas de registo, são inevitáveis, constituindo uma, relativa, perda de informação.

Por estes motivos, consideramos que a transcrição, longe de ser uma tarefa automática, corresponde sim a uma técnica afinada. Atkison & Heritage (1984) consideram que a transcrição é uma etapa essencial para a pesquisa, na medida em que envolve uma escuta repetida e atenta do material recolhido.

A escuta repetida acaba por revelar as características específicas da organização do discurso oral, permitindo uma percepção global e, em simultâneo, uma percepção parcelar, relacionada com os elementos repetidos (pausas, hesitações) que, muitas vezes, marcam os ritmos e os momentos da situação de entrevista.

Neste contexto, são de suma importância outras técnicas de recolha de dados, às quais recorreremos no nosso estudo, que vêm obrigatoriamente interligadas à entrevista, a

²⁰ Apresenta-se em Anexo II, as respectivas transcrições das entrevistas realizadas.

observação directa e a interacção constante que existe entre os intervenientes neste processo, no seu *habitat*, no local onde vivem e onde mantêm as suas relações.

A observação directa, comum, informal, ajuda o pesquisador a “*identificar e obter provas a respeito de objectivos sobre os quais os indivíduos não têm consciência, mas que orientam o seu comportamento*” (Lakatos, 1996:79) e também obriga o pesquisador a ter um contacto mais directo com a realidade. Esta técnica é denominada observação assistemática, pois o pesquisador procura recolher e registar os fatos da realidade sem a utilização de meios técnicos especiais, ou seja, sem planeamento ou controle. Geralmente este tipo de observação é empregado em estudos exploratórios sobre o campo a ser pesquisado.

A observação directa, no caso concreto do nosso estudo, foi importante uma vez que possibilitou confirmar como se fazem determinados gestos, como o sinal da cruz, no final das benzeduras, permitiu visualizar algumas plantas e objectos necessários para a concretização das mesmas, e permitiu ainda observar expressões faciais no mínimo interessantes e reveladoras de alguns sentimentos demonstrados em relação a determinados assuntos abordados.

Finalmente, muito contribuiu para a recolha de informações o recurso a diversas fontes documentais, como variadas obras, publicações, documentos e teses referentes ao tema em estudo. É claro e deve-se salientar ainda o recurso a outra tecnologia deveras importante nos dias de hoje, a internet, com as suas mais variadas fontes de informação.

5. Técnicas de Análise de Informação

Cada tipo de investigação social deve apresentar uma elaboração específica em relação ao seu objecto de estudo e o procedimento científico em Ciências Sociais deve apresentar um método conclusivo para a pesquisa.

Como já foi referido anteriormente, com base na fundamentação teórica e na sequência das questões da pesquisa, traçámos um estudo marcado por uma abordagem qualitativa, segundo Afonso (2005: 118) “*o material empírico qualitativo é constituído por textos de diversas origens (...) que o investigador deve explorar e mapear a partir dos seus objectivos de pesquisa ...*”. Ora, dado que se pretendeu conseguir uma correcta análise do material recolhido, nesta investigação foi escolhida como técnica de tratamento de dados a Análise de Conteúdo, que é hoje uma das técnicas ou métodos mais comuns na investigação empírica realizada pelas diferentes ciências humanas e sociais.

Trata-se de um método de análise textual que se utiliza em questões abertas de questionários e (sempre) no caso de entrevistas. Utiliza-se na análise de dados qualitativos, na investigação histórica, em estudos bibliométricos ou outros em que os dados tomam a forma de texto escrito.

A análise de conteúdo, segundo a conhecida definição de Berelson (1952), é “*uma técnica de investigação para a descrição objectiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação*”. Para que seja objectiva, tal descrição exige uma definição precisa das categorias de análise, de modo a permitir que diferentes pesquisadores possam utilizá-las, obtendo os mesmos resultados; para ser sistemática, é necessário que a totalidade de conteúdo relevante seja analisada com relação a todas as

categorias significativas; a quantificação permite obter informações mais precisas e objectivas sobre a frequência da ocorrência das características do conteúdo.

Segundo Cohen (2003) existem três etapas fundamentais para fazer uma análise de conteúdo:

- Primeira etapa – Leitura inicial dos documentos para uma apreensão sincrética das suas características e avaliação das possibilidades de análise;
- Segunda etapa – Determinação dos objectivos da análise de acordo com as hipóteses emitidas;
- Terceira etapa – determinação das regras de codificação, passando-se a considerar como unidade de enumeração ou de contagem cada redacção, unidade de registo ou unidade de significação a codificar, tendo em vista a categorização e contagem de frequência, a proposição.

Por proposição entende-se uma afirmação, uma declaração, um juízo (ou uma interpretação ou uma negação), uma frase ou um elemento de frase, que estabeleça uma relação lógica entre dois ou mais termos, e que, em princípio, é uma unidade auto-suficiente.

A unidade de contexto é um segmento da mensagem cujo tamanho é superior à unidade de registo e que ajuda a apreender a significação exacta da unidade de registo.

Cada categoria é definida operacionalmente pelos seus indicadores, cujo levantamento deve ser exaustivo e preciso; a determinação das categorias deverá obedecer a critérios de coerência, homogeneidade, exclusividade recíproca e que sejam exaustivos; a validade e a fidelidade das categorias devem ser testadas, ou seja, submeter o mesmo texto a vários analistas. Berelson (1952), a propósito da escolha das categorias, dizia: *“Os estudos...serão produtivos na medida em que as categorias sejam claramente*

formuladas e bem adaptadas ao problema e ao conteúdo (a analisar)”. Existem diversas categorias usuais de análise como “objecto”, “valores”, métodos”, “tempo” e outros.

Neste sentido e tendo em conta que o tratamento de informação qualitativa é um processo ambíguo, moroso, reflexivo, que necessita de estar sempre a ser aperfeiçoado, a formatação do instrumento constrói-se à medida que os dados vão sendo organizados e trabalhados através do processo analítico e interpretativo (Afonso, 2005).

Fundamentada nas diferentes teorias anteriormente apresentadas e em equidade com o estudo que se pretendeu realizar, foi, tal como sugerido por Cohen, feita uma leitura inicial dos documentos para uma apreensão sincrética das suas características e avaliação das possibilidades de análise; posteriormente, foram elaboradas grelhas de análise de conteúdo²¹, com vista a sintetizar e destacar informação relevante de acordo com os objectivos que se pretendiam atingir; e, por fim, procedeu-se à análise e discussão da informação recolhida, com vista à comparação e interpretação de dados relevantes, como veremos mais adiante.

²¹ Apresenta-se em Anexo III, as Grelhas de Análise de Conteúdo.

Parte III

Análise e Discussão da Informação Recolhida

Capítulo I – Análise da Informação Recolhida

1. Introdução

Para efeitos de análise procedeu-se à designação dos entrevistados por E1 (D. Nazaré), E2 (D. Maria das Neves), E3 (D. Júlia), E4 (D. Odete), E5 (D. Lina) e E6 (Sr. Manuel).²²

Para a análise dos dados recolhidos foram elaboradas, a partir das entrevistas semi-estruturadas realizadas no terreno, seis grelhas de análise de conteúdo²³, as quais contemplam três dimensões: A) Perfil Individual, B) A Utilização da Medicina Tradicional e, finalmente, C) A Transmissão da Experiência / Sabedoria.

Mencionadas as dimensões, foram, posteriormente, delineadas algumas sub-dimensões consideradas importantes para o nosso estudo. Assim sendo, dentro da dimensão A foram tidas em conta as “características sócio-biográficas” dos inquiridos. Por sua vez, na dimensão B consideraram-se as sub-dimensões “Como Aprendeu” – como começou a praticar o entrevistado a medicina tradicional –, a “Importância Atribuída” – as representações acerca da medicina tradicional, se acredita e porquê – e ainda as Experiências / Práticas vivenciadas pelos inquiridos. Finalmente, no que diz respeito à dimensão C, foi nosso objectivo trabalhar a nível da transmissão de conhecimentos, no sentido de apurar os “Destinatários” desses conhecimentos e a “Importância / Valor” atribuído por todos aqueles que, de alguma forma, contactaram com esta sabedoria popular.

Para uma melhor clareza de informação do que anteriormente foi referido, veja-se o quadro a seguir apresentado:

²² Tal como foi referido anteriormente, todos os nomes mencionados são fictícios para preservar a identidade dos inquiridos e não ferir susceptibilidades.

²³ As Grelhas de Análise de Conteúdo são apresentadas em Anexo III.

Quadro III – Dimensões e Sub-dimensões contempladas nas Grelhas de Análise de Conteúdo

Dimensões	Sub-dimensões
D) Perfil Individual	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Características sócio-biográficas
E) A Utilização da Medicina Tradicional	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Com Aprendeu ▪ Importância Atribuída ▪ Experiências / Práticas
F) A Transmissão da Experiência / Sabedoria	<ul style="list-style-type: none"> ▪ Destinatários / Quem: Como ▪ A Importância / Valor Atribuído pelos Outros

Com as Grelhas de Análise de Conteúdo pretende-se não só sintetizar informação, mas também estabelecer, quer uma análise individual, quer comparativa da informação recolhida relevante para o nosso estudo.

2. Características Sócio-biográficas

Desde a Antiguidade, a reflexão dos homens acerca de sua própria natureza girou em torno de duas questões centrais: as suas semelhanças e as suas diversidades, constituindo-se essa questão um dos principais eixos da reflexão filosófica. Segundo Cool e outros (1996), se é evidente que os seres humanos compartilham de várias

características que os diferenciam de outras espécies, não é tão claro que entre nós haja diferenças substanciais de carácter físico e psicológico.

Certo é, no entanto, que existem entre nós, seres humanos, diversas características pessoais, objectivas que nos individualizam e distinguem, como seja, aquelas que têm a ver com o nosso percurso individual de vida, com a nossa biografia, e aquelas características que vamos adquirindo em contacto com a sociedade onde estamos inseridos.

A partir da análise da sub-dimensão “características sócio-biográficas” podemos concluir que cinco dos seis entrevistados pertencem ao sexo feminino e, a nível das faixas etárias, podemos constatar que existem três grupos, um com idades compreendidas entre os 70 – 80 anos (E1 e E2), outro com idades entre os 60 – 65 anos (E4 e E5) e, por fim, dois entrevistados com idades compreendidas entre os 40 – 49 (E3 e E6).

É de relembrar (uma vez que já foi referido no ponto II – Metodologia) que se tratam de indivíduos residentes em dois locais distintos do país, no norte, no concelho de Armamar (Beira Alta) – E1, 3 e 4 – e no sul, no concelho de Odemira (Baixo Alentejo) – E2, 5 e 6.

Todos os entrevistados são unânimes em afirmar que são católicos, sendo que apenas dois não são praticantes, tratando-se curiosamente de mãe (E2) e filho (E6). A primeira refere que tal facto se deve à grande distância em que se encontra da igreja mais próxima, não se podendo esta deslocar com a frequência desejada para assistir às cerimónias religiosas. Aliás, o isolamento em que os entrevistados da zona sul vivem parece ser um problema partilhado por todos, se bem que uns têm mais facilidade de se deslocarem do que outros, pois têm o marido ainda vivo, o qual conduz.

Já o seu filho (E6) não consegue justificar o facto de não frequentar a Igreja, diz ele “*não sei porquê não me dá p’ra ir*”. Ambos consideram-se, no entanto, crentes e respeitam as práticas cristãs.

Quanto ao estado civil, três dos entrevistados são casados (E3, E4 e E5), dois são viúvos (E1 e E2) e apenas um, o sujeito mais novo, é divorciado (E6). É de salientar ainda que este último mencionado é aquele que frequentou a escola até mais tarde – “*fiz o 10º ano com muito esforço*” –, sendo que os outros entrevistados ou não frequentaram a escola (E2) ou ficaram pela 2ª classe (E5 e E1) ou pela 3ª classe (E3 e E4). Para tal, os entrevistados, em geral, alegam os tempos difíceis que se viviam na altura, era preciso trabalhar desde muito cedo para ajudar para a casa: “*Éramos pobres e os tempos eram difíceis. Éramos muitas bocas a comer...*”, justifica a E3, “*No meu tempo, não tínhamos escola, nunca aprendi a ler nem a escrever...*”, afirma a E2. Já as E1 e 4 alegam que em muito contribuiu para “*a não ida à escola*” o excesso de autoritarismo dos professores da altura, pois levavam muitas reguadas e isso assustava-as: “*a minha mãe chamava-me para ir p’ra escola e doía-me a barriga, estava toda a manhã na cama... ficava doente com os nervos.*” (E1); “*eu tinha um medo da professora que me pelava, não vê que até fiquei um bocadinho gaga com o medo.*” (E4).

Os entrevistados casaram-se ou juntaram-se quase todos muito jovens, com idades compreendidas entre os 17 e os 20 anos (E1, 2, 3 e 5), sendo excepção a E4 que casou com 31 anos. O E6 não faz referência a este facto, uma vez que parece sentir-se ainda melindrado com a questão do divórcio. Este é ainda o único indivíduo que não tem descendentes, todos os outros entrevistados têm entre dois a seis filhos, sendo que são os indivíduos mais idosos que mais filhos têm. Os descendentes dos indivíduos

entrevistados, ao contrário de alguns pais, frequentaram todos a escola e os estudos destes variam entre a 4ª classe e a licenciatura.

Saliente-se ainda quase todos os descendentes dos entrevistados moram longe, no estrangeiro ou nas grandes cidades, para onde foram à procura de melhores condições de vida. Apenas os E2 e E3 residem com os filhos, o primeiro divorciado e o segundo ainda solteiro.

Todos os entrevistados são provenientes de famílias numerosas e começaram a trabalhar desde muito jovens no campo, um dos poucos meios de subsistência na época. Destaca-se o E6 que se dedicou ainda muito jovem também à construção civil, por influência do pai.

3. A Utilização da Medicina Tradicional: Como Aprendeu?

"O cérebro é para a aprendizagem o que o estômago é para a digestão, as pernas para o movimento ou os olhos para a visão. Está sempre a aprender! (...) O ser humano está otimizado para a aprendizagem e esta não deve existir só na escola, é um problema da sociedade e da sua respectiva cultura. (...) Quem ensina requer saber o que é e como é o cérebro e compreender o processo de aprendizagem com base nesse conhecimento. (...) Tudo se aprende e aprende-se para a vida" (Manfred Spizer, 2007).

Podemos transformar a nossa vida num permanente, paciente, afectuoso e emocionante processo de aprendizagem. Em todos os momentos, em todos os espaços, em todos os nossos tempos, em todas as situações podemos aprender muito ou pouco, dependendo da atitude profunda em relação à nossa motivação.

Quanto mais avançamos em idade, mais claramente mostramos o que aprendemos, o que somos, em que nos transformamos, o que é autêntico e o que não é. Cada um de nós, com o passar dos anos, vai revelando, através dos seus actos e palavras, o que aprendeu realmente no contexto escolar ou fora dele, até onde evoluiu.

Cada etapa da vida tem o seu fascínio, os seus motivos para gostar de aprender mais. Esse é um dos encantos da vida: poder evoluir, crescer, ser pessoas mais plenas, mesmo com muitas contradições, dificuldades e perplexidades. Vale a pena sempre manter a atitude positiva, activa, curiosa, atenta de querer aprender sempre mais, de fazer a ponte entre o exterior e o interior, entre o social e o pessoal, entre o intelectual, o emocional e o comportamental.

O desafio mais interessante da nossa vida é transformá-la em um processo contínuo de aprendizagem, de evolução e de realização – no meio de contradições; um processo cada vez mais pleno, autêntico, rico e profundo; um processo permanente, além do contexto escolar, não organizado, “livre”, onde a aprendizagem é influenciada em grande parte pelo mundo no qual se aprende e se vive, no contacto com vizinhos, familiares e amigos.

Ora, é este processo contínuo de aprendizagem, num contexto informal, “*na escola da e para a vida*” que se centra o nosso estudo. Como facilmente podemos constatar, através de uma primeira análise das entrevistas, são inúmeros os conhecimentos informais, contínuos e incidentais adquiridos e transmitidos pelos sujeitos entrevistados.

No que diz respeito ao tema do nosso estudo – a medicina tradicional – são inúmeros os sujeitos com quem os entrevistados aprenderam e interessa-nos, portanto, no que diz respeito a esta sub-dimensão – “A Utilização da Medicina Tradicional: Como Aprendeu?” – analisar cada caso em particular.

A partir das Grelhas de Análise de Conteúdo apresentadas, podemos, desde logo, concluir que, no seio familiar, é a figura materna aquela com quem os filhos mais aprendem. Aliás, as E1, 2, 3, 4 e 5 são efectivamente um exemplo disso, foi com a mãe que elas aprenderam alguma coisa sobre este assunto:

- “*eu aprendi com ela, com a minha mãe*” (E1);
- “*a minha mãe sabia e eu aprendi*” (E2);
- “*a minha mãe é que continuou a fazer aquilo que a minha avó fazia e eu aprendi com a minha mãe e com a minha avó*” (E3);
- “*com a minha mãe aprendi a defumar as casas e as pessoas*” (E4);
- “*eu aprendi também algumas coisas com a minha mãe, mas pouco. Olhe, aprendi com ela a defender-me do mal da inveja*” (E5).

Sendo a mãe o modelo que seguiram, não é de estranhar que existiam, nos diferentes discursos, constantes comparações entre os actos dos intervenientes neste processo de aprendizagem: “*a minha mãe é que as curava de embaçadas, fazia-lhes assim como eu faço*”, “*eu cá em S. Romão já curei muita criança e a minha mãe lá em Aldeia também fazia igual, também curava muitas crianças assim*”, “*a minha mãe também as defumava*”, “*a minha mãe também curava isso*”, “*a minha mãe fazia igual*” (E1).

Observa-se ainda que, por vezes, acontece aprenderem, com diferentes pessoas, duas versões de uma mesma benzedura, dando lugar igualmente a comparações sobre diferentes formas de actuar, gerando até preferências por uma ou por outra:

- “*Eu até sei a benzedura do olhado de duas maneiras, sei esta que aprendi com a senhora Luísa dos Alvarotes e a que aprendi com a minha mãe, que era a benzedura da minha mãe, que era com que eu mais gostava de benzer os meus*”

filhos. (...) A outra não fala em orações, esta da minha mãe reza-se o Pai-Nosso e a Ave-Maria” (E2);

- *“Já aquela cunhada de que falei à bocadinha diz de forma diferente a benzedura do mau-olhado. Uma altura estávamos a falar nisso e então ela ensinou-me a dela e eu ensinei-lhe a minha.” (E4).*

Parece igualmente ser atitude comum o facto de ninguém questionar o porquê de determinadas práticas – *“porquê não sei, é assim, já dizia a minha mãe” (E1); “a minha mãe benzia ou p’ra trás do lume ou p’ra debaixo da cama, para não apanhar nem sol nem lua... não sei porque é que faziam isso” (E2); “Sei lá, os antigos já diziam e a gente agora faz assim” (E3).* A crença na palavra dos mais velhos, dos mais antigos aflora-se-lhes como certeza absoluta, como verdade indiscutível, como regra a seguir: *“A gente com as pessoas mais velhas aprendemos sempre muita coisa, já viveram muito, têm mais experiência, mais anos de vida. A minha mãe sabia muitas coisas, muitas histórias antigas verdadeiras que se tinham passado...agora não sei como é, mas ninguém conta nada disso. Contava histórias de espíritos, de mau olhado... sabe que antigamente ninguém passava num cruzamento à meia-noite, diziam que era o lugar das bruxas se encontrarem. Às vezes ao outro dia passava-se lá e ainda cheirava a azeite e a essas coisas. Agora, não se ouve falar em nada disso, tudo morreu com os antigos! Olhe, se um pai tinha sete filhas, diziam que a última era bruxa, sabia?” (E4).*

Daí que em todos os testemunhos predomine o facto de serem as pessoas de idade (aquelas que mais anos viveram e que mais experiência de vida têm) aquelas que transmitiram às gerações mais novas os seus conhecimentos informais, daí as muitas referência a pessoas que já morreram, como é o caso das mães, avós e muitas outras pessoas que com elas convivam directa ou indirectamente:

- “A senhora que ma ensinou, que já morreu...” (E2);
- “Aqui outro ano, eu tinha uma cunhada ali na Ribeira, coitadinha, já morreu...” (E2);
- “Com quem aprendi, era uma mulherzinha que morava aqui (...) mas enquanto ela foi viva eu não benzi ninguém...” (E2);
- “estava ali uma mulherzinha que sabia muitas benzeduras, que já morreu...” (E2);
- “então ia lá a uma senhora ali em Aldeia e essa senhora já faleceu.” (E3);
- “Quando morreu (a mãe) é que senti a falta, a falta de tudo. Estava muitas vezes doente em Lisboa e não sabia a quem recorrer...” (E4).

Mortas todas estas pessoas, ficaram perpetuadas as suas práticas, os seus conhecimentos informais, pois todas ensinaram alguém ou foram simplesmente observadas por alguém que rapidamente as assimilou e as praticou, dando lugar a uma nova cadeia de aprendizagem, como se estivéssemos perante uma corrente de conhecimentos que raramente é quebrada. A E4 revela mesmo o sentimento de “pena” por não se ter nunca disposto a escrever as benzeduras da sua mãe e agora, depois da sua morte, necessitar de recorrer à ajuda de terceiros: “Mas eu, nunca escrevi nada, alguma coisa ficou e lembra-me, outras esqueci-me, ela já morreu há tanto tempo. Mas ela sabia tudo isto, tinha umas mãos santas”. Por essa razão, a E2 (citada pela E5, sua vizinha) aconselha “Aprende, olha que eu ã duro sempre”.

Repare-se, ainda em algumas destas citações, num aspecto deveras interessante: a figura da avó enquanto elemento igualmente transmissor destes conhecimentos informais, foi ela que ensinou a filha que, por sua vez, ensinou a neta, como se estivéssemos perante uma cadeia geracional, um ciclo que se vai renovando e perpetuando ao longo dos

tempos: “ensinaram a ela (mãe), era da minha avó, a minha avó sabia” (E2); “a minha mãe aprendeu a curá-las com a mãe dela, a minha avó, e depois ensinou-me a mim” (E5); outros aprendem simultaneamente com a avó e com a mãe: “eu aprendi com a minha mãe e com a minha avó” (E3).

Existe, no entanto, um testemunho de que nem sempre as coisas funcionam assim, pois, por vezes, essa cadeia geracional de transmissão de conhecimentos é quebrada, normalmente devido à falta de interesse das gerações mais novas, como corroboram dois entrevistados: “o pior vai ser quando a velhada, que sabe estas coisas, morrer toda. Hoje já pouca gente se interessa por isto” (E2); “Eu sei que quando estas pessoas morrerem, o conhecimento delas acaba também, mas então nunca me deu p’ra aprender” (E6).

Este último entrevistado (E6), o testemunho mais jovem, é aliás um exemplo disso: “não sei porquê, mas nunca aprendi. Não sei porque razão! Sei que é bom tudo aprender, mas não é assunto que me interesse muito. Às vezes digo-lhe “Qualquer dia temos que gravar o que a mãe diz”, mas é de brincadeira”. Este acaba, contudo, por admitir que “ainda vou ter pena de não ter aprendido”, desculpando-se pelo facto de ser homem, o sexo menos ligado às coisas da casa: “sabe como são os homens, não somos muito ligados a estas coisas”. Apesar de não ter aprendido, verifica-se porém algo curioso que é o recurso à mãe sempre que necessita de ajuda a nível da medicina tradicional, tendo acabado mesmo por decorar partes de uma benzedura a um pé: “Agora, quando tenho alguma coisa que me dói pergunto sempre a ela o que fazer e, volta e meia, ela cura-me, faz-me umas benzeduras. Sei algumas palavras, mas muito poucas ou nenhuma (...). Agora mais não sei, fixei isto porque ela fez-me várias vezes e

mesmo que eu não quisesse tinha que aprender. Eu era obrigado a responder, ela ficava toda chateada quando eu não respondia direito” (E6).

A figura materna é, como vimos, sem dúvida, em todas as entrevistas, a figura de maior destaque. No entanto, é feita ainda referência a outras pessoas com quem os entrevistados adquiriram, ao longo das suas vidas, diversos conhecimentos informais a nível da medicina tradicional.

Os vizinhos e amigos, aqueles com quem os entrevistados convivem mais no dia-a-dia, potenciam igualmente uma forte troca de experiências, estes aprendem uns com os outros, quase sempre num espírito de entreajuda e comunhão, em diversos contextos.

Assim sendo, enquanto que a E1 afirma ter aprendido estas práticas apenas com a sua mãe, a E2, além da mãe, diz que aprendeu com *“uma mulherzinha amiga”* que já morreu e com quem andava a trabalhar no campo; com a vizinha, *“a Sr.^a Luísa dos Alvarotes”*; com a cunhada, também já falecida; com a prima M^a Henriqueta; e com a comadre Isidora. Por sua vez, a E3 faz igualmente referência não só à sua mãe e avó, como já vimos anteriormente, mas também nomeia dois vizinhos, a Sr.^a Micas e um senhor, assim como faz referência à E1 que é sua tia (irmã da sua mãe) e a quem costuma recorrer em caso de dúvida: *“A minha tia também aprendeu com a minha avó, ela é irmã da minha mãe, e eu quando tenho alguma dúvida ainda lhe pergunto alguma coisa porque à minha mãe deu-lhe uma trombose que lhe afectou a cabeça e não se lembra de nada”*.

O mesmo acontece com a E4, que é vizinha e comadre da E1 e a quem recorre igualmente quando necessita de ajuda para curar alguns males: *“Agora, quando me não lembro bem como é, tenho aqui a minha comadre que me ensina, ela nisso tem fama, vem cá muita gente procurá-la e ela faz bem a muita gente”*. Esta faz ainda referência a

uma tia (irmã da mãe), com quem aprendeu a atalhar o bicho, era uma tia “*que sabia muito destas coisas*”, afirma ela.

Segue-se a E5, vizinha da E2, com quem diz ter aprendido e observado muito – “*Depois vem sempre gente à da minha vizinha p’ra ela tratar e eu gosto de ver... tudo é bom a gente saber e aprender. Olhe que eu tenho aprendido muita coisa, ela sabe e não se importa de ensinar*”. Esta entrevistada faz referência também a uma cunhada com quem costuma trocar experiências sobre este assunto e com quem tem igualmente aprendido.

É de referir ainda os maridos, os quais parecem igualmente ajudar e ensinar as suas mulheres a nível da medicina tradicional: “*Esta benzedura eu aprendi do livro, o meu marido leu e eu aprendi.*” (E2); “*Eu sabia as palavras, não sabia é como fazer e ele ensinou-me.*” (E3).

Enfim, os conhecimentos informais a nível da medicina tradicional parecem circular naturalmente pelos contextos analisados, como se deles fossem parte integrante, sendo observados cuidadosamente e quase sempre apreendidos rapidamente pelos interesses. Isto, apesar de existirem testemunhos que provam a existência de pessoas que não gostam de ensinar, ou porque fazem desta prática um negócio ou porque simplesmente acham que são conhecimentos que só a elas lhes pertencem. Daí o respeito manifestado pela E2 em relação aos conhecimentos que a Sr.^a Luísa dos Alvarotes possuía – “*ela benzia muito, eu ouvia ela benzer e aprendi, mas enquanto ela foi viva eu não benzi ninguém, senão os meus. Aquilo era do que ela vivia, tinha só a reformazinha e naquele tempo era ainda mais miséria do que é hoje e davam-lhe alguma coisinha para ela benzer. (...) porque eu não queria que dissessem que eu me ia atravessar*” –, assim como o comentário feito à comadre Isidora “*Até que uma vez andávamos trabalhando e*

eu disse assim, a comadre Isidora não quer ensinar, mas benzeu-me do ventre caído e eu aprendi a benzedura... “ai atão não benzo mais velhaca nenhuma”, disse ela... só ela é que queria saber. Eu não me importo, é preciso é saber-se fazer as coisas...”.

Curioso é ainda analisar o testemunho da E3, a qual referiu ter aprendido a fazer um chá para a asma e a curar a zeripela com um programa televisivo – *“Olhe, como vê, aprendi com a minha avó, com a minha mãe, com a minha tia, com o vizinho e, aqui há dias, aprendi na televisão com uma senhora, também já era uma pessoa antiga, era uma velhota”*. Na verdade, nos meios pequenos, sobretudo nas noites frias de Inverno, pouco contacto existe entre as pessoas, elas deitam-se cedo, e os serões passados na soleira da porta dão lugar à televisão, situada, muitas vezes, no quentinho do quarto, como confirmou a E5: *“A gente ajunta-se mais no Verão, de Inverno a noite chega depressa, tá frio, é mais triste, assim que anoitece deitámo-nos, pelo menos estamos quentinhos, temos televisão no quarto, sabe? No Verão, estamos aqui fora muito tempo... a falar das coisas antigas, da vida, do tempo, dos filhos, do que se passa na nossa terra... chega às vezes a meia-noite e a gente aqui fora a falar”*.

Além da televisão, os livros são referenciados como um meio através do qual se pode aprender orações, benzeduras e muitas outras coisas e um lugar onde se perpetuam vozes, conhecimentos. Com eles as pessoas aprendem e podem passar agradáveis serões: *“ela contava-nos tudo, tudo o que lia nos livros, ficava-me tudo na cabeça, eu ainda me lembro de muita coisa, eram histórias, adivinhas e muita coisa, ela sabia tudo, tudo...”* (E1); *“Tínhamos aqui um livrinho com orações, o meu marido às vezes sabia que eu queria aprender, lia-me as orações ou outra coisa qualquer, eu aprendi-as e ele não...”*; *“Esta benzedura eu aprendi do livro, o meu marido leu e eu aprendi”* (E2); *“Ah! também sei curar do mau-olhado, aprendi esta com a minha filha, ela gosta*

muito destas coisas e leu num livro como era, depois escreveu num papel e eu decorei”
(E4)

3.1. Importância Atribuída pelo Próprio

*Creio em um só Deus, Pai todo-poderoso,
Criador do Céu e da Terra,
De todas as coisas visíveis e invisíveis.²⁴*

Com a análise desta sub-dimensão é nosso intuito analisar as representações acerca da medicina tradicional, procurando respostas nos entrevistados para duas questões: *Acredita? / Porquê?*

Em relação à primeira questão, facilmente podemos constatar, através da análise das entrevistas e grelhas de análise de conteúdo, que todos os entrevistados, praticantes ou não, acreditam nos resultados benéficos da medicina tradicional e consideram-na uma prática necessária. Segundo os E1, 2, 3, 4 e 5 estes conhecimentos foram deixados na Terra por Deus para as pessoas se possam defender dos males que aí existem: *“Deus tudo deixou no mundo e o saber nunca ocupou lugar, tudo é bom saber fazer”* (E1); *“Deus tudo deixou no mundo, o bem e o mal, temos que nos defender!”* (E2); *“Ainda bem que Deus deixou na Terra o mal, mas também deixou as palavras para a cura”* (E3); *“é (...) uma bênção de Deus”* (E4); *“é preciso (...) acreditar em Deus que tudo*

²⁴ O **Credo Niceno-Constantinopolitano** ou Símbolo Niceno-Constantinopolitano, é uma declaração de fé cristã que é aceite pela Igreja Católica, pela Igreja Ortodoxa, pela Igreja Anglicana e pelas principais igrejas protestantes, como, por exemplo, a Igreja Presbiteriana.

*deixou na Terra” (E5).*²⁵

Sendo todos os entrevistados católicos – *“Nós somos católicos e acreditamos em Deus, em todas estas coisas”*, afirma a E4 – não admira que a fé destes inclua a livre e total entrega (e amor) a Deus:

- *“Prontos, é a devoção das pessoas (...) é preciso ter fé” (E3);*
- *“Temos é que ter fé também, sem fé nada se faz” (E4);*
- *“o pior é que nem sempre as pessoas têm fé e p’ra isto é preciso ter muita fé” (E5).* A fé em Deus, segundo os ensinamentos da Igreja Católica, *“opera pela caridade ou amor”*, por isso a vida de santificação de um católico obriga-o, além de participar e receber os sacramentos, a *“conhecer e fazer a vontade de Deus”*, através, por exemplo, da prática dos ensinamentos revelados (que se resumem nos mandamentos de amor ensinados por Jesus), das boas obras e também das regras de vida propostas pela Igreja fundada e actualmente encabeçada por Jesus.

A esta luz, facilmente se compreende o facto de todas as benzeduras acabarem sempre com uma ou duas orações, normalmente, um Pai-nosso e uma Ave-maria, parecendo querer invocar o crente a protecção destes *“agora e na hora da nossa morte”*, assim como solicitar a libertação de todo o mal: *“Nós somos católicos e acreditamos em Deus, em todas estas coisas, depois rezamos sempre o Pai-nosso ou a Ave-maria no fim das rezas” (E4).*

²⁵ A Igreja ensina que o mal *“é uma certa falta, limitação ou distorção do bem”* e é ainda a causa do sofrimento humano, que *“está na interacção do bem e do mal no mundo”* e que *“está enredado no mistério da liberdade humana”*. Os católicos professam que a existência do Mal é um grande mistério, mas eles têm a certeza de que Deus, sendo bom e onnipotente, não pode nunca ser a causa e origem do Mal. Eles têm fé de que Deus *“não permitiria o mal se do próprio mal não extraísse o bem”*. O exemplo mais marcante disso seria *“a morte e ressurreição de Cristo”*, que, sendo o maior mal moral, trouxe a salvação para a humanidade.

A fé, a devoção, o temor a Deus surgem, portanto, como razões válidas para estas pessoas praticarem o bem, ajudando os outros, o próximo, e assim prestarem o seu contributo para afastarem o mal da Terra:

- *“eu também gosto de saber tudo isto para ajudar os outros e acredito que faço o bem, sempre que posso e sei”, “Eu também ainda dou um jeito, ajudo as pessoas quando me pedem”, “Eu, tudo o que sei fazer eu gosto de fazer às pessoas” (E1);*
- *“Vem aqui muita gente... eles sabem que eu só faço o bem e gosto de ajudar” (E2);*
- *“é preciso ter fé e gostar de ajudar, como eu” (E3);*
- *“Eu gosto de ajudar, de ver as pessoas melhorarem (...) Olhe que há pouco quem faça o bem, parece que hoje em dia só há maldade. Veja as notícias na televisão... é só desgraças!” (E4);*
- *“É assim. Faço o que posso p’ra ajudar, sempre que me pedem e gosto de ver as pessoas a melhorarem” (E5);*
- *“Ela tem feito bem a muita gente cá da terra e de fora, vêm cá de todo o lado”, “Ela tem ajudado muita gente e, portanto, isso é bom” (E6 referindo-se à E2, sua mãe).*

“Antigamente, via-se muito essas coisas...”, afirma a E3, parecendo querer insinuar que actualmente a crença nestas práticas e a procura da cura dos males por esta via tem vindo a decrescer, daí a E5 referir a necessidade de perpetuar estes conhecimentos através da escrita: *“Se ninguém tratar estas coisas, tudo se perde... Estas coisas deviam ficar escritas p’ra toda a gente poder fazer”*. Até porque, segundo a E3, existe um lado económico da questão, pois se as pessoas não se curassem por esta via *“estávamos desgraçados, os médicos comiam-nos o dinheiro todo”*, *“eu digo a toda a gente, porque*

tudo é bom as pessoas saberes, às vezes há certas doenças que podem ser curadas sem ser preciso andarem nos médicos”.

Por fim, é de salientar a satisfação pessoal por parte de quem pratica a medicina tradicional: *“Eu gosto de ajudar, de ver as pessoas melhorarem, é uma satisfação”* (E4); *“Ela (...) sente-se feliz quando as pessoas notam melhoras e lhe agradecem”* (E6, referindo-se à E2, sua mãe).

Acrescente-se ainda que, nestes meios pequenos, isolados, esta é também uma forma de convívio, de distração, é um tema de interesse comum e, portanto, uma boa desculpa para frequentarem as casas de umas e outras e conhecerem gente nova: *“Sabe, é uma distração para ela, convive, conhece muita gente à conta disto”* (E6, referindo-se à E2, sua mãe).

3.2. Experiências Vivenciadas

“A juventude é o tempo próprio para se aprender a sabedoria; a velhice é o tempo próprio para a praticar. A experiência instrui sempre, confesso, mas não é útil senão durante o espaço de tempo que temos à nossa frente. É no momento em que se vai morrer que se deve aprender como se deveria ter vivido?” (Jean-Jacques Rousseau, 1986).

A análise desta sub-dimensão permitiu-nos constatar que são inúmeras as experiências práticas da utilização da medicina tradicional. Todos os entrevistados (à exceção do E6 que, como vimos, nunca revelou interesse pela aprendizagem deste assunto) revelaram ter curado inúmeras pessoas, familiares, vizinhos, amigos e outros que a elas recorrem, quando se vêm à *“rasca”* (E2): *“parece que as pessoas até adivinham”*, afirma a E1;

“as pessoas vão falando, vão passando palavra e ela vai ficando conhecida. Todos cá vêm à da minha mãe.” (E6, referindo-se à E2, sua mãe).

Tendo por base as grelhas de análise de conteúdo apresentadas em anexo, elaboramos o quadro a seguir apresentado, com o intuito de fornecer uma visão global acerca das diversas pessoas que as entrevistadas curaram. Para uma melhor clarificação, agrupámos essas pessoas em três categorias, consoante a relação que mantinham com os entrevistados.

Quadro IV – Experiências Práticas

Prática de utilização da medicina tradicional			
Entrevistados	Familiares	Vizinhos	Outros
E1	<ul style="list-style-type: none"> • A sobrinha Gracinda e o seu filho Marco • O marido da sua comadre Delfina • Os filhos • O sobrinho Toninho • O filho da sua comadre Odete (E4) 	<ul style="list-style-type: none"> • A Rita • A mulher do Suíço • A Birita • O filho da Clara • O filho da Natividade, o Nuno 	<ul style="list-style-type: none"> • Muitas crianças • A cadela da Sr^a Júlia • A ela própria
E2	<ul style="list-style-type: none"> • Os filhos (um deles o E6) 	<ul style="list-style-type: none"> • Uma rapariga • Uma mulherzinha • Um moço chamado Márcio (duas vezes) 	<ul style="list-style-type: none"> • Uma senhora de Mil Fontes
E3	<ul style="list-style-type: none"> • Os filhos • O neto 	<ul style="list-style-type: none"> • O filho mais novo do Maurício • Uma rapariga de Tões • Uma senhora de Fontelo 	<ul style="list-style-type: none"> • Muitas crianças • Um padre • Muita gente
E4	<ul style="list-style-type: none"> • A sobrinha • A neta 	<ul style="list-style-type: none"> • Um rapazito, o Valter 	<ul style="list-style-type: none"> • A ela própria
E5	<ul style="list-style-type: none"> • O marido • O neto 		<ul style="list-style-type: none"> • Uma ovelha
E6²⁶			

²⁶ Tal como já foi referido, este entrevistado não revela experiências a nível da utilização da medicina tradicional, pois apenas aprendeu com a sua mãe (a E2) algumas palavras. Na sua entrevista faz apenas referência a algumas práticas protagonizadas pela mãe e observadas por ele. (Ver Grelha de análise de Conteúdo correspondente)

Como podemos constatar no quadro apresentado, foi a E1 aquela que referiu mais experiências práticas, seguindo-se as E2 e 3, que são respectivamente tia e sobrinha. Além disso, foram os familiares e vizinhos aqueles que mais procuraram a ajuda destas senhoras a nível da medicina tradicional, devido, muito provavelmente, à relação de proximidade que mantêm com estas.

Nem sempre foram mencionados os males de que padeciam as pessoas e dos quais foram curadas, de maneira que resolvemos não os citar no quadro. No entanto, para termos uma ideia da variedade de benzeduras que existem e do vasto leque de conhecimentos que as entrevistadas possuem nesta área, julgamos importante referir alguns dos males para os quais existem (e elas sabem) benzeduras (termo utilizado no sul do país) ou atalha-se (termo utilizado no norte do país):

► **a zona** – *“Eu fui uma vez à minha sobrinha Gracinda e ela estava metida na cama com a zona, disse que foi ao médico, mas não tinha melhoras e eu disse-lhe “Atão vai buscar a faca que eu vou-te atalhar.”* (E1);

► **o mal da pele (atalhar ou benzer ao bicho, porque é bicho que passa pelo corpo ou roupa)** – *“Mostrou-me a mão e estava inchada por aqui cima, aquilo foi cobra, poisou a mão conforme andou por aquelas fragas em sítio onde cobra passou e ficou com ela na mão. Em três dias também o curei.”* (E1); *“Eu sei de um padre de aqui perto que já lhe atalhei ao bicho, mas ele pediu segredo.”* (E3); *“Havia uma rapariga lá em Tões que andava sempre com a cara cheia e a minha mãe também tem uma aqui ao lado do joelho e, volta e meia, lá está ela a coçar (...). Só com aquilo é que ela cura... agora há dermatologistas, há essas pomadas e assim, mas nós era com essas ervas e rezas que curávamos.”* (E3);

► **as impinges** – “*Esta das impinges eu aprendi com a senhora Micas, uma senhora além de Tões que era minha vizinha.*” (E3);

► **o mal da inveja ou mau-olhado (defumar)** – “*Agora já não há nada disso, mas aqui em S. Romão eu ainda defumei muitas crianças para irem para a pia também.*” (E1); “*Eu já defumei muitas crianças, os pais pedem-me e crêem nestas coisas e eu faço.*” (E3); “*Ah! também sei curar do mau-olhado (...) Volta e meia, quando a minha comadre anda doente, atalha-se para ver se é alguma coisa disso (ela também sabe) e eu às vezes também faço o mesmo, parece que me sinto logo melhor, não sei!*” (E4);

► **o embaçado (ou mal do estômago)** – “*Olhe, quando eu via que os meus filhos estavam embaçados, quando tinham diarreia, porque, em geral, quando estão embaçados têm muita diarreia e vomitam fora, eu tratava-os.*” (E3); “*Nessa ocasião, pedi-lhe que me ensinasse a do embaçado e então aprendi. Depois quando era preciso eu própria fazia...*” (E4);

► **o bucho encostado** – “*... isso não será o bucho encostado?*”, “*Pois, canhando é, mas quem sabia era a minha madrinha, mas ela já cá não está.*”, e digo “*Mas ela não levou a benzedura, se quiserem eu benzo o mocinho.*” *Olhe benzi-o e aquilo foi velo curar. E a depois seja homenzinho, aconteceu-lhe outra vez.*” (E2);

► **o mal do pé (estas referem que coseram o pé, porque utilizam uma linha e agulha) / do peito** – “*Quando a Birita deu aquele tombo, esteve muito mal e mandou-me chamar lá, disse que era o peito aberto. Já tinha cosido o pé, agora o peito não, mas lá o cosi, ela diz que se encontrou bem.*” (E1); “*Para esta benzedura, pega-se num novelo de linha, vai-se cosendo com uma agulha e novelo e diz-se...*” (E2);

► **dores de barriga** – “*Quando era preciso, fazia uma benzedurazinhas, benzia-os. Quando eram pequenos e vomitavam, andavam mal da barriga, punha uma folhinha de couve na barriga untadinha com azeite um bocadinho aquecido ali em cima, não atava,*

vestia-lhes a roupinha e eles ficavam ali aconchegadinhos... apanhava aqui das couves das minhas, outras vezes era uma erva que eu tenho aí (...) a quem lhe chamava a erva das cinco linhas.” (E2);

► **prisão de ventre dos bebés e crianças** – *“Quando não fizessem cocó, era um talinho aí das malvas, untava com azeite e punha-lhes no rabinho para fazerem.” (E2);*

► **golpe de sol (ou benzedura da calma)** – *“Houve uma mulherzinha que me benzeu a mim, que eu também apanhei um grande golpe de sol e era com um panal enxovalhado a nove dobras dobrado...” (E2);*

► **zeripela ou zipela** – *“... sei benzer da zipela... Veio aí uma senhora ali de Mil Fontes já duas vezes, que tem ali um café, se tem vindo aqui benzer, dá-lhe aquilo nas pernas e tem-se visto à rasca...” (E2); “Ela estava a ensinar a fazer o chá para... curar a zeripela... e eu aprendi. E olhe, não é que depois disso já curei uma senhora ali de Fontelo desse mal...” (E3);*

► **quebranto dos peitos** – *“...havia que fazer a benzedura do quebranto dos peitos, como se faz às mulheres. Atão, nessa, eu aprendi. Pega-se num bocado de árvore de carvalho-macho, aquele que dá as maçãs...” (E5).*

Em dois testemunhos, verifica-se algo curioso, que é o facto de estas práticas poderem ser aplicadas não só a pessoas como também a animais, não havendo distinção entre eles: a E1 afirmou ter tratado a cadela de uma vizinha de um mal de pele – *“Agarrei, cheguei a casa, botei um pouco de azeite numa malga e um bocado de enxofre, fiz assim tudo à moda de uma pomadinha, fui lá e deitei-lhe, esfreguei a cadela com aquilo. A cadela, ao outro dia, estava melhor...”* – e a E5 aprendeu com a E2 a benzedura do quebranto dos peitos, salvando assim as crias de uma ovelha de morrerem de fome, com falta de leite – *“Disse ao meu filho p’ra ir à da M^a das Neves p’ra vir cá. Ela veio e logo me disse que havia que fazer a benzedura do quebranto dos peitos, como se faz às*

mulheres. Atão, nessa, eu aprendi. Pega-se num bocado de árvore de carvalho-macho, aquele que dá as maçãs... ”.

Atente-se ainda que duas entrevistadas aplicaram estas práticas a elas mesmas (E1 e 4) – elas defumaram-se (atalharam ao mau-olhado): *“Volta e meia, quando a minha comadre anda doente, atalha-se para ver se é alguma coisa disso (ela também sabe) e eu às vezes também faço o mesmo, parece que me sinto logo melhor, não sei!”* (E4).

Outro aspecto curioso diz respeito ao facto de entre estas pessoas ser referido um padre que foi curado pela E3, mas que curiosamente *“pediu segredo”*.

É de referir ainda que em todas as experiências práticas mencionadas as benzeduras realizadas têm que ser repetidas três ou nove vezes²⁷ (embora a E2 refira que faz quase sempre cinco vezes); tem que ser “nunes” (E2) ou “pernã” (E1), ou seja, o importante é que seja em número ímpar: *“Todas as rezas faz-se as vezes que quiser, até curar, nove ou três, tem que ser pernã, não é bom ser pares...”*; (E1); *“Fazia-se esta benzedura pelo menos uns três dias, umas três vezes.”*; *“Agora, diz-se o Pai-Nosso e a Ave-Maria, faz-se isto três ou cinco vezes, eu é mais ou menos quase sempre cinco vezes...”* (E2); *“Quando a pessoa está mais mal tem que se dizer três dias seguidos e cada vez três vezes, o que faz nove vezes. Se é que está mal continuasse outra novena. É*

²⁷ Novena é um momento de oração, individual ou em grupo, realizado durante nove dias. Costumeiramente é uma tradição católica, realizada por devoção a algum santo, a Jesus Cristo ou a Nossa Senhora. A prática de rezar novenas tem origem nas Sagradas Escrituras. Entre a ascensão de Jesus ao céu e Pentecostes, ou seja, a descida do Espírito Santo, passaram-se nove dias. A comunidade cristã ficou reunida em oração junto com Maria, algumas mulheres e os apóstolos. Foi a primeira novena cristã, chamada Novena de Pentecostes. É repetida todos os anos, quando se reza, de modo especial, pela unidade dos cristãos. Ela é o padrão de todas as outras novenas. Alegoricamente, a novena é, antes de tudo, um acto de louvor à Santíssima Trindade: Pai, Filho e Espírito Santo. Deus três vezes Santo. Três é o número perfeito. Três vezes três, nove. Assim, a novena é louvor perfeito à Trindade. A prática de nove dias de oração, louvor e súplica deve confirmar, de maneira extraordinária, a fé em Deus que nos salva, por intermédio de Jesus, de Maria, sua Mãe, e dos Santos. Na Igreja Católica, a novena é uma devoção que consiste em rezar para se obter alguma graça especial. A devoção é uma pequena oração destinada a um determinado santo, dependendo da graça que se quer alcançar.

uma novena porque tem que ser pernao, nunca pode ser pares... ou três, ou cinco ou nove.” (E3).

O porquê deste número ninguém sabe explicar muito bem, embora suponham que deve estar relacionado com a religião católica – *“não é bom ser pares, e a minha mãe fazia igual”, “Faz-se nove vezes até ficar bom, que é a novena” (E1); “porquê não sei!” (E2).* A razão não lhes parece, portanto, preocupar, pois se lhes ensinaram assim é porque os antigos sabiam o que faziam e eles eram detentores de uma sabedoria indiscutível, inigualável: *“Sei lá, os antigos é que diziam e a gente agora faz assim (...) é a devoção das pessoas...” (E3).*

Parece ser ainda prática comum em todas as experiências manifestadas pelos entrevistados o facto de oferecerem as suas benzeduras a um determinado santo, dependendo da graça que pretendem alcançar: *“A gente reza, faz as nossas benzeduras, mas temos que ter os santos... por exemplo, seja do pé, seja da perna, seja do braço... todos têm os seus discípulos.”; “...e a depois oferece-se a nossa Senhora, a nosso Senhor Jesus Cristo e ao Senhor Santo André se é do pé, se é da perna oferece-se ao Senhor Santo Amaro, se é dos braços é ao nosso Senhor Jesus dos Passos, se é da cabeça é à nossa Senhora Santa Teresa.” (E2).*

4. A Transmissão da Sabedoria: Destinatários

“Se queres vencer na vida, consulta três velhos” (Provérbio Chinês).

Os conhecimentos informais a nível da medicina tradicional foram, como vimos no ponto anterior, aplicados a diversas pessoas com melhoras significativas para quem os recebeu. Da observação dos resultados positivos, da relação de proximidade com as

pessoas envolvidas, resulta quase sempre não só o aguçar de uma determinada curiosidade, como também a necessidade de aprendizagem.

Normalmente, é aos mais velhos, aqueles que mais experiência de vida têm, que compete transmitir essa sabedoria e assegurar a continuidade de uma cadeia ininterrupta e contínua de transmissão: *“nós, os mais velhos não devemos levar o segredo p’ra cova. Estes mais novos quando a gente morrer, também precisam de se defender do mal e olhe que há mais quem nos queira mal do que bem.”* (E4). É a inserção nesta cadeia de transmissão e a partilha dessa sabedoria transmitida através das gerações que mantém a identidade e a coesão tanto individual como colectiva, no seio da comunidade de pertença.

Com a análise da presente sub-dimensão das Grelhas de Análise, é nosso intuito verificar se os conhecimentos informais de que os entrevistados são detentoras foram efectivamente transmitidos a alguém e, se sim, de que forma se realizou essa transmissão.

Para uma melhor visualização dos elementos contidos nas referidas grelhas, optou-se igualmente, tal como no ponto anterior, pela elaboração de um quadro com os diferentes entrevistados e respectivos destinatários dos seus conhecimentos a nível da medicina tradicional:

Quadro IV – Destinatários da Transmissão de Conhecimentos

A Transmissão da Experiência: Destinatários			
Entrevistados	Familiares	Vizinhos	Outros
E1	A sobrinha Gracinda A nora A filha da E4, sua comadre	Algumas vizinhas	
E2		Algumas vizinhas: D. Lina da Fonte, M ^a da Lameira e outras	
E3	As filhas		Uma senhora de Lisboa
E4	A sobrinha A filha		
E5	A cunhada A filha	Uma vizinha	
E6 ²⁸			

Tal como no ponto anterior, foram igualmente os familiares e vizinhos os referenciados como sendo aqueles a quem mais as entrevistadas, até à data da entrevista, transmitiram os seus conhecimentos. Essa transmissão, segundo indicação das mesmas, pode acontecer por três vias:

- 1- **a observação da prática e sua consequente assimilação** – *“Tenho vizinhas que basta-lhes ver como se faz uma vez e aprendem logo!”* (E1); *“Às vezes quando estavam aqui em casa, viam-me tratar este ou aquele e elas aprendiam, só de ver!”* (E3);
- 2- **através do ensinamento propriamente dito** – *“A minha nora ficou espantada e quis logo aprender, agora (...) faz ela, já aprendeu!”*, *“As vizinhas costumam-me procurar (...) e também já ensinei muitas, quando eles pedem que lhes*

²⁸ Tal como já foi referido, este entrevistado não revela experiências a nível da utilização da medicina tradicional, pelo que quebrou a cadeia de transmissão de conhecimentos.

ensine...” (E1); “E eu não me importo de ensinar, tenho ensinado algumas vizinhas daqui, a Lina da Fonte, a M^a da Lameira e outras, se elas me pedem, não tenho nada a esconder.” (E2); “Também já a ensinei a uma sobrinha minha (...) ela pediu-me e eu ensinei, quando precisa faz e não chateia ninguém.”, “A minha filha acredita, liga e gosta de saber, tem aprendido muita coisa comigo e até com a minha comadre. Quando é preciso já se desenrasca bem sozinha.” (E4); “Depois disso também já a ensinei além a uma vizinha que queria fazer ao homem...”, “Já ensinei também a uma cunhada minha (...) ensinei-lhe as palavras e como tinha que fazer e graça a Deus diz que se sentiu bem.”, “A minha filha também acredita nestas coisas e sabe fazer (...) e aprende muita coisa.” (E5).

3- através da escrita – *“Fui lá três vezes e depois ela aprendeu, escreveu num papel...” (E1); “A minha Sofia até esteve para aí a escrevê-la para ela e para a irmã que lhe tinha pedido”, “A minha Guida também até escreveu e faz quando é preciso.”, “...ainda aqui há tempos veio cá uma senhora de Lisboa (...) e eu ensinei-lhe, escrevi-lhe e ensinei à filha para fazer à mãe e, olhe, diz que melhorou.” (E3); “Nessa ocasião, a minha filha escreveu num papel a reza e como se fazia.” (E4); “A minha filha também já a escreveu...” (E5).*

Outro aspecto deveras interessante a salientar tem a ver com o facto de ser o sexo feminino que está mais receptivo a este tipo de aprendizagem, *“as mulheres têm paciência para estas coisas, gostam de falar umas com as outras, gostam de saber, alembam-se destas coisas”*, afirma o E6, o único elemento do sexo masculino e o único que nunca se interessou pela aprendizagem destas práticas. Este acrescenta ainda *“sinceramente acho que isso são coisas de mulheres”* e parece de facto ser, uma vez

que todos os destinatários mencionados nas entrevistas foram mulheres, basta ver o quadro anteriormente apresentado.

4.1. Importância Atribuída pelos Outros

“Pratica o bem e não olhes a quem” (Provérbio popular).

Segundo as práticas cristãs, devemos “ajudar o próximo”, “praticar o bem”, isto independentemente da pessoa que o recebe ser merecedora de tal acto ou não. Na verdade, se existem pessoas humildes, que agradecem o bem que lhes fazem, outras existem que repudiam, manifestam desdém por actos de entreaajuda, de partilha, de troca de experiências.

A existência desta sub-dimensão nas nossas Grelhas de Conteúdo pretende avaliar até que ponto os outros, os receptores destes conhecimentos informais, valorizam ou não as benzeduras e mezinhas tradicionais.

Assim sendo, é de frisar que, em todas as entrevistas, é quem precisa, quem se sente doente, que recorre a estas mulheres. Elas respondem, quase sempre, a uma espécie de pedido de ajuda e tentam sempre fazer o que podem, da melhor forma que sabem, tal como lhes ensinaram a elas. As diversas pessoas lembram-se delas e procuram-nas, normalmente, pelas seguintes razões:

→ **porque ouviram falar bem** – *“Sabe quem me mandou para aqui foi além a Mariana do Raul, vossemecê que sabia muitas benzeduras, que é uma mulher entendida...”* (E2);

→ **porque se trata de senhoras já com uma certa idade, com uma certa experiência de vida** – “*“Quem foi que te disse que eu sei atalhar à zona?” (...) como você é assim uma senhora de idade, lembrei-me que soubesse.*”, “*... parece que as pessoas até adivinham!*” (E1);

→ **porque estão desesperadas** – “*Há muita gente que também nem acredita nestas coisas, vem muita gente procurar-me quando chegam ao acto de desespero e já não sabem o que fazer mais.*” (E3).

Através dos diferentes testemunhos, podemos ainda constatar que os “outros”, perante as melhores verificadas, ficam, como é óbvio, contentes, satisfeitos e agradecidos, daí darem, por vezes, compensações monetárias ou outros bens:

- “*Ela ficou toda contente, disse que não sabia como me agradecer.*” (E1);
- “*Eu benzi-a numa sexta-feira, ao outro dia já vinha melhor e no Domingo veio com a filha... ficou toda contente com as melhoras.*” (E2);
- “*Ela ficou toda agradecida a rapariga, trouxe-me para aí umas caixas de fruta e tudo, a rapariga nem sabia como me agradecer. Disse-me que era uma santa!*”, “*a mulher ficou contente e admirada com as melhoras. Dizia ela “esta mulher faz milagres*” (E3);
- “*Eles ficam contentes e agradecem ainda existir gente como nós, que sabemos fazer alguma coisita*” (E4).

Uma das entrevistadas testemunha mesmo a existência de pessoas que fazem da medicina tradicional um pequeno negócio, daí não gostarem de ensinar aquilo que sabem: “*Aquilo era do que ela vivia, tinha só a reformazinha e naquele tempo era ainda mais miséria do que é hoje e davam-lhe alguma coisinha para ela benzer.*” (E2).

Repare-se ainda num aspecto curioso que tem a ver com o facto de estas mulheres serem comparadas a “*santas*”, uma vez que chegam a fazer “*milagres*” (E3), ou seja, são vistas como pessoas abençoadas, dotadas de poderes e conhecimentos sobrenaturais, como se fossem na Terra mensageiras de Deus. Daí as referências feitas por duas entrevistadas aos padres, as quais deixam transparecer uma certa preocupação das mesmas em relação à opinião destes, a necessidade de saberem se estes aceitam e respeitam ou não os actos que elas praticam: “*Depois, uma vez até me confessei ao padre... Então o padre disse para não deixar ir as criancinhas sem esse jeitinho, para não saber do que dizem (...) ele viu que não era coisa de bruxedo, que eu só quero ajudar e fazer o bem.*” (E1); “*Os padres não sabem nada de benzeduras, mas respeitam estas coisas (...) Noutro tempo, os padres tiravam os espíritos das pessoas, agora não.*” (E2).

A aceitação por parte dos “*outros*”, a forma como estas senhoras são vistas pelas pessoas que as rodeiam é uma questão muito importante para elas, até porque os concelhos que estão a ser alvo de estudo são muito pequenos e toda a gente se conhece. Como vimos, todas gostam de ser respeitadas, gostam de ajudar, de praticar o bem e gostam de ver as pessoas satisfeitas com as suas práticas a nível da medicina tradicional, mas não suportam que as chamem de bruxas: “*quando posso fazer bem, faço, gosto de ajudar, mas não gosto que me chamem de bruxa*” (E1).

Além destas questões, refira-se ainda, a propósito da sub-dimensão em análise, uma questão já superficialmente referida no ponto anterior, e que tem a ver com os testemunhos das diferentes entrevistadas acerca dos interesses manifestados pelos seus descendentes.

Deste modo, é de salientar que as entrevistadas E1 e 2 tiveram apenas filhos homens e, portanto, manifestaram ao longo das suas entrevistas um certo descontentamento pelo facto de estes nunca terem manifestado interesse pela aprendizagem destas práticas e pelo facto de não terem filhas, ou seja, alguém que, em casa, fosse herdeiro desta sabedoria: *“Os meus filhos não aprenderam nada disto comigo, são rapazes...”*; *“Se eu tivesse tido raparigas... agora assim rapazes...”* (E1); *“...os meus filhos nunca puxaram para isso, são todos homens...”*; *“Os meus filhos não aprenderam nada de benzeduras, para isso não pescam, nunca se interessaram, para isso sou eu... são todos rapazes...”* (E2).

Mesmo assim, a E1 manifestou ter ensinado algumas familiares, como a sobrinha Gracinda²⁹, a nora e a filha da sua comadre, ao passo que a E2 não revelou ter ensinado nenhum familiar, apenas as vizinhas se mostraram receptivas à aprendizagem dos seus conhecimentos a nível da medicina tradicional. Esta refere mesmo que os filhos *“sabem é os poemas do avô”* e interessaram-se sempre pela construção civil, gosto inculcado pelo pai: *“este mais novo é um espadinha para isso, entregam-lhe uma casa e é desde o chão até às telhas, ele põe lá tudo. Os outros é o mesmo...”*. O filho (E6) confirma: *“Sou trabalhador da construção civil (...) aprendi com o meu pai, ele cá nesta faina era dos melhores.”*

Enfim, os homens manifestam claramente interesses divergentes das mulheres, têm a atenção voltada para outros assuntos e a medicina tradicional é um tema que pouco ou nada lhes interessa, apesar de respeitarem e valorizarem as práticas em questão: *“... o*

²⁹ A sua sobrinha Gracinda é na verdade a sua enteada, filha do primeiro casamento do marido: *“O meu marido, nessa altura, era viúvo e tinha uma filha já com os seus cinco anos... a primeira mulher dele morreu no parto, quando a criança nasceu. A minha sobrinha Gracinda foi criada com a avó e o avô, a Sr.ª Guiomar e o Sr. Maximiano, eram tempo difíceis e um homem só a tomar conta de uma filha... e eu também tive tantos filhos.”* (E1).

meu filho não liga tanto, respeita, mas não liga” (E4); “Eu até respeito e sei que muita gente se cura, mas andei e ando sempre por fora a trabalhar...” (E6).

Um exemplo claro do que acabamos de referir são as E3, 4 e 5, pois todas elas tiveram filhos e filhas, logo facilmente identificaram a diferença de interesses manifestado por uns e por outros (E3 – três filhas e um filho; E4 – uma filha e um filho; E5 – duas filhas e três filhos).

Veja-se o que os diferentes entrevistados disseram a este propósito:

E3 – *“As minhas filhas gostam de saber.”; “Agora o meu filho, não se interessa por isto, ele vê eu fazer, mas nunca me perguntou “Oh minha mãe, como é que se faz isto ou aquilo?”, nem nunca me pediu p’ro tratar de nada. Vê e cala.”;*

E4 – *“A minha filha interessa-se por estas coisas e acredita, mas o meu filho não liga tanto, respeita, mas não liga, não quer saber, é homem sabe.”;*

E5 – *“A minha filha (...) já sabe umas quantas coisas destas, gosta, sabe e também já precisou.”, “Agora o meu Jaime, o meu Chico e o outro não se interessam por nada disso, nunca quiseram aprender... até se riem disso, às vezes. Elas são mais caseiras, são elas que cuidam dos filhos... sabe que são sempre as pobres das mães que mais trabalho têm com os filhos e, coitadinhas, quando se vêm aflitas, alembam-se de tudo. Eles podem ser muito bons, mas p’ra estas coisas não servem, são mais desprendidos, são trabalhadores, amigos dos filhos e das mulheres, mas p’ra estas coisas não servem.” (E5).*

Aliás, a E4 ainda vai mais longe ao referir que a filha lhe pede para não dizer nada ao genro, pois, sendo este um elemento masculino, tal como o filho, também *“não acredita nessas coisas, diz que são bruxarias”.*

Quem demonstra ter uma opinião diferente acerca do assunto são os maridos das entrevistadas, pois, apesar de pertencerem ao sexo masculino, manifestam interesse bem diferentes dos seus filhos (e até genros): *“Tínhamos aqui um livrinho com orações, o meu marido às vezes sabia que eu queria aprender, lia-me as orações ou outra coisa qualquer, eu aprendi-as e ele não...”*; *“Esta benzedura eu aprendi do livro, o meu marido leu e eu aprendi.”* (E2); *“Eu nunca vi fazer isto, o meu homem é que andava sempre com os pulsos abertos, na poda e assim e então ia lá a uma senhora ali em Aldeia e essa senhora já faleceu. O meu homem quando ficou outra vez doente, disse: “Olha, já faz falta a senhora Maria do Fausto, ando aqui à rasca do meu braço.”. Então eu disse-lhe: “Olha, eu nunca vi como é que ela fazia, mas tu ensina-me que eu faço-te.”. Eu sabia as palavras, não sabia é como fazer e ele ensinou-me.”* (E3). Como vemos, os maridos não só acreditam, como ainda chegam a ajudar as suas mulheres a aprenderem ainda mais e procuram, sempre que necessitam, junto destas senhoras ajuda para os seus males.

Ora, isto acontece, a nosso ver, devido às diferenças de idade entre pais e filhos, à educação que estes receberam e à existência de interesses e influências actuais bem divergentes da juventude dos pais.

Capítulo II – Discussão da Informação Recolhida

Pretende-se com este capítulo apresentar uma síntese interpretativa dos resultados obtidos e, para o efeito, julgamos pertinente dar resposta à questão de partida inicialmente formulada, assim como aos objectivos que nos propusemos atingir.

Relembrando que a questão de partida inicialmente formulada foi “De que forma os hábitos e as mezinhas típicos da medicina tradicional, veiculados pela população sénior influenciam, os comportamentos, as representações e as atitudes, de jovens e adultos?”, podemos, desde logo, tirar algumas conclusões.

Como foi possível constatar, a população sénior, com as suas práticas a nível da medicina tradicional, influencia as pessoas que a rodeiam a dois níveis:

- 1- das acções;
- 2- das representações.

A nível das acções, constatamos que todos os entrevistados, quer através da observação directa, quer através do ensinamento de alguém, quer através da escrita, adquiriram e transmitiram conhecimentos informais a nível da medicina tradicional.

Sendo detentores de um conhecimento considerado por muitos quase “*milagroso*”, com resultados bastante positivos a nível da cura de diferentes males, os entrevistados são unânimes em considerar que esta é uma prática a seguir pelas gerações mais novas e não deve, de forma alguma, cair no esquecimento, pois “*o saber nunca ocupou lugar, tudo é bom saber*” (E1), “*tudo é bom aprender*” (E2) e “*é bom que cá fique sempre alguém para ajudar os outros, isto não pode nem deve morrer...*” (E1).

Pode-se, portanto, inferir deste discurso a necessidade de não deixar cair no esquecimento conhecimentos informais, até à data, transmissíveis de geração em geração, mas que têm vindo a perder a sua importância com o evoluir da medicina convencional e com o crescente desinteresse manifestado pelas gerações mais novas, isto para grande desagrado de alguns entrevistados: *“os mais novos, já não usam, já nem querem crer em nada destas coisas”* (E1); *“o pior vai ser quando a velhada, que sabe estas coisas, morrer toda”*, *“a malta jovem interessa-se pouco por estas coisas...”* (E2).

Na verdade, podemos constatar que as gerações mais novas actualmente deixam o núcleo familiar muito cedo, em busca de melhores condições de vida, em busca de trabalho, as famílias dispersam-se e os conhecimentos informais transmissíveis de pais para filhos diluem-se no espaço e no tempo. Atente-se que só a E2 e E3 residem com um dos seus filhos, todos os outros descendentes mencionados residem ou em aldeias próximas (caso de alguns filhos da E2) ou em grandes aglomerados – como Lisboa, Porto, Braga, Setúbal, Algarve – ou então simplesmente emigram (E3). Refira-se ainda, a título de curiosidade, a E4, a qual residiu alguns anos em Angola e depois em Lisboa, mas sempre se fez acompanhar da sua mãe – *“viveu sempre comigo até morrer”* – e chega a constatar durante a entrevista a falta que a mãe lhe fez quando morreu, a nível da medicina tradicional: *“Quando morreu é que senti a sua falta (...) Estava muitas vezes doente e não sabia a quem recorrer, já não a tinha a ela, não é.”*

Estamos, portanto, perante situações concretas para as quais os entrevistados estão atentos e contra as quais tentam lutar, daí muitos entrevistados referirem que ensinam os descendentes via telefone ou então dizem presencialmente para estes escreverem e poderem utilizar quando necessitam de ajuda a este nível (E1, E3, E4 e E5).

Quanto existem elementos, junto das gerações mais novas, que manifestam interesse pela aprendizagem destas práticas, é de destacar a forte incidência do sexo feminino, quer pelo contacto mais próximo e frequente com o lar, quer pelo interesse incutido desde muito cedo pelos sujeitos transmissores: *“As mulheres têm paciência para estas coisa, estão em casa, gostam de falar umas com as outras, gostam de saber, alembram-se destas coisas todas.”* (E6).

Os poucos vizinhos e amigos que ficam nas aldeias – porque *“uns têm morrido, outros têm abalado”* (E2) – esses sim parecem teimar em não deixar cair no esquecimento estas práticas. Quase sempre num espírito de entreaajuda e comunhão, tentam aprender uns com os outros e sempre que lhes é pedido não têm problemas em ensinar: *“Os vizinhos costumam-me procurar para me pedirem estas coisas e também já ensinei muitos, quando eles pedem que lhes ensine...”* (E1); *“Eu gosto de ensinar e também gosto de aprender”* (E4). Isto apesar de terem sido mencionadas algumas pessoas que gostaram de aprender mas que não gostam de ensinar, uma vez que fazem desta prática um negócio.

A nível das representações, é de referir que todos os entrevistados revelam grande respeito por estas práticas e pela população sénior, normalmente a grande detentora destes conhecimentos informais: *“eu até respeito”* (E6). Os jovens e adultos, mesmo os não praticantes, observam com curiosidade os efeitos positivos das práticas aplicadas e quando necessitam ficam verdadeiramente satisfeitos, ao ponto de não saberem como agradecer: *“a rapariga nem sabia como me agradecer. Disse-me que era uma santa!”* (E3); *“Aquela mulherzinha nunca de havia de morrer que me tem feito muito bem”* (E2).

Outros, mais cépticos, procuram a ajuda destas pessoas apenas “*quando chegam ao acto de desespero*” (E3) e acabam por ficar não só contentes como muito espantados com as melhoras alcançadas através da medicina tradicional: “*a mulher ficou toda contente e admirada com as melhoras*” (E3).

É claro que existem sempre pessoas que interpretam mal estas práticas, como aliás foi bem frisado pela E1, pois se por um lado muitas pessoas as consideram “*santas*” e acham que fazem “*milagres*”, outras chegam a chamá-las de “*bruxas*”: “*não gosto que me chamem de bruxa*”, adverte a E1.

Expostas as respostas para a questão de partida, conseguidas junto dos entrevistados, foram ainda alcançados os objectivos iniciais que nos propusemos alcançar:

- Averiguar de que forma os idosos, através da sua Educação Informal, influenciam os comportamentos dos mais novos, a partir do exemplo dos hábitos e mezinhas típicos da medicina tradicional;
- Identificar o papel e a importância da Educação Informal nas relações intergeracionais.

Ora, sendo a Educação Informal adquirida ocasionalmente, de forma acidental, em diversos contextos informais, na referida “*escola da vida*”, parece-nos pertinente realçar que a população sénior não só influencia os comportamentos das gerações mais novas, como assume um papel crucial a nível das relações intergeracionais, isto no que diz respeito não só à medicina tradicional, mas também em relação a outros assuntos, como é o caso dos contos tradicionais, de episódios verídicos relacionados com as suas vidas, de provérbios, lengalengas, entre muitos outros.

Enfim, o simples facto de termos uma avó que transmitiu à filha que, por sua vez, transmitiu à neta e esta está já a aplicar ao bisneto(a), faz com que, dentro desta cadeia geracional, o idoso seja considerado uma peça fundamental a nível da educação informal, indispensável para fazer a “ponte”, o elo de ligação, entre aquilo que os “*mais antigos*” diziam e faziam e as gerações mais jovens.

Relembre-se que os entrevistados fazem quase todos referência a pessoas que já “*morreram*” e com quem aprenderam alguma coisa a nível da medicina tradicional, como se fossem agora eles os herdeiros, os escolhidos, com uma importante missão, não deixar cair no esquecimento os ensinamentos que lhes foram transmitidos, daí a necessidade que alguns entrevistados manifestam em relação à sua perpetuação através da escrita: “*Mas eu, nunca escrevi nada, alguma coisa ficou e lembra-me, outras esqueci...*” (E4).

Além disso, é importantíssimo que as gerações mais novas se apercebam que não é apenas a educação formal, adquirida nas diversas instituições escolares e espalhadas por inúmeros pontos do país, que deve ser ensinada e preservada, pois, por vezes, mais importante que saber ler e escrever, é saber lidar com as adversidades da vida, de forma íntegra, humana, com valores e princípios quase sempre adquiridos informalmente, no contacto com avós, pais, amigos, vizinhos e outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

1. Retrospectiva das Grandes Linhas de Procedimento

Este trabalho de investigação, realizado na área da Educação e Formação de Adultos, centrou-se num tema específico, a Educação Informal, aquela que se aprende ao longo da e para a vida, de forma permanente, contínua.

Assim perspectivada, a Educação Informal não se realiza através de objectivos claros de aprendizagem, não se faz de forma institucionalizada, mas sim de forma não intencional, fruto das nossas vivências diárias, de forma não metódica, estruturada.

É este tipo de educação que se vai cultivando dentro de nós, sem que nos apercebamos, e que se reflecte na nossa maneira de ser, de estar, de sentir e na forma como perspectivamos e filtramos os conhecimentos que vamos adquirindo ao longo da nossa vida, de modo eminentemente informal, que nos cativou.

O respeito e interesse manifestados por esta Educação Informal aliados à prática da Medicina Tradicional, tantas vezes observada no contacto com a população sénior, residente sobretudo nos pequenos aglomerados populacionais, levou-nos a formular a questão de partida para o presente trabalho de investigação: “De que forma os hábitos e mezinhas típicos da medicina tradicional, veiculados pela população sénior, influenciam, os comportamentos, representações e atitudes, de jovens e adultos?”.

Interessava-nos, portanto, desde logo, atingir um grande objectivo que era compreender a importância da Educação Informal enquanto veículo de influência de conhecimentos e de comportamentos entre gerações, a partir do exemplo dos hábitos e mezinhas típicos da medicina tradicional.

Iniciou-se então um longo percurso de investigação, que passou não só pela pesquisa bibliográfica, no sentido de garantir uma base teórica sólida e consistente ao trabalho, como também pela adopção de uma metodologia de trabalho que nos ajudasse na obtenção de respostas.

Para a obtenção de informações junto das fontes, além da observação directa e da interacção constante com os entrevistados, foram efectuadas entrevistas semi-estruturadas a seis pessoas residentes em dois pontos distintos do país, na Beira Alta e no Baixo Alentejo.

Após a transcrição integral das entrevistas, procedeu-se à elaboração de diferentes Grelhas de Análise de Conteúdo, as quais permitiram a sintetização da informação relevante para uma posterior Análise e Discussão da Informação Recolhida.

Estavam, portanto, lançadas as “sementes” que nos proporcionariam, no campo da investigação qualitativa, iniciar ao estudo de casos, ou seja, procedemos à análise de algumas situações particulares, visando o conhecimento específico de algumas realidades

2. Retrospectiva das Principais Interpretações

“Mas hum velho de aspeito venerado (...)

Cum saber só de experiências feito

Tais palavras tirou do experto peito”

(Episódio do Velho do Restelo, *Os Lusíadas*)

Apresentado, ainda que de forma muito resumida, o longo percurso iniciado com a realização deste trabalho de investigação, resta-nos agora apresentar algumas conclusões que nos permitem não só responder à questão inicialmente formulada, como também contribuir para um melhor conhecimento dos objectivos que nos propusemos atingir.

Todos sabemos que o ciclo da vida é composto por várias fases de desenvolvimento, que vai desde a infância até à velhice, cada uma delas caracterizada por interesses diferenciados, por mudanças e transições não só biológicas, mas também sociais e psicológicas.

Independentemente da fase onde nos situamos, estamos sempre a viver experiências, estamos sempre a aprender e a ensinar, até porque, além de sermos seres racionais, somos também, por natureza, seres relacionais. Ora, é neste convívio com os outros, com todos aqueles que nos rodeiam, de forma permanente ou esporádica, que vamos trocando experiências a todos os níveis e vamos enriquecendo enquanto seres humanos: todos somos professores e alunos nesta escola que é a vida, isto quer seja de forma informal, não-formal ou informal.

Não é novidade também que são os idosos, aqueles que mais anos de vida têm e mais experiências vivenciaram, que mais conhecimentos adquiriram e, conseqüentemente, mais têm para ensinar: daí serem também popularmente chamados de “*mestres da vida*”.

Habitados a lutarem contra as adversidades da vida, outrora nem sempre fácil, os idosos aprenderam com “*os antigos*”, sem nunca se atreverem a questionar “*porquê?*”, a defenderem-se dos “*males que existem na Terra*”.

Influenciados em muito pelos ensinamentos da Igreja Católica, os idosos (pelo menos os que mais de perto contactámos) “*crêem em Deus Pai todo-poderoso, criador de céu e da Terra*” e em todos os santos, sendo os seus actos quase sempre reveladores dessa crença.

Ora, sendo defensores acérrimos dos benefícios da medicina tradicional, a população sénior crê estar a praticar o bem e a ajudar o próximo, sobretudo as gerações mais novas, às quais eles fazem questão de transmitir determinadas “*benzeduras*” e “*rezas*”, no intuito de não as deixar cair no esquecimento. Estamos a falar de conhecimentos informais, de Educação Informal, de uma sabedoria adquirida e cultivada fora da grande instituição escolar.

Na verdade, as gerações mais novas, que convivem de perto com estas pessoas, que têm oportunidade de observar o uso destas práticas, quase sempre, por uma questão de curiosidade, acabam por experimentar e acabam por ser fortemente influenciadas por elas. Verifica-se, frequentemente, dentro do mesmo núcleo familiar a referência a uma avó que ensinou a sua filha, a qual, por sua vez, ensinou a neta e esta última já cura o neto(a) sem recorrer à medicina convencional, ou seja, pondo em prática apenas conhecimentos informais provenientes dos seus antepassados.

Como constatamos, esta influência reflecte-se não só a nível da acção, pois aqueles com quem se relacionam de perto – familiares, amigos e vizinhos – acabam por aderir a estas práticas, aprendendo, aplicando e ensinando a outros, logo contribuindo de forma activa para a perpetuação desta cadeia de conhecimentos informais a nível da medicina tradicional; como também a nível das representações, uma vez que a maioria dos descendentes, mesmo quando não praticantes, respeita os conhecimentos destas pessoas e observa com espanto e admiração os efeitos benéficos de semelhantes práticas.

Verificou-se ainda que é o sexo feminino aquele que manifesta mais interesse pela aprendizagem destes hábitos e mezinhas típicos da medicina tradicional, porque sendo mais caseiras do que eles, convivem mais de perto com a aplicação das práticas e aplicam-nas quando necessário aos seus descendentes, familiares e vizinhos. É mesmo frequente entre as aprendizas mais jovens, portadoras de uma educação formal mais sólida, adquirida na escola, o recurso à escrita, como forma de perpetuar aquilo que lhes é transmitido.

Procuradas não só pelos mais chegados, mas por pessoas de diferentes lados, que ouvem falar dos “*milagres*” que praticam, estas mulheres são quase sempre compensadas (de forma monetária ou pela atribuição de outros bens materiais) e, quando lhes é solicitado, quase sempre (salvo uma ou outra referida), não se importam de ensinar, pois não querem levar o conhecimento para a “*cova*”, pelo contrário, segundo elas, é bem que quem cá fique “*aprenda a defender-se do mal*”.

Segundo as mesmas, a aprendizagem e aplicação destes conhecimentos informais a nível da medicina tradicional é ainda uma forma de evitar a medicina convencional que “*nos come o dinheirinho todo*”.

É de destacar também a referência frequente aos antepassados, às pessoas que já “*morreram*”, o que é compreensível, uma vez que, embora se verifique alguma continuidade geracional nos dias de hoje, eram (e são) os mais idosos, aqueles que mais sabiam a este nível. Com a morte destes, perde-se sempre muito, é apagada toda uma memória repleta de conhecimentos informais e experiências individuais.

É um facto também que o interesse destas práticas, junto dos muito jovens, tem tendência a decrescer, “*os mais novos, já não usam, já não querem crer em nada destas*

coisas” e isso é uma preocupação para a população sénior que tenta lutar, com todas as suas forças, contra esta realidade que, mais tarde ou mais cedo, receiam que se avizinhará.

Restarão certamente os poucos livros que existem sobre o assunto até ao momento, as anotações de alguns interessados e estudos na área, como é o caso deste que agora se apresenta, como forma de manter viva a memória, a palavra, os conhecimentos informais destes idosos, a nível da medicina popular.

3. Novos Contributos para o Conhecimento

Este trabalho de investigação não nos confere a legitimidade de poder generalizar as conclusões nele evidenciadas, pois sustenta-se no estudo de apenas 6 casos, associados à vivência e características antropológicas de duas aldeias pertencentes a duas regiões distintas do país: Beira Alta e Baixo Alentejo.

Conscientes das limitações do nosso estudo, julgamos, no entanto, ter contribuído para um melhor conhecimento do principal objectivo a que nos propusemos, que foi compreender a importância da Educação Informal enquanto veículo de influência de conhecimentos e de comportamentos entre gerações, a partir do exemplo dos hábitos e das mezinhas típicos da medicina tradicional.

O contacto directo com os entrevistados, a observação de algumas práticas, o caloroso afecto com que acabamos por ser recebidos, com que nos transmitiram os seus conhecimentos e com que relataram experiências das suas vidas, contribuiu, sem dúvida, para um conhecimento profundo das realidades vivenciadas.

Pensamos que este trabalho de investigação é, não só um reflexo da conjugação de todos estes factores, como é ainda uma forma de perpetuar e enaltecer os conhecimentos informais não só dos casos estudados, mas da população sénior em geral, que, de forma modesta (muitos sem saberem ler nem escrever) ainda tem o poder de ensinar, de transmitir conhecimentos informais ancestrais, assegurando-lhes a continuidade geracional.

Pensamos ainda que o nosso estudo constitui um projecto inovador, pois, não só estamos perante uma área de estudo relativamente recente, a Educação e Formação de Adultos, como também enveredamos por uma temática – a Medicina Popular – nem sempre fácil de abordar, pois tratando-se de conhecimentos informais a nível da medicina tradicional dos quais são portadoras um número muito restrito de pessoas, nem sempre existe o à vontade desejado para se falar da questão perante estranhos.

O contacto directo com os nossos entrevistados evidência que é assunto provocador de alguma inibição porque têm receio que as intitulem de “*bruxas*” e só expõem a sua sabedoria, os seus conhecimentos informais, depois de compreenderem o propósito da entrevista. Pela razão mencionada, foi como se percebe, muito difícil proceder à selecção dos respectivos informantes e concretização de algumas entrevistas.

É ainda de destacar o papel das relações intergeracionais, como forma de manter vivas uma série de costumes e tradições. Isto tornou-se evidente com a concretização do nosso estudo, sobretudo em matérias relacionadas com o sagrado e o profano, de valor tão simbólico em contextos com as características antropológicas e sociológicas como as que pertencem os entrevistados.

O sagrado e o profano ocupam um lugar de destaque nas vidas das gentes, sobretudo rurais, na sua mundividência, no seu sistema de valores, hábitos, enfim, na interacção

cultural e enquanto base de manifestações sociais significativas, como é o caso das mezinhas e benzeduras típicas da medicina tradicional.

Estas pessoas trocam experiências práticas, conhecimentos informais a nível da medicina tradicional, proporcionando não só uma relação saudável e proveitosa entre eles, um convívio salutar, como procedem à junção de saberes ancestrais adquiridos que através da igreja quer através dos “*antigos*”, de forma informal. Na verdade, se por um lado os entrevistados recorrem a plantas, a animais e a objectos específicos (práticas profanas), por outro lado nunca fazem uma benzedura sem rezar uma oração no fim, fazem o sinal da cruz, respeitam as nove vezes, as novenas, e dedicam-nas a santos específicos (práticas sagradas).

Este trabalho de investigação contribuiu, portanto, para percebermos que os domínios do sagrado e do profano, a nível da medicina tradicional, raramente entram em contradição, pelo contrário, complementam-se numa relação baseada em intercâmbios, numa lógica de junção de saberes, constituindo o tema por excelência para a concretização de uma série de relações intergeracionais.

Por fim, é de realçar ainda que o presente estudo procurou contribuir para a construção de indicadores de aferição da forma como se processa e como se caracteriza a educação informal de adultos, circunscrita à dimensão das mezinhas e benzeduras típicas da medicina tradicional. Neste domínio das aprendizagens informais, as respostas obtidas reforçam a ideia de que a sua importância e efeito é mais que evidente.

A educação informal é umas das dimensões contempladas na Educação e Formação de Adultos, e, a par com a educação formal e não-formal, contribui para a construção da personalidade e da identidade pessoais. Por exemplo, aprendemos na escola a ler e a

escrever, mas é sobretudo com os nossos pais, em contextos informais, que aprendemos a respeitar, a obedecer, a ouvir... os dois tipos de educação complementam-se.

A nível da medicina tradicional, a educação informal ocupa, por si só, um lugar de destaque, pois como evidencia o nosso estudo, grande parte dos praticantes não precisa de recorrer a conhecimentos de outro nível (formal ou não-informal) para atingir os objectivos para que foram ensinados: curar os males dos outros e praticar o bem. Bastou o contacto frequente com aqueles que os rodeiam (familiares, vizinhos e amigos) e com alguns dos seus antepassados para que essas aprendizagens fossem concretizadas e perpetuadas.

Conscientes de que a educação informal a nível da medicina tradicional nem sempre é devidamente contemplada na Área da Educação e Formação de Adultos, foi nosso propósito, com a realização deste trabalho de investigação, não só apelar para o seu não esquecimento e sua devida inserção nesta área, como provar que efectivamente os nossos antepassados detinham conhecimentos informais preciosos que continuam, de uma forma geral, a ser transmitidos e praticados pelas gerações descendentes, resistindo assim aos tempos modernos.

Foram os “*antigos*” que ensinaram os idosos, os quais, por sua vez, ensinaram e continuam a ensinar adultos e jovens, familiares, vizinhos e amigos... é uma cadeia geracional com reflexos positivos a nível da Educação de Adultos, produtora e geradora de conhecimentos informais, com um objectivo muito concreto, aliás mencionado por um dos entrevistados: “*isto não pode nem deve morrer, é bom que cá fique sempre alguém para ajudar os outros*”.

4. Sugestões e Recomendações para Futuras Investigações na Área

Tal como tivemos oportunidade de mencionar anteriormente, este trabalho de investigação está suportado em 6 estudos de caso confinado a duas realidades de dois concelhos distintos do país, um situado no Norte e outro no Sul, por algumas razões mencionadas no corpo do referido trabalho.

Interessante seria, pois, alargar este estudo a outras regiões do país, desde o Minho até ao Algarve, o que nos daria uma visão mais abrangente e realista do uso dos conhecimentos informais a nível da Medicina Tradicional e sua consequente transmissão geracional.

Com esta forma de actuar, seria possível e deveras interessante desenvolver um trabalho de investigação, não apenas ao nível das influências geracionais – acções e representações –, mas também no que diz respeito à comparação entre os conhecimentos informais propriamente ditos e postos em prática nas diferentes regiões.

Na verdade, não foi nosso intuito trabalhar a esse nível, até porque não podíamos descurar a área em que estávamos a trabalhar – A Educação Informal na Educação e Formação de Adultos –, no entanto, através da análise das entrevistas realizadas, facilmente constatamos que, para uma mesma doença, em diferentes zonas do país, se dizem rezas com algumas variantes: o objectivo é o mesmo, mas a forma de dizer, as palavras, nem sempre são as mesmas. Aliás, como foi por nós referido, até a forma de se referirem a estas práticas é diferente: no Norte, estas mulheres dizem que estão a “*atalhar*” e, no sul, estão a “*benzer*”.

Outra alternativa que consideramos interessante para uma futura investigação na área, seria confrontar a Medicina Tradicional que foi alvo de estudo e que faz de uma Educação Informal, com a Medicina Convencional, fruto de uma Educação Formal.

Será essa Educação Formal, em algumas práticas, influenciada também por esta Educação Informal, secular? Aceitará a Medicina Convencional este tipo de práticas? Respeita-as? Que opinião terá sobre elas? Uma vez que todos os médicos têm também avós, já observaram ou sofreram a aplicação destas práticas? Já aprenderam? ... Enfim, são inúmeras questões que se nos colocam a este respeito e para as quais seria, a nosso ver, interessantíssimo obter algumas respostas.

Finalmente, dado que a Educação Informal é, dentro da Educação e Formação de Adultos, um campo tão vasto, tão abrangente – pois engloba tudo aquilo que, de forma não intencional, não estruturada, aprendemos ao longo da nossa vida –, seria ainda produtivo estudar a transmissão geracional de conhecimentos informais a outros níveis, como por exemplo lendas, provérbios, adivinhas, receitas culinárias, entre muitos outros assuntos, dos quais estas pessoas são certamente sabedoras.

Enfim, qualquer uma das sugestões dadas para futuras investigações na área nos parece interessante. Todas elas poderiam complementar as conclusões a que chegámos da importância e do valor das relações intergeracionais enquanto veículo estruturante transmissor dos conhecimentos informais, e, simultaneamente, base da construção da identidade e da personalidade de cada um de nós.

BIBLIOGRAFIA

- Afonso, A. J. (2001). *Os Lugares da Educação*. In “Educação não-formal: cenários da criação”. Campinas, S.P.: Editora da Unicamp.
- Afonso, A. J. (1992). *Sociologia da Educação não-escolar: reactualizar um objecto ou construir uma nova problemática?*. In “A Sociologia na Escola”. Porto: Afrontamento.
- Afonso, N. (2005). *Investigação naturalista em educação: um guia prático e crítico*. Porto: Edições Asa.
- Atkison, J. M., Heritage, J. C. (1984). Structures of Social Action. Cambridge: Cambridge University Press, in: Denzin (2003: 356).
- Annan, K. (Abril de 2002). *Assembleia Mundial sobre o Envelhecimento Humano*. Madrid: ONU.
- Attias-Donfut, C. (1991). *Génération et âges de la vie*. Col. “Que sais-je?”. Paris: PUF.
- Azevedo, C.A.M. e Azevedo, A.G. (2004). *Metodologia Científica: Contributos práticos para a elaboração de trabalhos académicos*. Ed. C. Azevedo.
- Bell, D. (1996). *The Cultural Contradictions of Capitalism*. New York: Basic Books.
- Benbasat, I., Goldstein, D. K., Mead, M. (1987). *The Case Research Strategy in Studies of Information Systems*. MIS Quarterly, pp. 369-386
- Bengtson, V. L. e Silverstein, M. (1993). *Families, aging, and social change: Seven agendas for 21st century researchers*. In G. Maddox & M. P. Lawton (Eds.), Kinship, aging, and social change, Vol. 13, Annual review of gerontology and geriatrics. New York: Springer.
- Berelson, B. (1952). *Content Analysis in Communication Research*. New York: FreePress.
- Berger, P. L. e Luckman, T. (1999). *A Construção Social da Realidade*. Lisboa: Dina Livro.
- Bosi, E. (1995). *Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos*. São Paulo: Companhia de Letras.
- Bourdieu, P. (1999). *A miséria do mundo*. Tradução de Mateus S. Soares. 3ª edição. Petrópolis: Vozes.
- Bourdieu, P. (1994). *Raisons Pratiques: Sur la Théorie de L'action*. Paris: Seuil.
- Bourdieu, P. ([1972] 2000). *Outline of a theory of practice*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Brandão, C. R. (1995). *O que é Educação?*. 33ª Edição. São Paulo: Brasiliense.

Castro, L. R. de, Menezes, J. A. (2002). *Subjectivação Política: novos Contornos no Contemporâneo*. In: “Praia Vermelha: estudos de política e teoria social”. Rio de Janeiro: UFRJ.

Catecismo da Igreja Católica (1993). 2ª Edição. Editora Vozes.

Connerton, P. ([1989] 1999). *Como as sociedades recordam*. 2ª Edição. Oeiras: Celta.

Cool, C., Palacios, J., Marchesi, A. (1996). *Desenvolvimento psicológico e educação*. Porto Alegre: Artes Médicas.

Coombs, P. H. (1978). *La crisis mundial de la educación*. Barcelona: Ediciones Península.

Cohen, L., Manion, L. (1994). *Research Methods in Education*. London: Routledge.

Coutinho, C. P., Chaves, J. H. (2002). *O estudo de caso na investigação em Tecnologia Educativa em Portugal*. Revista Portuguesa de Educação, Volume 15, número 1, pp. 221-244.

Cunha, L. (2003). *Entre espaço e representação: Comunidade e memória social*. Tese de Doutoramento. Braga: Universidade do Minho.

Debert, G. (1998). *Antropologia e o Estudo dos Grupos e das Categorias de Idade*. In M.M. Lins de Barros. “Velhice ou Terceira Idade?”. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas Editora.

De Bruyne, P., Herman, J., De Schoutheete, M. (1988). *Dynamique de la recherche en sciences sociales*. Vendôme: Presses Universitaires de France.

Durkheim, E. (1998). *As Regras do Método Sociológico*. 7ª Edição. Trad. de Eduardo Lúcio Nogueira, Lisboa: Editorial Presença.

Durkheim, E. (1989). *As Formas Elementares da Vida Religiosa*. São Paulo: Paulinas.

Eco, U. (1993). *Como se faz uma tese em Ciências Humanas*. Lisboa: Editorial Presença.

Echabe, A.E. e Castro, J. L. G. (1998). *Social memory: macropsychological aspects*. In U. Flick (Ed.). “The Psychology of the Social”. Cambridge: Cambridge University Press.

Eliade, M. (1992). *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes.

Eisenhardt, K. (1989). *Building theories from case study research*. Academy of Management Review. Vol. 14: 532-550.

Espírito Santo, M. (1999). *Comunidade Rural ao Norte do Tejo, seguido de Vinte Anos depois*. 2ª Edição. Lisboa: Sociologia e Educação das Religiões, U.N.L..

Espírito Santo, M. (2000). *Origens do Cristianismo Português, precedido da A Deusa Síria de Luciano*. 3ª Edição. Lisboa: Sociologia e Educação das Religiões, U.N.L..

Espírito Santo, M. (2001). *Origens do Cristianismo Português*. 3ª Edição. Lisboa: Sociologia e Educação das Religiões, U.N.L..

Faure, Edgar (1972). *Apprendre à être*. Paris: Unesco.

Faure, E. (Coord.), Herrera, F., Kaddoura, A., Lopes, H., Petrovski, A., Rahnama, M., Ward, F. C. (1974). *Aprender a Ser*. Lisboa: Livraria Bertrand.

Fernandes, J. V. (1998). *Da Alfabetização/Educação de Adultos à Educação Popular/Comunitária: Relevância do Contributo de Paulo Freire*. In Michael W. Apple e António Nóvoa (orgs.). "Paulo Freire: Política e Pedagogia". Porto: Porto Editora, pp.113-150.

Fidel, R. (1992). *The case study method: a case study*. In: Glazier, Jack D. & Powell, Ronald R. "Qualitative research in information management". Englewood, CO: Libraries Unlimited.

Fleuri, R. M. (2002). *A questão da diferença na educação: para além da diversidade*. In: 25ª Reunião Anual da ANPED, Resumos. Caxambu, ANPed, GT 06 Educação Popular, pp. 1-15.

Fortin, M. F. (2000). *O Processo de Investigação – Da concepção à Realização*. Lisboa: Lusodidacta.

Freire, P. (1994). *Educação e Mudança*. 20ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. 17ª Edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra.

Fentress, J. e Wickham, C. (1992). *Social Memory*. Oxford UK e Cambridge EUA: Blackwell.

Geertz, C. (1987). *A Interpretação das Culturas*. Rio de Janeiro: LTC.

Gil, A. C. (1994). *Métodos e técnicas de pesquisa social*. 4ª Edição. São Paulo: Atlas.

Goldenberg, M. (1999). *A arte de pesquisar: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais*. Rio de Janeiro: Record.

Giddens, A. (2002). *Modernidade e identidade*. Tradução Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Good, W. J. (1970). *A Família*. S. Paulo: Livraria Pioneira Editora.

Gurvitch, G. (1979). *A Vocação Actual da Sociologia*. Lisboa: Edições Cosmos.

Gomez, G. R.; Flores, J. Jimenez, E. (1996). *Metodologia de la Investigacion Cualitativa*. Malaga: Ediciones Aljibe.

- Grossi, Y. e Ferreira, A. (Junho de 2001). *A razão narrativa: significado e memória*. São Paulo: História Oral, n. 4.
- Haguette, T. M. F. (1997). *Metodologias qualitativas na Sociologia*. 5ª Edição. Petrópolis: Vozes.
- Halbwachs, M. ([1925] 1994). *Les cadres sociaux de la mémoire*. Paris: Albin Michel.
- Halbwachs, M. ([1941] 1992). *On Collective Memory*. Chicago e London: The University of Chicago Press.
- Herskovits, M. (1967). *Une Théorie Scientifique de la Culture*. Paris: Petite Bibliothèque Payot.
- Yin, R. K. (2003). *Case studies research: design and methods*. 3ª Edição. Thousands Oaks: Sage.
- Yin, R. (1994). *Case Study Research: Design and Methods*. 2ª Edição. Thousand Oaks, CA: SAGE Publications
- Joaquim, T. (1985). *Mulheres de uma Aldeia*. 1ª Edição. Lisboa: Ulmeiro.
- Kelinger, F. N. (1980). *Metodologia da Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: EPU
- La Belle, T. (1986). *Nonformal Education in Latin American and the Caribbean. Stability, Reform or Revolution?* New York: Praeger.
- Lakatos, E. M., Marconi, M. de A. (2000). *Metodologia Científica*. São Paulo: Editora Atlas.
- Lakatos, E. M., Marconi, M. de A. (1996). *Técnicas de Pesquisa*. 3ª Edição. São Paulo. Editora Atlas.
- Lima, A. e Viegas S. (1988). *A Diversidade Cultural do envelhecimento: a construção social da categoria de velhice*. Psicologia: vol. VI: 149-158.
- Lowenthal, D. (1985). *The Past is a Foreign Country*. Cambridge: University Press.
- Macedo, C. C. (1984). *Algumas observações sobre a questão da cultura do povo*. In: Valle, E. e Queiroz, J. (Org.). "A cultura do povo". 3ª Edição, p. 34-39. São Paulo: Cortez.
- Merriam, S. (1998). *Qualitative Research and Case Studies Applications in Education: Revised and Expanded from Case Study Research in Education*. San Francisco: Jossey-Bass Publishers.
- Moreia, J. M. (1994). *Questionários: teoria e prática*. Lisboa: Almedina
- Myers, M. D. (1997). *Qualitative Research in Information Systems*. Disponível em <http://www.qual.auckland.ac.nz/>, acessado a 16 de Maio de 2008.

- Nazareth, J. M. (1988). *Princípios e Métodos de Análise da Demografia Portuguesa*. Lisboa: Editorial Presença.
- Petterson, M.; William, H.; Reichenbach, Bruce e Basinger, D. (1991). *Reason and Religious Belief: An Introduction to the Philosophy of Religion*. New York: Oxford University Press.
- Ponte, J. P. (2006). *Estudos de caso em educação matemática*. *Bolema*, 25, 105-132. Este artigo é uma versão revista e actualizada de um artigo anterior: Ponte, J. P. (1994). O estudo de caso na investigação em educação matemática. *Quadrante*, 3(1), pp3-18. (re-publicado com autorização)
- Ponte, J. P. (1994). *O estudo de caso na investigação em educação matemática*. Disponível em [http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/94-Ponte\(Quadrante-Estudo%20caso\).pdf](http://www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/docs-pt/94-Ponte(Quadrante-Estudo%20caso).pdf), acedido a 23 de Maio de 2008
- Quivy, R., Campenhoudt, L.V. (1998). *Manual de Investigação em Ciências Sociais*. 2ª Edição. Lisboa: Publicações Gradiva.
- Ribeiro, A. C. e Lourenço, A. (2003). *Marcas do tempo: violência e objetivação da juventude*. In Paulo Cesar Pontes Fraga e Jorge Atilio Silva Iulianelli (org.). “Jovens em tempo real”. Rio de Janeiro: DP&A.
- Spizer, M. (2007). *Aprendizagem, Neuro ciências e Escola da Vida*. Climepsi Editores.
- Trilla, J. (1993). *La educación fuera de la escuela. Ámbitos no formales y educación social*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Triviños, A. N. S. (1987). *Introdução à Pesquisa em Ciências Sociais*. São Paulo: Editora Atlas.

ANEXOS

I. Guião das Entrevistas

Questões da Entrevistas		
Nível Pessoal	Nível Familiar	Nível de Vizinhança
<p>1. Que idade tem?</p> <p>2. Qual o seu estado civil?</p> <p>3. Nasceu aqui?</p> <p>4. Se não, de onde é? Com que idade veio para aqui morar?</p> <p>5. Pertence a uma família numerosa?</p> <p>6. Frequentou a escola?</p> <p>7. Com que idade começou a trabalhar? O que fazia?</p> <p>8. Como viviam naquele tempo?</p> <p>9. É católica?</p> <p>10. Com que idade casou?</p>	<p>1. Quantos filhos teve? Teve dificuldades em criá-los?</p> <p>2. Frequentaram todos a escola?</p> <p>3. Naquele tempo, como era a vida em família?</p> <p>4. Como passavam os serões? Contavam histórias, jogavam às cartas, rezavam...</p> <p>5. Acha que eles aprenderam muito consigo? O quê?</p> <p>6. Quando estavam doentes, o que fazia? Ia ao médico?</p> <p>7. É capaz de me contar alguns episódios a este respeito?</p> <p>8. O que pensam eles acerca do assunto?</p>	<p>1. Conversa frequentemente com os seus vizinhos?</p> <p>2. Quais os vizinhos com quem se relaciona mais?</p> <p>3. Costumam frequentar a casa uns dos outros?</p> <p>4. Normalmente, falam de quê?</p> <p>5. Acha que eles aprendem muito consigo? O quê?</p> <p>6. E a senhora também aprende alguma coisa com eles? O quê?</p> <p>7. Quando algum vizinho adocece, costumam pedir-lhe ajuda? Lembra-se de alguns episódios interessantes.</p> <p>8. Já alguma vez pediu ajuda a algum padre? Acha que eles sabem alguma coisa a este</p>

	<p>9. Actualmente, quando algum(a) neto(a) está doente, ou outro familiar, o que fazem os seus filhos? Vão logo ao médico?</p> <p>10. Pedem-lhe ajuda frequentemente?</p> <p>11. E a senhora, com quem aprendeu o que sabe a este respeito? Lembra-se de algum(uns) episódio(s) que lhe tenha ficado na memória? Sente saudades desses tempos?</p> <p>12. Vive com algum familiar? Com que familiares se relaciona mais?</p>	respeito?
--	--	-----------

II. Transcrição das Entrevistas³⁰

A) Entrevista nº 1:

D. Nazaré – 74 anos

“Nasci em Aldeia de Cima, éramos oito irmãos, três raparigas e cinco rapazes, mas dávamo-nos todos bem uns como os outros, depois o mais velho foi p’ra Marinha e veio de lá pouco mais tempo durou, logo morreu. Agora somos seis ainda vivos.

Andei o tempo todo na escola, andei até aos 12 anos, mas só fiz a 2ª classe, eu era uma burra, o que é que hei-de fazer! Eram vinte palmatoadas em cada mão...tau, tau, tau... deu as que quise. Poucas vezes ia à escola, também andavam lá os meus irmãos e iam lá para umas árvores que estão ali à entrada de Aldeia jogar o pino³¹ e eu ia com eles e sentava-me lá a ver o pino. A professora era de Armamar, passava lá no caminho para ir embora e, quando nós víamos a cabeça dela, íamos todos para casa e a escola ficava para trás. Era tanta porrada que tínhamos medo de ir à escola.

Logo assim que lá cheguei, logo no primeiro dia, pensava que a gente saía sem ordem para ir p’ro quarto de banho, vi sair lá uma rapariga da escola (mas parece que pediu licença) e eu também saí, não sabia, e logo me deu porrada com uma cana grande, comprida, foi quando ela me disse que havia de pedir licença. Ao depois, eu pega, logo naquilo, foram umas palmatoadas na mão, pôs-me as mãos a arder... estava sempre doente da barriga, a minha mãe chamava-me para ir p’ra escola e doía-me a barriga, estava toda a manhã na cama... ficava doente com os nervos.

Quando saía da escola, ia chachar milho e batatas e levar cestos de comida a Queimada à cabeça, acartar comer para os porcos e encher os potes... e era assim. Trabalhava no campo ao pé dos meus irmãos e do meu pai, o meu pai andava todo

³⁰ Todos os nomes são fictícios para preservar a identidade das inquiridas e não ferir susceptibilidades.

³¹ Jogo tradicional português também conhecido por jogo da malha.

contente comigo lá ao pé dele. Quando era nos campos, era bonito! Quando eram as vindimas era uma alegria – agora nem lembra a vindima – a gente cantávamos, andávamos a cegar o pão, era uma festa, nós íamos para as fonte lavar a roupa, era uma alegria, tudo a cantar! Agora não.

Nunca passemos fome, nós tínhamos uma casa muito grande de bens, tínhamos prédios³² e o meu pai nunca nos deixou passar fome, mas era muito trabalho, não tínhamos ninguém a fazer nada, éramos nós que fazíamos tudo. O meu pai granjeava setenta pipas de vinho e fora os lameiros, fora prédios que tinha, éramos nós que fazíamos tudo, só metíamos pessoal para a vindima.

Sou católica, ainda hoje estive p'ra ir à missa das almas e ao mês de Maria, rezam o terço e lêem o mês de Maria lá num livro. Eu tenho a minha casa cheia de santos, tudo à volta, é na cozinha, é no quarto... até a televisão tem a Nossa Senhora da Lapa, tenho a Santa Rita, tenho a Santa Tecla, que o meu pai gostava muito...

Uma ocasião o meu pai prometeu uma promessa à Senhora da Lapa, de ir lá levar um pipo de vinho e comermos lá um salpicão, mas que nós fomos a pé, foram os meus irmãos todos e comemos a merenda toda pelo caminho e bebemos o pipo de vinho; estivemos lá três dias e só comemos lá o salpicão.

Há coisa de um mês fui à Santa Tecla, ali para os lados de Santiago de Compostela, andemos ali p'ra lá para muito longe e então aquilo era só tendas, não havia lá nada, depois aquelas tendas era só bruxas, só bruxas penduradas, elas a cantarem, às gargalhadas, até metia impressão.

Casei com 17 anos, eu foi mais uma rebendita que namorava lá um rapaz que era meu vizinho e depois eu zanguiei com ele, como namoros, e ele vai de rebendita e falou a namoro lá a uma rapariga, mas ela é que também foi burra, que ela via que ele

³² Prédios – refere-se a terrenos agrícolas.

andava a falar para mim (éramos novitos), e já lá ia dormir com ela e tudo. Vieram-me avisar... então ela não via a minha vida, que eu andava a falar p'ra ele, eu não lhe devia nada nem ele a mim, era mais por amizade, namorava... aquilo nem era namorar, era como irmãos, gostávamos um do outro e ele vai à rebendita mete-se com a outra. Depois o meu homem começou lá a rascar e eu agarrei falei p'ro meu homem e casei-me com ele, o Finote, que era aqui de S. Romão, onde vim morar e tive os meus filhos.

O meu marido, nessa altura, era viúvo e tinha uma filha já com os seus cinco anos... a primeira mulher dele morreu no parto, quando a criança nasceu. A minha sobrinha Gracinda foi criada com a avó e o avô, a Sr.^a Guiomar e o Sr. Maximiano, eram tempo difíceis e um homem só a tomar conta de uma filha... e eu também tive tantos filhos.

Agora parece que ainda namoram mais cedo, mas dantes os nossos pais algum dia nos deixavam andar assim...nem ao menos um beijo deixavam dar, estavam sempre a guardar a gente, pensavam por lá que a gente que... era uma chatice. Era namorar da janela, porra.

Casei pela igreja. Agora vai tudo vestido de branco, mas dantes só ia de branco quem ia virgem, agora já vão grávidas, já vai tudo de branco. Os homens dantes quando viam uma rapariga que andasse a namorar muitos, já não a queriam e então quando soubessem que estavam já desonradas de outros, ainda p'ra pior, já ninguém lhe ligava... e então era uma admiração muito grande, quando uma rapariga namorava um rapaz e tivesse assim logo coisa com ele, já não gostavam... hoje já não se importam, mas dantes era.

Quando eu me casei, estive lá toda a tarde o altifalante a tocar, ligado à electricidade, aquilo naturalmente eram por lá discos ou não sei que lá metiam. Era bonito, pelo menos quando me casei foi bonito e foi um grande jantar, mas não era

como agora que só vão para os restaurantes, era tudo feito em casa, no forno, tudo bem assado, tudo composto e quentinho... o arrozinho, as batatinhas assadas e o borrego. Eu fui ao casamento do meu neto a Lisboa, vi lá muita coisa, mas era tudo caro e nada prestava, era estas coisas lá do mar e aquelas coisas que parecem sapos³³... é só para as pessoas que já estão habituadas.

Ainda tive seis filhos, tive uma menina que morreu já com sete anos, os médicos diziam que era a meningite, mas eu não me acredito, se fosse não tinha durado tanto tempo. Depois ainda tive um aborto, mas isso... era um bicho, foi entre o meio do meu Maximiano e da pequena que morreu. Era um bicho que parecia um sardão, era tal e qual como um lagarto e já o tinha há três meses, depois morreu lá dentro da barriga, foi que eu bebi um bocadinho de aguardente, diziam que era bom a gente beber, e deitava-lhe um bocadinho de açúcar. Ao fim de três dias, morreu dentro e foi então que o deitei, mas já estava todo a desfazer-se, mas era assim comprido, parecia um sardão. Estava lá a senhora Cecília que andava a fazer o comer em minha casa e pedi-lhe para chamar a Sr.^a Virgínia e, quando veio, pedi-lhe para ver o que tinha deitado no bacio e ela esteve a ver e disse “Ai, isto é um bicho!”... A minha mãe dizia que já não alcançava mais nenhum, porque tinha alcançado o bicho, mas ao depois ainda alcancei o meu Luís e o meu Ananias.

Dantes havia, qualquer uma pessoa tinha, a Sr.^a Arminda, a mãe da Botinha, uma ocasião também teve um bicho, mas parecia um morcego, ao tempo que saiu a criança, saiu também ele e fugiu para cima, para o telhado. Saiu a criança e saiu o bicho, teve sorte! Porque eles acostumam comer as crianças, às vezes as crianças vêm até aleijadas.

³³ Parece estar a referir-se ao caranguejo.

Dantes, quando andávamos grávidas, assim que tínhamos falta da menstruação, já não se punha nada no pescoço, já nem se punha fios, nem alfinetes, nem chaves, nem escovas, nada, nascia tudo nas crianças.

Uma ocasião, andava grávida do meu Zé Manel e o meu irmão foi à Nossa Senhora de Fátima e depois trouxe prendas para todos, só para mim não trouxe nada, mas depois disse “Para ti não trouxe nada, mas espera aí que te vou dar uma medalha da Senhora de Fátima”. Ele vai e deu-me a medalha e eu pus aqui no peito e então não é que a medalha nasceu na cabeça do meu Quim, ele tem a medalha aqui atrás da orelha, e não nasceu cabelo no sítio da medalha.

Tinha um primo que estava a mãe a limpar um fato e meteu a escova debaixo do braço e a escova nasceu-lhe aqui no pescoço, nós só lhe chamávamos Escova e tinha a escova, tal e qual!

Houve um rapaz de S. Joaninho, dantes era uma miséria, os homens não davam dinheiro nenhum às mulheres, eram eles que gastavam o dinheiro todo, às vezes até no vinho e a mulherzinha tinha necessidade do dinheiro, andava de bebé. E então roubou cem escudos ao homem e agarrou e meteu-a ao peito, não é que a nota de cem escudos nasceu aqui no pescoço da criança! Agora trazem tudo ao peito, não sei como é isto, dantes não, nascia tudo nas crianças! Dantes havia crianças que nasciam com os lábios rachados e diziam que eram as mães que iam ao mato e metiam a cutela aqui na saia³⁴, às vezes ficava o feitio da cutela. Havia assim estas coisas, agora não, até me admiro!

Os meus filhos andaram todos na escola, não aprenderam mais porque não quiseram, porque dantes também não havia estes estudos, era só para os mais ricos. Os pobres ficavam na 4ª classe e vale mais a 4ª classe de antigamente do que vale agora

³⁴ Quando as mulheres metiam um instrumento cortante na cintura.

muitos estudos. O meu Ananias, deu-lhe a meningite, ficou surdo, e ainda andou lá na escola de surdos até à idade de 15 anos, em Lisboa. Saiu de casa tinha sete anos, muito eu chorei, nas férias ia lá buscá-lo, estudava, estudava, e não sabia que classes é que tinha! Lá abriu os olhos, fez a 4ª classe e depois veio para casa, andava a trabalhar com o pai, a cavar, a tesoirar, a fazer tudo... ele não estava habituado... iam para o Vacalar, para o São Joaquinho, para as podas. Depois, comprei-lhe um aparelho e tirou a carta de ligeiros e de pesados e ficou bem logo da primeira vez e o meu Luís para ter a carta para conduzir teve que a comprar no Algarve, foi umas três vezes ou quatro e não conseguiu. Ainda governa a vida tão bem como os outros e ao mais doente. Todos eles só deram a 4ª classe, lá se desenrascam.

A minha mãe se lhe dissessem que na Régua havia lá um livro bonito, ela era capaz de ir à Régua buscar o livro para ler e, enquanto não o lesse, ela não se deitava. E ao mais tínhamos uma casa de muita lida, criávamos dois porcos, o governo que havia dantes eram os porcos que matavam em casa, dantes não havia talhos, era só aos sábados é que ia lá um carniceiro matar borregos e os porcos é que era o tempero para todo o ano. Nós tínhamos uma casa muito grande de lida, mas a minha mãe mesmo assim ainda arranjava um bocado para ler!

A gente à noite, quando era no Inverno, que estava a chover ou as noites eram grandes, a minha mãe era a arremendar, eu era a fazer na meia, a minha irmã mais velha era a partir a terrabas³⁵ para encher os potes para os porcos para o outro dia e ao depois ela sentava-se na cozinha a contar aquelas coisas todas dos livros, o que lia nos livros. O padre quando está a dizer a missa, eu sei tudo, eu explico todas as coisas, ela contava-nos tudo, tudo o que lia nos livros, ficava-me tudo na cabeça, eu ainda me lembro de muita coisa, eram histórias, adivinhas e muita coisa, ela sabia tudo, tudo...

³⁵ Beterrabas, comida que habitualmente davam aos porcos.

sabia a vida de nosso Senhor, nossa Senhora... às vezes vêm os Jeovás e eu sei tudo (eles até se admiram)... a minha mãe tinha uma bíblia e tinha lá tudo. Eu aprendi a rezar porque ia para a doutrina, fui duas vezes à comunhão e ela ensinava-nos também as orações, depois eu comecei-me a esquecer... agora já não me deito sem rezar, sento-me na cama a rezar.

Quando a minha mãe teve o meu irmão que está agora em Lisboa, ela ficou tolhidinha de pés e mãos e o pequeno também ficou e não mamava, isto de um momento para o outro. O meu pai tinha um amigo que era de Figueira, estava até casado com uma prima minha, e o meu pai contou-lhe. O homem disse-lhe então para ir a Figueira, mas que fosse depressa porque havia lá uma pequena que lhe podia valer, mas ia para o Brasil, trabalhar de espírita. O meu pai tinha uma burrita, agarra monta-se logo na burra e foi lá a Figueira. Quando chegou lá, viu que era uma criança e diz o meu pai “Eu vinha cá ter com a senhora, tenho a minha mulher muito malzinha e o bebezinho também está assim”. A pequena foi com a mãe e voltou de burra ao colo dela.

A minha mãe estava na cama e o pequeno, que tinha nascido à coisa de um dia ou dois, e a pequena chega lá e ficou sem sentidos, a mãe dela pegou nela ao colo e ela foi que tratou a minha mãe e o bebé. Era coisa ruim que andava com a minha mãe, ela trazia uma pessoa de família a guardá-la e a pequena que tinha sete anos foi que tratou da minha mãe. Fez-lhe rezas, primeiro estiveram os espíritos a falar na pequena e queriam botar-se à minha mãe para a matarem, ela lá esteve e lá expulsou aquilo.

A pequerricha saiu do colo da mãe, pediu alecrim e pediu certas coisas e subiu acima do forro (que as casas antigamente não eram forradas, era acima com uma tábuas, umas traves, nem pregadas nem nada) com o defumadoiro, defumou tudo e a minha mãe ficou boa e o pequeno também. Isto até é difícil de acreditar, uma criança com 7 anos!

Era um primo da minha mãe, ele disse “Sou teu primo.”, e a minha mãe disse “Meu primo, de que morte morrestes?” e ele fez assim, que ele estava a limpar uma arma e estava carregada, deu-lhe no peito e morreu. Depois que andava a guardar a minha mãe e ela disse “Se tens me andado a guardar, guarda-me sempre.” E ele disse “Vou-me embora porque está na hora de me ir embora.”, “Então se te vais embora, despede-te.”, pediu-lhe ela. A pequena alevantou-se do colo da mãe, deu um aperto de mão a todos que estavam lá e a minha mãe viu ir uma borboleta branquinha a andar, andar, andar, até se perder de vista, consoante a vista deu p’ra ver assim ela desapareceu e a minha mãe e o pequeno ficaram bons. É assim, Deus tudo deixou no mundo e o saber nunca ocupou lugar, tudo é bom saber fazer... eu também gosto de saber tudo isto para ajudar os outros e acredito que faço o bem, sempre que posso e sei.

Eu também ainda dou um jeito, ajudo as pessoas quando me pedem, faço essa do embaçado, de coser os pés com uma agulha e à zona.

Eu atalho ao fígado, baço e coelheira, que lhe chamam a passarinha, deve ser o pâncreas. Dantes havia muita criança e quando estavam doentes vinham ter com a minha mãe, a minha mãe é que as curava de embaçadas, fazia-lhes assim como eu faço: aquecia umas folhas de couve em cima do testo de um pote de ferro (agora já nem há disso, tem que ser no lume do fogão), quentinhas, untava-as com unto (agora já não há unto, tem que ser azeite), depois dava três pancadinhas nos pés, dava-lhe aquele jeitinho na barriguinha³⁶, punha aquelas folhas quentinhas na barriga, apertava com uma fralda ou um apertador (que dantes usava-se uns apertadores de apertar as barrigas às crianças, fazia-se com um bocado de pano e umas fitas de nastro, para não

³⁶ “Aquele jeitinho” – trata-se de umas pequenas massagens na barriga.

chorarem, se chorassem ficavam doentes, as tripas iam p'ros grãoszitos; diziam dantes que eram rendidos). Eu aprendi com ela, com a minha mãe, e digo:

Baço, fígado, coelheira

Torna a teu lugar

Assim como as ondas do mar

Subiram e desceram

E tornaram ao seu natural

Com a graça de Deus e da Virgem Maria

Ave-Maria

Depois dou três pancadinhas nos pés e consoante rezo faço o sinal da cruz na barriga com a mão e dou o tal jeitinho. Ah! as folhas de couve têm que ser roubadas e com o pé roxo, porquê não sei, é assim, já dizia a minha mãe. Reza-se depois uma Ave-Maria.

Eu cá em S. Romão já curei muita criança e a minha mãe lá em Aldeia também fazia igual, também curava muitas crianças assim. É que iam lá um dia e ao outro dia já não iam, já estavam boas e eu também me acontecia o mesmo.

Muitas crianças, quando estavam doentinhas e era ar e assim estas coisas, a minha mãe também as defumava com um bocadinho de alecrim. Punha-as em cima do fumo e dizia:

Como Nossa Senhora

Defumou o seu amado filho

Para o alecrim verde cheirar

Também eu defumo esta criancinha

Para todo o mal tirar

Fazia-se isto três vezes, em cima do fumo do alecrim, azeite e uma folhinha de oliveira.

Também sabia atalhar aos bichos, quando rebentavam aqueles bichos na cara, no corpo, tudo, a minha mãe também curava isso. Eram aranhões, sapos, cobras ou sardões que passavam pela roupa e depois têm pessoa ou como é. Eu passo com uma faca por cima (e a tua avó também devia saber³⁷), faço uma cruz e digo:

Eu te atalho bicho, bichão

Aranha, aranhão

Sapo ou sapão

Cobra ou cobrão

Todo o bicho de toda a nação

Que te corto

Rabo, cabeça, coração

Nem cresça, nem medresa

Nem dobre o rabo com a cabeça

Com a graça de Deus e da Virgem Maria

Ave-Maria

No fim, reza-se uma Ave-Maria. Isto também se faz para a zona, dizem que quando a cabeça chegar ao rabo, a pessoa morre. Eu fui uma vez à minha sobrinha Gracinda e ela estava metida na cama com a zona, disse que foi ao médico, mas não tinha melhoras e eu disse-lhe “Atão vai buscar a faca que eu vou-te atalhar.”. Fui lá

³⁷ A entrevistada refere-se à minha avó materna, Filomena de Jesus, a qual tinha conhecimentos únicos a este nível, mas infelizmente já morreu, há muitos anos.

três vezes e depois ela aprendeu, escreveu num papel e disse que não valia a pena ir lá cansar-me mais... mas também já estava a murchar.

Todas as rezas faz-se as vezes que quiser, até curar, nove ou três, tem que ser pernã³⁸, não é bom ser pares, e a minha mãe fazia igual. Nove é a novena, dantes prometia-se a uma Santa qualquer uma promessa, que era uma novena de meninas (nunca ouviu falar?) e arranjavam as nove meninas (só meninas, não entravam rapazes) e iam com elas pagar a promessa, lá rezavam, faziam a romaria à capela, davam a esmola e vinham-se embora. Estava a promessa prometida.

Um dia, estava em casa e chegou lá a minha comadre Delfina “Oh comadre, sabe atalhar à zona? O meu Domingos tem as costas cheias de frunchos, dizem que é a zona.”, e eu disse assim “Quem é que foi que te disse que eu sei atalhar à zona?”, “Oh, lembrou-me, como você já é assim uma mulher de idade, lembrei-me que soubesse.”, vou assim “Eu sei.” e lá fui. Logo da primeira vez que lhe atalhei, começou a ficar bom e ficou a murchar. Ela ficou tão contente, disse que não sabia como me agradecer.

O meu Zé Manel foi p’ra Serra do Gerês, andaram para cima lá daquelas fragas e diz-me a minha nora “Olhe, entregue-se do seu filho e cure-o.”, “Mas como é que tu sabes que eu sei curar o meu filho?”. Mostrou-me a mão e estava inchada por aqui cima, aquilo foi cobra, poisou a mão conforme andou por aquelas fragas em sítio onde cobra passou e ficou com ela na mão. Em três dias também o curei.

A minha nora ficou espantada e quis logo aprender, agora, às vezes, quando lhe acontece mesmo, faz ela, já aprendeu!

Agora, quando alguém torcia um pé, um tendão, dava um mau jeito e doía, também atalhávamos. Dantes, a gente usava um panelo de barro, usava aquelas cafeteiras com um rabinho (agora já não tenho cafeteiras, já não há, já fui uma vez a

³⁸ pernã – quando se refere a um número ímpar.

uma feira e havia lá, mas fui com pressa...) e depois a gente, a minha mãe punha ao lume, mas não havia de tirar a tampa enquanto não fervesse e depois virar para uma bacia de esmalte, que havia dantes. A gente virava a cafeteira de água para cima da bacia, depois púnhamos uma tesoura em cruz, em cima da cafeteira, e a gente punha o calcanhar em cima da tesoura. Pegava-se então num novelo de linha e íamos cosendo o novelo, sempre à volta do calcanhar, por baixo e por cima, sempre em cruz, e dizíamos:

Eu te coso

(e elas dizem) Fio torto

Se é fio torto torna a teu posto

Se é fio torcido torna a teu sítio

Se é fio dobrado torna a teu lado

Com a graça de Deus e da Virgem Maria

Um Padre-Nosso e uma Ave-Maria

Depois outra vez... Faz-se nove vezes até ficar bom, que é a novena. Rezava-se um Pai-nosso e uma Ave-Maria e a água sumia-se toda para dentro da cafeteira, enquanto não deixasse de chupar, não estava bem, não estava cosido. Há quem aproveite a água, ponha um punhado de sal e ponha o pé lá dentro, enquanto a água está boa. Faz muito bem!

Noutro dia foi lá a Rita a mancar, já fui ao Marco, filho da minha sobrinha Gracinda, já fui à mulher do Suíço, já fui ao meu sobrinho Toninho... já tenho andado assim nisso... parece que as pessoas até adivinham!

Quando a Birita deu aquele tombo, esteve muito mal e mandou-me chamar lá, disse que era o peito aberto. Já tinha cosido o pé, agora o peito não, mas lá o cosi, ela diz que se encontrou bem.

As vizinhas costumam-me procurar para me pedirem estas coisas e também já ensinei muitas, quando eles pedem que lhes ensine, isto não pode nem deve morrer comigo, é bom que cá fique sempre alguém para ajudar os outros, mas também já tive uma que me tratou mal. Tenho vizinhas que basta-lhes ver como se faz uma vez e aprendem logo!

As criancinhas iam lá a minha casa e eu não dizia que não, o filho da Clara ia mesmo parecia morto e ao outro dia ia lavar para a Referta e ele já ia todo contente aos pulos com a mãe, até fiquei admirada! A Lurdes da Lameira, uma ocasião disse-me “Ah, você é uma bruxa.” E eu comecei a pensar, atão ando aqui a fazer bem às crianças e ainda me chamam de bruxa... eu deixei de fazer.

Tem cá vindo muita gente, até de Goujim e de outros lados e eu digo que não, mando-as para Aldeia para a minha sobrinha, também não vão por fazer o serviço. Aqui em S.Romão venho a casa das pessoas, mas quando vêm de fora não, porque vêm muitas vezes e vêm-nas andar lá e atão eu digo que já não sei, que já não posso. Mando-as para casa da minha sobrinha que ela sabe tanto como eu, às vezes até vou com elas, de carro, vou à minha sobrinha para ela fazer isso. A minha sobrinha tem 40 e tal anos, ela aprendeu com a mãe dela.

Despois, uma vez até me confessei ao padre e disse “Oh Sr. Padre, eu tenho jeito de curar as crianças embaçadas, mas houve lá uma vizinha que me chamou de bruxa.” e o padre disse-me “Como é que a Senhora faz?”, “Faço um jeitinho na barriga e digo estas palavras assim e assim e no fim rezo uma Ave-Maria.”. Então o padre disse para não deixar ir as criancinhas sem esse jeitinho, para não querer saber do que dizem, mas para não rezar eu as Ave-Marias, para mandar rezar as mães que são as que têm obrigação. Ele mandou-me fazer isso, porque ele viu que não era coisa de bruxedo, que eu só quero ajudar e fazer o bem.

Eu acho que os padre não sabem atalhar, sabem muito disso é de espíritos, sabem mas não querem dizer, pois se a gente disser que anda com este espírito ou aquele, eles não vão dizer que sim, porque a gente já está com medo e a depois se eles são padres e dizem que é verdade, a gente ainda mais com medo fica. Eles dizem que não, mas eles sabem muito bem, que se for uma coisa de mau eles são obrigados a ler os exorcismos, que é um livro que eles têm para expulsar as coisas ruins. O que é tem que ser com a estola, porque se eles apanham um padre sem estola, os espíritos vingam-se e matam-nos.

A minha mãe tinha um tio que dava pulos, escumava da boca, não havia quem o segurasse, depois diz que foi a um padre a Tões. Ele veio e disse à mãe dele que fazia isso porque era para ele, mas não fazia a mais ninguém, pois estava sujeito a apanhar a sua morte (eles vingam-se). Pois pega, deu-lhe com a estola muitas, muitas vezes, perguntou-lhe donde era e o espírito dizia “Eu sou o Diabo maior do Inferno.”, “Sai, sai” gritava o padre. Tantas vezes lhe deu com a estola que o homem levantou-se e ficou bom. Desde que fez isso, o padre não podia largar a estola... um dia, ele vinha ao fundo de Tões, esqueceu-se da estola e depois o outro disse-lhe “É agora mesmo que vais morrer.” e matou-o. É um sacrifício para eles, é uma coisa muito ruim, e eles evitam fazer.

Eu também ainda sei defumar, já defumei o filho da Natividade, o Nuno. Deita-se muita coisa, alecrim, oliveira, ruda, aipo, sal e azeite, eu como não tenho mais outra coisa, só ponho o alecrim, a oliveira e um bocadinho de ramo bento, benzido (se tiver), umas areiazinhas de sal e o azeite. Boto isto tudo para dentro de uma brasas e digo:

O mal que esta criancinha tem

Nesta fogueira vai arder

E às ondas do mar vai bater

E agarro no sal, deito em cruz em cima das brasas e abafó o lume e digo para o sal:

Sal

Não é para te desprezar

É para este mal tirar

Deve-se fazer isto nove ou três vezes. Dantes, quando as criancinhas iam para o baptismo, para a água, dávamos-lhes banhinho, vestíamo-las com a roupinha que haviam de levar e eram defumadas, o que é era só uma vez, para irem defumadas para a igreja. Isto era para tirar o ar, se fossem baptizados, se fossem para a pia com o ar já não tinha cura. Agora já não há nada disso, mas aqui em S. Romão eu ainda defumei muitas crianças para irem para a pia também. Agora, os mais novos, já não usam, já nem querem crer em nada destas coisas.

Quando os meus filhos estavam doentes, que eu via que era doença que pudesse curar, ou ia à minha mãe ou fazia eu, mas ia mais à minha mãe. Quando via que eram coisas que não podia curar, também ia aos médicos, ia governar a vida como aos outros.

Os meus filhos não aprenderam nada disto comigo, são rapazes, só aprenderam a fazer comer. O meu Quim amassa o pão, faz bolas, faz carne assada, arroz, faz isso tudo. Eles saíram de casa muito novos, o Zé Manel saiu de casa tinha 15 anos, o Quim tinha 13, o Ananias tinha 7, o Maximiano parece que também tinha 14... saíram novos de casa e agora estão todos lá para Lisboa, estão longe.

Agora, a minha nora, a mulher do meu Ananias também lhe deu uma dor aqui detrás na perna, já se tem fartado de andar, tem andado a fazer a terapia e tudo e eu

ponho-me assim “Quem sabe lá se será aberto!”. Se soubesse que era isso, eu ia por aí fora, punha-me na carreira, estava lá oito dias e ia-lhe lá ver.

Eu, tudo o que sei fazer eu gosto de fazer às pessoas, mas fiquei também aborrecida com a Sr.^a Júlia, porque a cadela dela trazia uma coceira, coçava-se muito, até arrancava a carne com os dentes, e peguei e disse “Ah Sr.^a Júlia, eu vou amassar um bocadinho de azeite com enxofre e vou untar a cadela, p’ra tirar essa comichão.”. Agarrei, cheguei a casa, botei um pouco de azeite numa malga e um bocado de enxofre, fiz assim tudo à moda de uma pomadinha, fui lá e deitei-lhe, esfreguei a cadela com aquilo. A cadela, ao outro dia, estava melhor, mas ela para não dar o braço a torcer, levou-a p’ró vetrenário, mas quem a curou fui eu e ela ao fim ainda foi falar p’rós outros que a cadela andava com uma grande comichão e que foi ao vetrenário, gastou seis contos... mas ela já foi curada, já não tinha comichão nenhuma, já até as feridas estavam a secar. Eu também já disse, p’ra outra vez, o que souber não digo a ninguém, eu é que sou uma burra.

Dantes, os meus irmãos ganhavam feridas na cabeça, chamavam empolas, punha-se a cabeça cheia de feridas, e a minha mãe cozia um ovo, tirava-lhe a amarela do ovo e amassava a amarela com azeite e enxofre e punha na cabeça dos meus irmãos e aquilo curava. Foi por isso que me alembrou de fazer o mesmo à cadela.

Quem aprendeu com a minha mãe foi também a minha irmã, ela também curou muita criança, a filha dela, a minha sobrinha, aprendeu com a mãe e eu aprendi com a minha mãe. Se eu tivesse tido raparigas... agora assim rapazes... e ao depois saíram cedo de casa.

Tenho curado muita gente, o filho da Maria, o Valter, a Tininha, o filho do Amadeu, o da Rosária... ainda há cá muita criança cá em S. Romão. Eu alembra-me

deles todos! E quando posso fazer bem, faço, gosto de ajudar, mas não gosto que me chamem de bruxa.”³⁹

³⁹ Entrevista realizada a 20 de Maio de 2008, na aldeia de S. Romão, Concelho de Armamar, distrito de Viseu.

B) Entrevista nº 2:

D. Maria das Neves – 80 anos

“O meu nome é Maria das Neves, tal como a minha mãe e a minha avó, mas aqui na terra toda a gente me conhece por Maria das Neves⁴⁰ .

Fui nascida e criada até à idade de 15 anos na freguesia de Relíquias, num sítio chamado Monte da Abrigada... a minha mãe namorou com o meu pai, deixou-se cair com ele e ele arranhou-lhe esta encomenda. A minha mãe, quando eu nasci vivia em casa dos pais dela. Depois houve outra que se lhe atravessou na frente e o meu pai deixou a minha mãe, já tinha coisas compradas para ir viver com a minha mãe e tudo... O meu pai foi viver com outra mulher, mas cedo fugia de lá, ela nem sequer era capaz de ir buscar uma bilha de água a um poço que havia lá porque a minha mãe andava só a ver se a apanhava, às vezes para ir à água tinha o meu pai que ir com ela. Uma vez, a minha mãe roubou a espingarda ao meu avô e foi esperá-la à frente da porta da casa dele...

A minha mãe depois casou... com um senhor que a perguntou e ficou com três filhos dele, duas raparigas e um rapaz, o mais pequenino tinha um ano quando a minha mãe morreu, mas, graças a Deus, todos se criaram e todos são umas pessoas de trabalho, umas pessoas da vida.

De noite, estou sozinha e lembro-me de muita coisa... vou buscar muita coisa e então fiz uns versinhos à minha vida:

Amigas vou-lhes contar tristezas da minha vida

Que eu tenho muito desgosto ter nascido uma rapariga

⁴⁰ Conhecida na aldeia por Tia Maria das Neves, como aliás afirmou o Sr. Manuel, homem já de 88 anos, muito bem disposto, que muito gentilmente me guiou até casa dela.

*Comecei a ser infeliz ainda antes de nascer
Meu destino assim o diz que hei-de ser até morrer
Hei-de ser até morrer pela minha pouca sorte
Nasci para ser infeliz e hei-de ser até à morte
No ventre da minha mãe pelo meu pai fui desprezada
Logo eu nasci e me criei no monte da Abrigada e em Relíquias baptizada.*

*Eu perdi a minha mãe, era de menor idade
Como o destino assim o diz
Que assim ficou esta infeliz pertencendo à orfandade
Mas o meu pai me foi buscar
Para a sua companhia
Mas foi só para eu trabalhar
Toda a hora e noite e dia.*

Ele tinha uma catrefada de filhos, e eu vim para ali e fui uma escrava, éramos sete, comigo oito. Morávamos na Ribeira do Seissal, o meu pai tinha uma taberna, era negociante de cortiça... viveu ali muitos anos, veio para ali mais a minha madrasta.

Trabalhávamos no campo, fazíamos tudo... apanhávamos mato, cavávamos milho, ceifávamos trigo... ao pois houve esta coisa da Barragem da Ribeira de Campilhas, começaram a semear ali arroz e lá fui eu mondar o arroz, lá fui eu semear e apanhar tomate... tudo isso... tudo isso eu tive, fazia de tudo.

A minha família era muito grande, a minha avó tinha oito filhos, mas só duas filhas é que deram filhos, um morreu com 28 anos, ficaram sete, tinha aqui um tio meu que morava ali naquela casinha, esse tinha três filhos, tem uma filha que é poeta tal e qual como o avô... mora em Vialonga.

Quer ver uns poemas que o meu avô fez?⁴¹. Eu decorei, muitas destas coisas que eu sei, muitas histórias, eu aprendia com o meu avô, ele lia e eu aprendia...

No meu tempo, não tínhamos escola, nunca aprendi a ler nem a escrever, não leio nada, faço para ali uns gatafunhos do meu nome quando vou à caixa ou vou receber a reformazinha. Aprendi a fazer o meu nome quando o meu filho foi para o Ultramar, que eu tinha que ir à Câmara a Odemira buscar o dinheirinho que ele mandava de lá, tinha que assinar e dei em fazer o meu nome, mas mal.

Eu sou católica, quando morre uma pessoa vamos à igreja, vamos acompanhar, mandamos dizer umas missinhas, seja aqui nesta, seja no Cercal, as que estão aqui mais próximas, temos as nossas devoções, mas não podemos ir sempre à igreja porque isto é longe. Se eu estivesse dentro de uma vila, onde houvesse, eu ia mais vezes porque eu sou muito católica.

Casei com dezoito anos, eu estava desejando me agarrar livre daquela casa, então o meu marido dizia “Estou desejando te tirar daqui”. Foi aquele rapaz que me perguntou, ele estava nas mesmas circunstâncias que eu estava, a ele tinha-lhe morrido a mãe, tinha ele cinco anos, o pai era já velhote, vivia com uma madrasta de uma irmã e estava desejando de arranjar uma casinha dele. A gente logo não casámos, juntámo-nos um com o outro, mal ele veio da tropa, e pronto, ao depois é que casámos pelo registo... pela igreja tem muita coisa, eles põem muitas coisas... há um ano e tal que a minha neta se casou e foi pela igreja, mas a moína que eles tiveram para se casarem pela igreja!

Graças a Deus, fomos felizes, demo-nos sempre bem um com o outro. Tive sete filhos, o primeiro morreu com dois meses, era um menino e depois só a menina que tive

⁴¹ A entrevistada tira do bolso um papel já amarelado, religiosamente guardado, e cujo conteúdo sabe de cor, isto apesar de não saber ler nem escrever. Segundo a mesma, o seu avô, Domingos Sebastião, com muito jeito para escrever versos, mandava imprimir os mesmos e depois vendia-os a 1 escudo, isto há mais de 60 e tal anos. No canto inferior direito da página vinha escrito “visado pela censura”.

morreu-me com dezoito meses, com uma entrite aguda, depois vieram ainda mais três para ver se era capaz de vir uma filha, pois já não vieram... tive seis rapazes e uma rapariga... se fosse hoje a minha filha não tinha morrido. Tenho quatro filhos, tinha cinco, infelizmente, um assassinou-se já há 22 anos, se ele fosse vivo tinha feito ontem 61 anos... tinha uma casa que era um amor, não sei o que é que foi do meu filho, foi com uma corda... aquilo foi a mulher, não foi mais nada.

Todos os meus filhos andaram na escola, o mais novo, hoje com 41 anos, fez o 10º ano, os outros todos ficaram com a 4ª classe. O mais novo é o que vive aqui comigo, casou mas depois separaram-se, a mulher andava lá com a cabeça no ar.

Quando eram novos, eu trabalhava tanto, tanto, tanto... eu trabalhava para uma casa de filhos, nesse tempo não havia uma máquina de lavar, quantas horas levava eu a tirar água a braços daquele poço, ali em baixo, para lavar a roupa dos meus filhos e tudo com trabalho sujo, trabalhavam todos na construção civil, pois o meu marido era construtor civil... este mais novo é um espadinha para isso, entregam-lhe uma casa e é desde o chão até às telhas, ele põe lá tudo. Os outros é o mesmo, tenho o mais velho que mora para os lados ali de São Luís, a Carrasqueira, Valvejinha, esse é o mesmo, sabe fazer tudo. O outro que está no Algarve sabe também, mas coitadinho é doente, tem sido sempre doente, diziam que era asma e só com 40 e tal anos é que lhe deram com a doença, foi um médico espanhol que lhe deu com a doença, não tem rins, os rins dele são como os de uma criança, não cresceram... agora deram-lhe um rim há 5 anos. Além, naquela casa, vive um outro filho, tem dois meninos e uma menina... tenho onze netos e quatro bisnetos, com mais cinco a caminho.

Quando estávamos todos em casa, era uma alegria, começaram a crescer e iam além para os cafés, depois de começarem a haver as motorizadas iam para os bailaricos, aos fins-de-semana. Tínhamos aqui um livrinho com orações, o meu marido

às vezes sabia que eu queria aprender, lia-me as orações ou outra coisa qualquer, eu aprendi-as e ele não... os meus filhos nunca puxaram para isso, são todos homens...

Quando os meus filhos estavam doentes e eu via que era coisa que podia tratar, tratava, mas chegou a vir o médico aqui a casa e para mim também chegou a vir... eu tive uma doença também muito grande... íamos ao médico, ao dispensário, ao Hospital a Odemira...

Quando era preciso, fazia uma benzedurazinhas, benzia-os. Quando eram pequenos e vomitavam, andavam mal da barriga, punha uma folhinha de couve na barriga untadinha com azeite um bocadinho aquecido ali em cima, não atava, vestia-lhes a roupinha e eles ficavam ali aconchegadinhos... apanhava aqui das couves das minhas, outras vezes era uma erva que eu tenho aí – que agora não sei se agora está aí alguma nascida – a quem lhe chamava a erva das cinco linhas.

Quando não fizessem cocó, era um talinho aí das malvas, untava com azeite e punha-lhes no rabinho para fazerem.

Também benzia o meus filhos das dores de barriga, a ver se ainda sei...

Jesus, que é o santo nome de Jesus

(onde está o santo nome de Jesus não entra mal nenhum, diz-se em todas as benzeduras)

Nossa Senhora pelo mundo andava, pelo mundo andou

Nossa Senhora pelo mundo andou, pelo mundo andava

Foi a uma casa pedir pousada

Que o homem era manso e a mulher era brava

O homem que la dava, mulher que la tirava

Capachinha⁴² por baixo, capinha molhada

Papinha mexida com o corno da cabra

Tira-te daqui dor de barriga que não tens aqui entrada

Com o poder de Deus e da Virgem Maria

Com um Pai-nosso e uma Ave-maria

Reza-se um Pai-Nosso e uma Ave-Maria e depois oferece-se à Nossa Senhora, a mãe de Jesus, que é a que fez esta benzedura, foi ela que disse, foi ela que fez. A senhora que ma ensinou, que já morreu, não me disse a quem é que era para oferecer, mas eu ofereço.

(A Tia Maria da Silva explica então a história narrada na benzedura)

A Nossa Senhora andou pelo mundo com o seu bento filho e chegou a uma casa toda molhada e a capinha do menino toda molhada e foi pedir pousada a uma casa, que o homem era manso e a mulher era brava, o homem dava-lhe pousada e ela não dava. Então diz o velho para o menino... dêem-lhe uma capachinha (para se deitar) e a nossa senhora tapou o menino com a capinha molhada, pediu uma colher para mexer a papinha e deram-lhe um bocado de corno de cabra.

A mulher de noite deu-lhe uma grande dor e disse ao marido:

- Oh marido, vai lá dizer àquela velhota, que as velhotas às vezes sabem boas coisas, para ver o que é que ela me faz, que eu tenho uma grande dor na barriga.

⁴² Capachinha – segundo D. Maria das Neves, “usa-se no Algarve, agora usamos tapetes, naquele tempo, usávamos aqueles capachinhos”, explica. Segundo o sentido do texto, é algo que serviu para a Nossa Senhora se deitar e que é feito de palha. Parece, portanto, tratar-se daquilo a que chamamos uma esteira.

Ela foi lá, benzeu-a e depois pegou no menino e foi-se embora. A mulher assim que lhe passou a dor na barriga, disse ao marido para ele ir chamar a mulherzinha lá para casa que ela lhe tinha feito tanto bem. Mas ele quando lá foi, já ela lá não estava.

Aprendi isto com uma mulherzinha amiga com quem andávamos a trabalhar, no campo, juntávamo-nos, também tinha uma cunhada que era muito religiosa, que sabia também muitas coisas e então aprendíamos umas coisas umas com as outras.

Fazia-se esta benzedura pelo menos uns três dias, umas três vezes. A gente reza, faz as nossas benzeduras, mas temos que ter os santos... por exemplo, seja do pé, seja da perna, seja do braço... todos têm os seus discípulos. Olha, há bocadinho estive benzendo uma rapariga dos pés e ofereci ao Senhor Santo André, que era coxo de um pé. O dia de todos os santos é de todos os santos, no dia 1 de Novembro, ao fim de trinta dias, 30 de Novembro, é de Santo André que era coxo de um pé.

Para esta benzedura, pega-se num novelo de linha, vai-se cosendo com uma agulha o novelo e diz-se as seguintes palavras:

Jesus que é o santo nome de Jesus

Onde está o santo nome de Jesus não entra mal nenhum

O que é que eu coso? (vossemecê não me sabe responder, pergunta-me)

Carne quebrada, linha desmentida e nervo torto.

E é isso mesmo que eu coso

Se é carne que quebrou

Se é linha que se desmentiu

Se é nervo que destorceu

Se é abertura

Com o poder de Deus e da Virgem Maria

Ou do Sr. Santo André (pé) ou do Sr. Santo Amaro (perna)⁴³

Vão todos os ossos, todos os nervos, todos os tambores ao seu lugar

E nunca mais se tornem a desmanchar

Que isto é tão verdade e pura

Como o nosso Senhor Jesus Cristo subiu e me disse isso

Do seu divino e sagrado altar

Com o poder de Deus e da Virgem Maria

Com que eu benzo... (nome da pessoa que se está a benzer)

Com um Pai-Nosso e uma Ave-Maria

Pai e Filho e Espírito-Santo

Agora, diz-se o Pai-Nosso e a Ave-Maria, faz-se isto três ou cinco vezes, eu é mais ou menos quase sempre cinco vezes e a depois oferece-se a nossa Senhora, a nosso Senhor Jesus Cristo e ao Senhor Santo André se é do pé, se é da perna oferece-se ao Senhor Santo Amaro, se é dos braços é ao nosso Senhor Jesus dos Passos, se é da cabeça é à nossa Senhora Santa Teresa. Também sei a benzedura da cabeça:

Jesus que é o santo nome de Jesus

Nossa Senhora pelo mundo andava, pelo mundo andou

Com dores de cabeça se encontrou

Nossa Senhora perguntou:

Onde vais tu dor de cabeça?

Vou fazer doer tua cabeça

Vou fazer espalhar miolos

E Jesus e Jesus, e Jesus – disse a Nossa Senhora –

⁴³ Consoante a parte do corpo que se quer tratar (pé, perna, braço ou outro membro), assim se recorre ao respectivo santo protector.

*Nem fazes doer a cabeça nem fazes espalhar miolos
Que eu te tiro e te ponho do outro lado das águas do mar
De onde não oiças galo cantar nem filho de pai bradar
Com o poder de Deus e da Virgem Maria
Com que eu te benzo a dor de cabeça
Com um Pai-Nosso e uma Ave-Maria
Pai e Filho e Espírito-Santo*

Com o terço vai-se fazendo o sinal de cruz por cima da cabeça da pessoa a tratar. Faz-se três ou cinco vezes também, não pode ser a pares, tem que ser a nunes⁴⁴... porquê não sei!

Agora, a benzedura da calma que é o mesmo que o golpe de sol é assim: a gente põe uma toalha dobrada em nove dobras nas costas da pessoa e diz-se que é com o esparto do mato, mas a gente não tem, e eu faço além com uma folhinha de oliveira, a despois põe-se uma pinguinha de água num copo, era melhor se fosse água benta, mas a gente não a tem. Então, vai-se benzendo, sempre em cruz, e vai-se salpicando a toalha e vai-se desdobrando as dobras... é nove vezes. Esta benzedura eu aprendi do livro, o meu marido leu e eu aprendi.

*Jesus que é o santo nome de Jesus
Santa Iria pelo mar ia
Com a sua filha nos braços
Cheia de calma e de calmaria
Com a nossa Senhora se encontrou
E a nossa Senhora lhe perguntou:*

⁴⁴ nunes – quando se refere a um número ímpar.

*Onde vais tu Santa Iria,
Com tua filha cheia de calma e calma?
E ela lhe perguntou:
Com que se curaria minha Senhora?
Com uma toalha dobrada em nove dobras
E com o esparto do mato
E com as pinguinhas de água fria
E com o poder de Deus e da Virgem Maria
Com um Pai-Nosso e uma Ave-Maria
Pai e Filho e Espírito-Santo*

Aqui na Ribeira do Seissal havia uma mulherzinha que sabia outra benzedura para o golpe de sol, tinha até num livro e o meu Manuel disse que foi lá uma vez mais um rapaz e que a tal mulher pôs um copo de água nas costas e a água ferveu. Mas eu nunca vi fazer, isso não sei.

Aqui outro ano, eu tinha uma cunhada ali na Ribeira, coitadinha, já morreu... o marido dela era irmão do meu, e sabia assim muitas benzeduras, muitas coisas, muitas orações muito bonitas. E uma mulherzinha além do Monte da Estrada, que era além da minha terra, onde eu fui nascida e criada, veio de carro de praça de São Luís a ir buscá-la lá e a vir com ela ali à da minha cunhada para ela a benzer, mas ela não estava aí, porque o filho a tinha vindo buscar... tinha-lhe dado uma trombose, de cabeça estava boa, agora tinha um braço esquecido. E a pois foi lá aos cafés perguntar e a rapariga lá a mandou para aqui. A mulherzinha veio e trazia atão uma farinha em cima de uma toalhinha e eu disse-lhe, olhe essa benzedura não sei, mas lá por estar aí a farinha, eu benzo-a à mesma... Eu benzia-a numa sexta-feira, ao outro dia já vinha melhor e, no Domingo, veio com a filha... ficou toda contente com as melhoras. Atão,

quando eu estive com a minha cunhada, estivemos falando nisso, estivemos dizendo as benzeduras e eram iguais... as palavras eram as mesmas, mas a forma de fazer era diferente. Eu ainda aprendi muita coisa com ela, ela sabia muito disto.

Houve uma mulherzinha que me benzeu a mim, que eu também apanhei um grande golpe de sol e era com um panal⁴⁵ enxovalhado a nove dobras dobrado.

Eu era miúda e o meu avô morava perto de São Luís, numa herdadezinha que ele tinha ali arrendado e tinha lá gado e a depois arrendou mais uma quarelazinha. No Verão, a depois de ceifar os trigos, mandava pr' ali um rapazinho cuidando os bezerros e outro cuidando os porcos para aproveitar o restolho (por acaso até eram dois primos meus) e a minha mãe é que lhes fazia o comer e disse-me assim “Olha Maria, vais além ao poço agora lavar, mas vais mais cedo, antes de os moços darem água ao gado, porque eles a depois têm falta do caldeirão para tirar água.” Eu fui e estava lavando e estava acabando de lavar e eles chegaram, deram água ao gado, encheram-me a bilhinha de água e disseram assim “Prima, quer que eu leve a enfusa?” e eu disse “Atão leva.” E a depois eu disse “Olha vamos apanhar umas ameixinhas? (ameixinhas de Agosto, compridinhas, muito boas) Levamo-las dentro do caldeirão.” Andávamos apanhando as ameixas e digo assim “Ai que arrepio ao desfrio, tenho um frio.” Eles começaram-se a rir, em Agosto ter frio... olhe, senti-me tão mal, tão mal. Quando cheguei a casa fui para a cama, cheia de frio, e meti-me debaixo das mantas e eles foram comer. Diz a minha mãe “Atão a minha Maria?” e eles disseram “Ela veio com a gente, mas ela está doente, ela vinha tão mal com frio.” Quando a minha chegou lá dentro, estava eu à rasca, pedi-lhe para me pôr uma manta em cima e toda eu tremia com frio. Estive lá três dias assim. A minha mãe esfregava-me as costas com vinagre e limão, mas aquilo não me passava. A minha mãe levou-me então, de carroça, à do

⁴⁵ Panal – é um pano grande onde se estende ou embrulha alguma coisa. Segundo a entrevistada, é “o pano onde a gente tende o pão e que põe em cima do tabuleiro”.

lavrador dos Pereiros, que era o pai deste senhor que vossemecês vinham hoje à pergunta e atão assim que ele me viu disse “Olhem como ela vem, vem todo queimada de um golpe de sol!”. É que nós lavávamos debaixo de uma noqueira, mas lá me deu o sol e atão apanhou-me as costas e deu-me um golpe de sol.

Quem me benzeu foi uma senhora que estava lá, que era mesmo benzedeira, que sabia muitas benzeduras e era a parteira das mulherzinhas que tinham os bebés... foi a parteira dos meus irmãos. E atão essa mulherzinha benzeu, era a prima Mariana Henriqueta, e mandou a minha mãe pisar os mantrastos⁴⁶ e os alhos dentro de almofariz e para me pôr na sola dos pés e aqui nos pulsos. Pois, em dia que me pôs aquilo, saiu-me a pele direitinha nos pulsos e nos pés. Aquilo diz que era para me tirar a febre e ah! era esfregar as costas com mel ou com as vidias⁴⁷ das parreiras com o mel. Também me fez bem, pus-me logo melhor. Olhe, aprendi esta benzedura com ela, nunca mais me esqueceu!

Agora, eu também sei tratar do mal do estômago, é a benzedura do bucho encostado... a gente diz o estômago, mas noutro tempo chamava-lhe era o bucho, consoante é o bucho dos animais, assim é o nosso. E atão é assim:

Jesus que é o santo nome de Jesus

Onde está o santo nome de Jesus não entra mal nenhum

(Diz-se o nome da pessoa) eu te benzo do bucho revolto e encostado

Eu te benzo com a santa segunda-feira

Eu te benzo com a santa terça-feira

Eu te benzo com a santa quarta-feira

Eu te benzo com a santa quinta-feira

⁴⁶ É uma erva parecida com a hortelã brava que há nas varjas e à volta dos barrancos das ribeiras.

⁴⁷ Vides das parreiras.

Eu te benzo com a santa sexta-feira

Eu te benzo com o santo sábado da nossa Senhora

Eu te benzo com o santo Domingo de nosso Senhor Jesus Cristo

Enquanto o padre se veste e reveste

Vais tu buchinho a teu lugar e nunca mais te tornes a desmanchar

Isto é tão verdade e pura

Como o nosso Senhor Jesus Cristo

Subiu e disse-me isso ante seu divino e sagrado altar

Com o poder de Deus e da Virgem Maria

Com que eu te benzo do bucho revoltado e encostado (diz-se o nome da pessoa)

Com um Pai-Nosso e uma Ave-Maria

Pai e Filho e Espírito-Santo

Para fazer esta benzedura, as pessoas deitam-se ali em cima do meu sofá e eu com o terço faço o sinal da cruz de baixo para cima (dos pés para o lado da cabeça). Esta benzedura oferece-se ao Santo Padre, à nossa Senhora e ao nosso Senhor Jesus Cristo (que é o que diz na benzedura) e deve-se benzer sete vezes porque é benzido com os sete dias da semana. Isto faz-se quando as pessoas e crianças vomitam e se sentem mal do estômago e têm-se sentido bem.

Com quem aprendi, era uma mulherzinha que morava aqui, ainda me tinha cá um parentesco, e ela benzia muito, eu ouvia ela benzer e aprendi, mas enquanto ela foi viva eu não benzi ninguém, senão os meus. Aquilo era do que ela vivia, tinha só a reformazinha e naquele tempo era ainda mais miséria do que é hoje e davam-lhe alguma coisinha para ela benzer.

Esteve aqui uma pessoa a aperguntar onde morava a senhora Luísa dos Alvarotes e eu disse-lhe “Olhe, mora ali naquela casa, mas ela não está aí, foi p’ra das

sobrinhas.” É que fomos à do Sr. Domingos com a minha filha e ele disse-me que ela tem o bucho encostado – que a gente quando tem o bucho encostado tem assim uma perna mais comprida que a outra; já a espinhela vê-se no braço, eu também sei tratar da espinhela, a minha mãe sabia e eu aprendi, primeiro vê-se se tem ou não, só depois é que se benze. Em conversa, chegamos à conclusão que ainda era mulher de um primo meu, chegaram de manhã e foram na camioneta das quatro, mas eu não benzi a rapariga. No outro dia, eles vieram, ela estava aí e benzeu-a e nem ficaram a saber que eu sabia, porque eu não queria que dissessem que eu me ia atravessar.

A depois de esta mulherzinha morrer, estava além uma rapariga com um filho (a tia dela mora ali) e disse-me “Ai, não sabemos o que havemos fazer ao meu Márcio, atão o mocinho é só vomitar, só vomitar.”, “Atão não foram já ao endireita?”, “Fomos.”, “Atão não foram já ao médico?”, “ Já fomos.”, “Atão isso não será o bucho encostado?”, “Pois, canhando é, mas quem sabia era a minha madrinha, mas ela já cá não está.”, e digo “Mas ela não levou a benzedura, se quiserem eu benzo o mocinho.” Olhe benzi-o e aquilo foi velo curar. E a depois seja homenzinho, aconteceu-lhe outra vez. Nessa altura, fui benzê-lo além a casa da tia, o rapazito deitou-se ali no sofá e estive-o benzendo, ele pôs-se melhor e diz atão assim “Aquela mulherzinha nunca de havia de morrer que me tem feito muito bem.”

Vem aqui muita gente... eles sabem que eu só faço o bem e gosto de ajudar, o pior vai ser quando a velhada, que sabe estas coisas, morrer toda. Hoje já pouca gente se interessa por isto. Já não digo os meus filhos que são homens, mas ao menos as minhas noras ou as minhas netas podiam querer saber... tudo é bom aprender menina... Deus tudo deixou no mundo, o bem e o mal, temos que nos defender!

Olhe, estou a alembrar-me que também sei a benzedura do farpão nos olhos, dentro dos olhos, aquilo é corto com um anel. É diferente do treçolho, o treçolho é fora

dos olhos, aqui na parte debaixo da vista e aquilo é por dentro mesmo. Sabe com o que é que se mata o treçolho? (perguntou-me) É com a aliança, mas eu a benzedura do treçolho não sei.

Atão, para o farpão passa-se com a aliança e, fazendo o sinal de cruz, diz-se (faz-se também umas três ou cinco vezes)

Nossa Senhora pelo mundo andava pelo mundo andou

Com Paulo e Louro se encontrou

Nossa Senhora lhe perguntou:

Onde vens tu Paulo e Louro?

Nós viemos de Roma.

O que é que lá há?

Há farpão e há farpoa e há restos de mal de empola.

Com que se curaria minha Senhora?

Com a aliança, com o ouro.

Eu te corto farpão

Eu te corto farpoa

Eu te corto recha

Eu te corto mal de empola

Eu te corto e te tiro e te ponho para o outro lado das águas do mar

Onde não oiças galo cantar

Aqui é que hás-de secar, aqui é que hás-de mirrar e que não hás-de mais lavrar

Que eu te corto e te tiro para o outro lado das águas do mar

De onde não oiças galo cantar, nem filho de pai bradar

Com o poder de Deus e da Virgem Maria

Com que eu te corto farpão

Com um Pai-nosso e uma Ave-Maria

Pai e Filho e Espírito-Santo.

Deixa ver se me lembro de mais alguma... também sei a da zipela (zeripela)...

Nossa Senhora pelo mundo andava pelo mundo andou

Com Paulo e Louro se encontrou

Nossa Senhora lhe perguntou:

De onde vens tu Paulo e Louro?

Nós viemos de Roma.

O que é que lá há?

Há zipela e zipelão e restos e mal de empola

Com que se curaria minha Senhora?

Com o esparto do mato, com umas pinguinhas de água fria

Eu te corto zipela

Eu te corto zipelão

Eu te corto recha

Eu te corto mal de empola

Aqui hás-de secar e não hás-de mais lavrar

Que eu te corto e te ponho para o outro lado das águas do mar

De onde não oiças galo cantar, nem filho de pai bradar

Com as pinguinhas de água fria

Com o poder de Deus e da Virgem Maria

Com um Pai-nosso e uma Ave-Maria

Pai e Filho e Espírito-Santo.

Esta benzedura faz-se com um raminho de esparto do mato, mas, como não há, faz-se com um raminho de oliveira que se vai molhando na água e vai-se salpicando onde tivermos o mal, como se faz com o golpe de sol, tal e qual, não se põe é ali pano, põe-se logo em cima.

Há dias, veio aqui um senhor, ali da Ribeira, se eu não sabia benzer da zona e eu digo “Olhe, não sei.”, e disse “Sabe quem me mandou para aqui foi além a Mariana do Raul, vossemecê que sabia muitas benzeduras, que é uma mulher entendida, e que o seu marido teve.”, “pois mas eu não sei, sei benzer da zipela, mas agora a zona não.”, disse-lhe eu.

Veio aí uma senhora ali de Mil Fontes já duas vezes, que tem ali um café, se tem vindo aqui benzer, dá-lhe aquilo nas pernas e tem-se visto à rasca...

Também sei benzer ao do olhado, ao mal do olhado... põe-se água num prato, com dois palitozinhos em cruz ali na água, no meio do prato, benze-se em cruz e diz-se:

Jesus que é o santo nome de Jesus

Onde está o santo nome de Jesus não entra mal nenhum

(isto é todas as benzeduras)

Jesus é verbo

Verbo é Deus

(Diz-se o nome da pessoa) se tens olhado benza-te Deus

Dois olhos te olharam mal

Três olhos te hão-de olhar bem

Que é Deus pai, Deus filho, Espírito-Santo Amen

E a depois, põe-se cinco pinguinhas de azeite ali com a ponta dos dedos, se elas espalharem é porque tinha olhado, se não espalharem é porque não tinha. O número de vezes que se faz é conforme a pessoa...

Há dias veio aqui uma senhora e disse-me que tinha ali uma senhora, que trabalhou em casa dela, que estava sempre com olhado e aquela noite telefonou-lhe e ela que a benzeu a nove pratos de água e tinha sempre olhado. Diz que ela que vai, que mora ali ao pé de um barranco (a rua dela é aqui e a vala passa aqui em frente), e que vai e que despeja aquilo para dentro do barranco! A água da benzedura tem que ser despejada para onde não apanhe sol e nem lua, eu despejo para dentro do meu lava-loiça ou da minha sanita. Naquele tempo, o nosso chão era terra e a minha mãe ia jogar a aguinha de benzer ao olhado para debaixo da cama.

Eu até sei a benzedura do olhado de duas maneiras, sei esta que aprendi com a senhora Luísa dos Alvarotes e a que aprendi com a minha mãe, que era a benzedura da minha mãe, que era com que eu mais gostava de benzer os meus filhos.

Jesus que é o santo nome de Jesus

Onde está o santo nome de Jesus não entra mal nenhum

Eu te benzo da lua e do olhado

E desta fita fitado

Dois olhos te olharam mal

Três olhos te hão-de olhar bem

Que é Deus pai, e é Deus filho, Espírito-Santo, Ámen

Com o poder de Deus e da Virgem Maria

Com que eu te benzo do olhado

Com um Pai-Nosso e uma Ave-Maria

Pai, Filho e Espírito Santo

A outra não fala em orações, esta da minha mãe reza-se o Pai-Nosso e a Ave-Maria. A minha mãe benzia ou p'ra trás do lume ou p'ra debaixo da cama, para não apanhar nem sol nem lua... não sei porque é que faziam isso, ensinaram a ela, era da minha avó, a minha avó sabia.

Os meus filhos não aprenderam nada de benzeduras, para isso não pescam, nunca se interessaram, para isso sou eu... são todos rapazes... Eles sabem é os poemas do avô, este que está aqui em Vale Vinheta, é um espadinha para fazer poemas como o avô.

Qualquer coisa que os meus vizinhos tenham, eles vêm logo aqui me aperguntar como é que é e como é que não é, e eu digo “mas atão, eu não sou médico nenhum”... mas eles confiam, sabem que fazemos isto ou aquilo e eles melhoram. E eu não me importo de ensinar, tenho ensinado algumas vizinhas daqui, a Lina da Fonte, a Maria da Lameira e outras, se elas me pedem, não tenho nada a esconder. Mas mais as pessoas de idade, a malta jovem interessa-se pouco por estas coisas... Não convivemos muito porque já estão aqui poucos vizinhos, uns têm morrido, outros têm abalado... pois os velhos morrem e os moços vão-se embora. O meu tio morou além, tinha duas filhas e um filho... não tem nenhum com ela... depois o marido morreu, ela sozinha ali já não queria estar, pois estava ali muito só, vendeu aquilo a uns estrangeiros e foi para o Cercal para um apartamento, pelo mesmo que vendeu ali, comprou lá...mas eu para mim não queria... tem muitas escadas!

Os padres não sabem nada de benzeduras, mas respeitam estas coisas. Nós temos aqui um padre que eu não gosto dele desde que eu fui lá pedir um favor e ele não mo fez, Deus me perdoe. A minha mãe quando morreu pediu-me que estava desejando umas promessas para eu as pagar e pediu-me para eu mandar dizer uma missa à nossa Senhora dos Encarregos e então eu logo não mandei dizer, porque vim para a do meu

pai. Era um cavalinho de cera ao Senhor São Luís, fui para ir pagar, mas não havia, que desse o dinheiro que era o mesmo, dei o dinheiro mas aquilo não ficou pago e era uma promessa à Nossa Senhora de Santa Luzia, mas ela não me soube já dizer e eu não soube não paguei. Mas havia uma prima minha que andavam para lá coisas e diziam que era a minha mãe que a apoquentava. Esta rapariga não tinha governo nenhum, umas vezes não comia, outras vezes não dormia e foi a uma senhora que aperguntou e disseram-lhe que era a tia que tinha morrido primeiro... que foi a minha mãe. Eles foram pagar a promessa a Santa Luzia e eu paguei a de São Luís e mandei dizer as missas.

Eu atão fui pedir ali ao padre para me dizer uma missa ao sábado, porque a missa da nossa Senhora dos Encarregos é ao sábado e atão ele disse que não dizia missa ao sábado... e eu fui ao Cercal. A despois, as freiras vinham aqui muito a minha casa, e um dia aperguntaram-me se eu queria alguma coisa de Fátima, digo eu “eu não vou porque não posso, mas queria de lá uma encomenda (estive-lhe contado), eu queria um cavalinho de cera”, ela disse “olhe cavalinho ainda não vi, mas boinho já temos visto”... um dia aparecem-me aqui com o cavalinho. Perguntei quanto é que foi e a Irmã Conceição disse que não era nada, isso é uma promessa da minha mãe e eu é que tenho que a pagar, diga-me quanto foi. Era quinhentos escudos mas eu dei mil, tire os quinhentos escudos seus e os outros é para rezarem pela minha mãe. E eu fui a São Luís falei com o padre de Mil Fontes que vinha ali, contei-lhe o que se passava e a pois ele viu o cavalinho que eu pus lá e encomendei uma missa para a outra semana, mas pedi ao sacristão e ao padre que não me tirassem o cavalinho de ao pé de nosso Senhor.

Noutro tempo, os padres tiravam os espíritos das pessoas, agora não. Houve aqui um rapaz – isto até é uma história muito grande, muito grande – e havia ali uma

mulher que morava ali na herdade do Montinho, que estava até convidada para madrinha dele e ela estava muito mal. Tinha ele um mês de nascido, ela foi lá a casa vê-lo e ela acabou nesse instante e ficou lá em casa com ele. A criança nunca mais se sentiu bem, mas quando eles notaram o que é que era foi quando ele deu em falar, tinha ele sete anos, que disse que via uma velha com um xaile amarelo e com uns dentes muito grandes que tá além naquele telhado, numa casa que havia além daquele lado. Atão começou a apoquentar o rapazinho tinha ele sete anos e a despois quando começou a atacar mesmo deveras, tinha ele vinte. Ele não morreu... foi um dilúvio que eu não sei... chegou a pontos a passar, de noite, p'ro cima de uma seara que estava semeada nessas charnecas por aí abaixo, p'ra ir lá ao poço do Montinho, tanta gente que ia atrás dele, parecia que se ia partindo tudo, a seara, ao outro dia iam lá e não viam nada partido!

A velha queria um manto à Nossa Senhora das Neves e uma bilha de água à Nossa Senhora da Cola. Coitado, ele foi a uma fonte que havia lá dentro da Ribeira buscar uma bilha de água e dar umas quantas voltas à igreja, cada vez que dava uma volta punha umas gotinhas de água na pia da água benta. Mas ele foi e trouxe a bilha de água que tinha que vir em cima de uma carroça e tinha uma palha dentro e ela não quis a água porque estava lá a palha. Ele ficou sem saber o que hávera de fazer. “Atão João, atão não vais por a água?”, até que ele disse assim “Ela não ma quer, tem lá uma palha dentro.”. Foram-na despejar e tal e qual. Foram buscar outra e lá pagaram essa promessa. Quando estavam lá, viram um pássaro negro entrar na igreja, deu uma volta à volta igreja e foi-se embora... a mãe dele a contar isto até fazia a gente arrepiar!

Depois ainda voltou a apoquentar, passados sete anos, ela queria que ele fizesse sete mastros⁴⁸ às sete Senhoras. Ela mandou e ele fez, mas teve que pedir que ela mandou ele ir pedir. Mas um dia foi além à mercearia comprar umas coisas por causa dos mastros, comprou manteiga, açúcar e petróleo, não tínhamos luz e alumiávamos com petróleo. A rapariga da mercearia fez a conta toda junta, ele tinha dinheiro do que andava pedindo e pagou... quando ele chegou além ao pé de uma escola, já ela estava à espera dele, por causa de ele ter pago o petróleo com o dinheiro que era para os mastros. Atão, ele veio de lá, pôs-se a contar o dinheiro e a fazer a conta... e finalmente ela disse “Assim está bem.”

Ele lá fez os mastros e andava a empinar os mastros na rua (um no meio e seis à volta), que tinha que ser à frente da porta. O moço não tinha relógio e o meu marido disse “João, atão não se empinam os mastros, que é que estás à espera, atão isto está tudo pronto.” E ele respondeu “Ainda faltam cinco minutos.” O meu marido olhou e tal e qual... e ele não tinha relógio. Acabou-se de empinar os mastros todos e ele deu-lhe um ataque outra vez, e atão agora o que é que falta, o que é que falta... (estava até ali uma mulherzinha que sabia muitas benzeduras, que já morreu, e que ainda me benzeu do ventre caído... somos untadas nos braços e pernas com o que dizia a benzedura, com hortelã preta criada na terra fria e com o azeite da oliva, unta-se e benze-se a perna direita com o braço esquerdo e a perna esquerda com o braço direito... mas eu já não me lembra... Até que uma vez andávamos trabalhando e eu disse assim, a comadre Isidora não quer ensinar, mas benzeu-me do ventre caído e eu aprendi a benzedura... “ai atão não benzo mais velhaca nenhuma”, disse ela... só ela é que queria saber. Eu não me importo, é preciso é saber-se fazer as coisas...)

⁴⁸ Trata-se, segundo a explicação da entrevistada, de um pau espetado no chão ou outra coisa qualquer que, depois de devidamente enfeitado, é oferecido ao santo a quem se prometeu: “Um mastro a gente faz em casa, é um pau empinado no chão ou dentro de qualquer coisa e atão leva uns balões grandes, umas bandeiras no final – é uma coisa muito bonita! –, biscoitos e oferece-se aquele mastro ao santo a que se prometeu. Por baixo leva umas verduras, aquilo é muito bonito!”

Atão, voltando à história, a comadre requeriu outra vez, ela disse-lhe que era os restos das coisas que tinham ficado, era os farelos que tinha tirado da farinha, era os restos das linhas, os restos dos papéis, era o resto do mel, do azeite, do açúcar, eram todos os restos que tinham ficado ali na casa da mãe... queria tudo... lá fez o que queria e a despois, no dia em que derrubaram os mastros – levam ali 24 horas empinados os mastros –, deram as coisas dos mastros a todos e atão ele viu-a subir.

Ela nunca mais veio... foi o único espírito que eu ouvi falar, uma noite, a mãe dele perguntou quem era, se era a senhora Rasarinha e ela respondeu “Eu não sou Rosarinha, sou Maria do Rosário.” e perguntou “Atão a senhora foi alguma vez a minha casa?”, respondeu “Fui, fui lá a sua casa, à sua mercearia.” e perguntou “Atão, como é que é o meu nome?”, “É senhora Isidora.” Eu ouvi e toda a gente que estava lá dentro daquela casa ouviu, era uma casa de família. Ela queria que ele se matasse... Coitado, já morreu.

Pois eu, apareceu-me uma vez uma parte, o meu marido não estava em casa, eu estava com os meus filhos, eu estava deitada com o meu filho, esse que eu tenho no Algarve, e os outros estavam deitados numa outra caminha ali a par de mim. De noite, senti a minha cama abanar tanto, tanto, tanto e senti uma coisa por cima da minha cama, mas não dava com os olhos abertos e não me dava mexida. Pensei, mas que é isto, será uma bruxa, será o quê e, quando aquela coisa chegou, debruçou-se em cima de mim e fez-me assim “Oh, Oh, Oh” e nisto saiu outra vez, ouvi passos em casa, uma pessoa andando, mas nunca vim a saber o que é que era. Fiquei com um medo de estar sozinha, ainda hoje tenho medo de estar sozinha.

Deus queira que isso sirva de alguma coisa. Para acabar, vou-lhe dizer o poema das moças, as moças vão para o café e eu não vou, eu andava aqui cavando a minha

horta outro ano, e elas passam de carro, vão ao café, tomar a biquinha e então eu disse cá comigo:

*Estas mulheres de hoje em dia
Cada qual tem o seu destino
As moças andam de carro
E as velhas andam a pé
As velhas cavam a horta
E as moças vão para o café
Moças vão para o café
Beberem as suas biquinhas
Muito bem asentadinhas
Fumando as suas cigarrinhas
Algumas de perna trocada
Mas as velhas coitadinhas
Cavam e não bebem nada
Mas quando eu vou à mercearia
Até custa trazer a trouxa
Mas elas algumas passam na guia
E nem sequer vêem a velha coxa
Quando elas passam por mim
Com toda a velocidade, eu digo:
O destino é assim!
Eu não devia dizer isto,
mas eu peço a Jesus Cristo
que elas cheguem à minha idade*

*Elas cheguem à minha idade
Com vida e muita saúde
Que lembram-se da antiguidade
E da sua juventude
Que é o mesmo que eu me estou lembrando.*

Uma vez, andava eu aqui cavando mais uma amiga minha e estava aqui uma senhora, que até era comadre dela, pedi-lhe ajuda e ela disse que não podia dos braços, mais logo aparece a minha nora e digo, lá vem uma mulher capaz de ajudar a gente e ela disse “Eu nã sei, nã posso e nã quero”. Eu digo atão:

*Olha, nem é tarde nem é cedo
Faz as queixas ao marido
Toda a mulher que é casada
Marido, nosso menino
Não me deixa fazer nada
Ainda não te fiz a camisa
Duma criada precisa
Diz o marido assim:
Estas mulheres de hoje em dia
É só terem a acatada
Só querem é regalia
E não querem fazer nada
Diz a casada ao marido:
Olha que eu não sei fazer*

Tira daí o sentido

Que eu não faço porque não sei

Mas também não quero aprender.

Estas coisas vêm-me à cabeça... não sei ler nem escrever, mas nunca mais me esqueço delas... é assim a vida!”⁴⁹

⁴⁹ Entrevista realizada a 2 de Junho de 2008, no lugar de Campo Redondo, freguesia de Colos, Concelho de Odemira, Distrito de Beja.

C) Entrevista nº 3:

D. Júlia, sobrinha da D. Nazaré – 49 anos

“Tenho 49 anos, faço este ano 50. Nasci aqui, fui criada, casei, tive aqui os meus filhos, vou só a França quando é nas vindimas, mas estou sempre aqui. Tenho quatro filhos, três raparigas e um rapaz, já tenho três netos... e é assim.

Eu andei na escola até aos 10 anos, mas pouco ou nada aprendi, sei ler e escrever mais ou menos e sei fazer umas contitas e pouco mais. Fiz a 3ª classe e depois fui trabalhar no campo, com os meus irmãos. Éramos pobres e os tempos eram difíceis. Éramos muitas bocas a comer... éramos sete, com o meu pai e a minha mãe, nove. Está a ver! Não tínhamos outro remédio senão ajudar para ganhar algum p'ra casa. Eram tempos difíceis aqueles, agora é que é pão e mel. Até na enxada peguei, eu era um homem autêntico, fazia de tudo no campo, ajudei muito os meus pais.

Eu vou todos os Domingos à missa, só não vou se estiver doente, gosto de ir e é nossa obrigação. Parece que Domingo que não vá à missa não é Domingo, as pessoas até já estranham.

Casei pela Igreja tinha eu 19 anos e se soubesse o que sei hoje não me tinha casado. Podia ter escolhido melhor, mas é a vida... naquele tempo nós queríamos era sair de casa, ter a nossa liberdade, pensávamos nós, e o casamento era a única forma de largámos a casa dos nossos pais. Éramos umas inocentes, sabe?

Agora somos três cá em casa. Tive quatro filhos, três raparigas e um rapaz e só o mais novo, o rapaz, está aqui em casa comigo, tem vinte e dois anos, ainda é novo. Tenho uma filha na Suíça, outra no Porto e outra lá p'ra depois de Lisboa, em Setúbal. A da Suíça só vem no Natal e em Agosto, agora as outras volta e meia estão cá. Agora até está cá a minha Sofia que mora no Porto, a minha Guida, essa já está mais longe.

Os meus filhos não estudaram mais porque não quiseram, o rapaz fez o 11º ano, mas tinha que ir para a Régua todos os dias, tinha que se levantar muito cedo e depressa desistiu. A minha Sofia fez o ciclo lá em baixo em Armamar (9º ano) e as outras duas tiraram a 4ª classe aqui em Aldeia e depois fizeram mais dois anos em Armamar. Nenhum quis continuar os estudos, é que o dinheiro também não era muito. Olhe e lá se governam todos, com a graça de Deus.

Agora ainda vou, às vezes, para França para as vindimas, eu e o meu homem. Ganhamos lá um dinheirito bom. Ao depois, eu ainda trabalho aqui no campo, quando me pedem vou ganhar o dia para este ou aquele. Também vou ajudando as pessoas quando me pedem... Ainda aqui há tempos, não muito tempo, curei o filho mais novo de uma ali de Tões... a mulher do Maurício. Fartou-se de correr médicos, fartou-se de correr bruxas, fartou-se de correr tudo, não havia quem o curasse! O menino chegou aqui torcidinho de todo, muito amarelinho, muito magrinho, já há dias que não comia, a criança muito debilitada, de tanta diarreia, de tanto vomitar. Ela veio aqui e eu quando olho pó pequeno, que a gente em geral estica-lhe os pezitos e vê: se tiverem assim os pés unidos um com o outro, pronto está tudo bem; se um pé está um bocadinho mais para cima ou mais para baixo, porque da parte onde está o baço a perna encolhe... e então eu uni-lhe os pezinhos e disse-lhe: “Ai, o teu filho está embaçado e bastante!”. Trato do curar, curei o menino e ao outro dia já não parecia o mesmo, já parecia uma criança diferente. Veio cá três dias seguidos, curei-o. Ela ficou tão agradecida a rapariga, trouxe-me para aí umas caixas de fruta e tudo, a rapariga nem sabia como me agradecer. Disse-me que era uma santa!

Olhe, quando eu via que os meus filhos estavam embaçados, quando tinham diarreia, porque, em geral, quando estão embaçados têm muita diarreia e vomitam fora, eu tratava-os. É fácil embaçar uma criança, a gente até ao puxar-lhe os pezinhos

para mudar a fralda, há crianças que têm o baço frágil... porque isso embaçado é o baço ou o pâncreas que se vira, às vezes podem ir a cair e o baço vira, vira ao contrário e há crianças que têm mais dificuldades umas do que outras.

Eu tenho curado muitas crianças que às vezes chegam aqui quase a morrer...

A gente aperta-lhe o baço, a barriguinha, faz-se uns gestos de cima para baixo, assim, e depois então leva umas folhas de caldo que são untadas com bastante azeite. O caldo convém ser do veio vermelho e roubadas pela mãe, prontos, os antigos diziam assim, mas, às vezes, quando elas não trazem, eu ponho do meu e cura na mesma. Mas prontos, em geral, o que faz bem também é o azeite quentinho, a gente aquece a folha, põe-lhe o azeite e põe então na barriguinha da criança, duas à frente e uma atrás nas costas, e ata-lhe uma ligadurazinha, um apertadorzinho e a criança tem que dormir com aquilo até fazer o efeito.

Ao apertar eu digo:

Fígado, baço e coelheira torna ao teu lugar

Assim como as ondas do mar subiram e desceram e voltaram ao seu natural

Assim como a puríssima Virgem Santa Maria

faça com que o ventre desta criança vá ao lugar

Ave-maria

E reza-se uma Ave-maria e depois, no meio da Ave-Maria, bate-se-lhe três pancadinhas nos pés.

Agora já não há tanta criança como era antigamente, mas antigamente.. ui, curava muitos...

Aprendi isto com a minha avó... a mãe da minha tia Júlia e da minha mãe já fazia isso às crianças, curava de embaçado, curava muitas coisas. A minha tia casou-se foi para S. Romão, eu ainda não era nascida, não é, depois a minha mãe é que

continuou a fazer aquilo que a minha avó fazia e eu aprendi com a minha mãe e com a minha avó.

A minha tia também aprendeu com a minha avó, ela é irmã da minha mãe, e eu quando tenho alguma dúvida ainda lhe pergunto alguma coisa porque à minha mãe deu-lhe uma trombose que lhe afectou a cabeça e não se lembra de nada. A minha avó tinha sabedoria, naquele tempo não estudavam nem nada e a minha avó tinha muita sabedoria. Antigamente diziam que quando as crianças choravam nas barriga das mães tinham um poder especial e ela tinha. Ela via as coisas, ela sabia o que ia acontecer e ela aprendeu a ler e a escrever sem ninguém lhe ensinar. Pouca gente cá em Aldeia – de pessoas pobres, foram criados pobres – sabia ler e escrever como a minha avó. Só os ricos, filhos de doutores e assim é que tinham possibilidades para estudarem... agora, a minha avó coitada não tinha essas possibilidades e aprendeu à custa dela. E então sabia tudo de curar as pessoas, curava as pessoas, era ao bicho, talhava ao embaçado... curava muita gente.

Uma altura o padre ralhou-lhe à minha avó para não fazer isso e depois a minha avó disse-lhe: “Sr. Padre, pode o senhor não me dar a comunhão, mas eu sei que curo as pessoas e podendo fazer bem, não vou negar a ninguém, embora o senhor padre me possa negar a comunhão, mas eu sei que faço bem, nosso senhor lá está e sabe que eu faço as coisas para bem e não para mal de ninguém”. É que às vezes faziam uns defumadouros e assim... e eles eram contra essas coisas os padres. Eram contra, mas quando precisavam também procuravam ajuda. Eu sei de um padre de aqui perto que já lhe atalhei ao bicho, mas ele pediu segredo. Muitas pessoas pensam que é bruxedo, mas não, eu falo por mim, eu não ando atrás de ninguém, as pessoas procuram-me e eu não lhes digo que não... só se não soubesse, até era um crime.

Eles também fazem... há em Viseu e assim, há para lá padres que até fecham as portas às muralhas ou que raio, mas essas coisas eu não acredito muito. Pronto, eu também sei defumar, mas só defumo porque dizem que é bom quando as crianças vão pá pia, quando vão ser baptizadas convém a gente também defumá-las. A oração que a gente diz:

Conforme nossa Senhora defumou o seu amado filho para bem cheirar

Assim eu defumo as pessoas para todo o mal tirar

A gente só diz assim, antes de se baptizarem porque diziam que a gente – nós católicos, não é? – herdemos todos o pecado mortal e mediante o pecado as pessoas são achacadas, às vezes, a certas coisas, que há pessoas mais fracas que outras e então dizem que convém a gente defumar uma criança antes de ir para a pia... porque, sendo que tenha alguma coisa, cura. Eu já defumei muitas crianças, os pais pedem-me e crêem nestas coisas e eu faço.

Também aprendi a atalhar o bicho, sei curar a zeripela, as impinges, sei curar à névoa da vista, antigamente aparecia muitas névoas na vista...

Para curar a névoa da vista, eu tenho ali a oração escrita num papel porque é muito grande e também é difícil de a gente decorá-la... porque isto já poucas vezes se faz. A minha Sofia até esteve para aí a escrevê-la para ela e para a irmã que lhe tinha pedido. Elas gostam de saber e têm pena de não aprenderem mais comigo, mas estão longe e nem sempre me lembra de as ensinar.

As névoas na vista são tipo as cataratas, que é umas nevoazinhas que aparecem na vista e provocam a gente não ver bem. Então isso é a névoa...

Agora a impinge é diferente. Em geral, aparece na pele, em qualquer lugar. Fica uma mancha branca e dá uma comichão muito grande, a pessoa não pára com

aquela comichão. Há uma erva, que é uma erva que deita tipo um leite amarelo, que há nas paredes (agora até já nem se vê muito com os herbicidas que queimam as ervas) e a gente espreme lá sobre aquilo e diz-se:

Impinge, impinge sai-te daqui

Ainda hoje não comi nem bebi

Se não a celidônia vai atrás de ti

Ave-Maria

A gente deita-lhe o leite e deita então aquela pernadinha para detrás das costas e não pode olhar para trás, tem que a gente seguir e não olhar para trás. Tem a gente que fazer isso três dias seguidos também, ir àquele lugar onde está a planta, espremer aquilo e dizer essas palavras. A gente depois reza a Ave-Maria.

Esta das impinges eu aprendi com a senhora Micas, uma senhora além de Tões que era minha vizinha. Havia uma rapariga lá em Tões que andava sempre com a cara cheia e a minha mãe também tem uma aqui ao lado do joelho e, volta e meia, lá está ela a coçar (ela está aqui na cama, com a gripe). Só com aquilo é que ela cura... agora há dermatologistas, há essas pomadas e assim, mas nós era com essas ervas e rezas que curávamos.

Quando a pessoa está mais mal tem que se dizer três dias seguidos e cada vez três vezes, o que faz nove vezes. Se é que está mal continuasse outra novena.

É uma novena porque tem que ser pernã, nunca pode ser pares... ou três, ou cinco ou nove. Sei lá, os antigos é que diziam e a gente agora faz assim. Há pessoas que até prometem com nove crianças, irem fazer a novena com nove meninos ou nove meninas. Prontos, é a devoção das pessoas...

Olhe, a do bicho, eu aprendi com um senhor que era aqui meu vizinho. Quando a minha filha nasceu (tinha eu na altura dezoito anos, era novita, sabia lá da vida!), um dia ela chorava muito... A gente, antigamente, lavava a roupa à mão e depois punha-se a corar, porque não se metia a roupa dos bebés nas lixívias nem nos omos, e eu lembro-me de ter feito isso e, naturalmente esse chambrito não o devo ter passado a ferro. Nessa noite, ela chorava, chorava muito, mas não sabia o que lhe havia de fazer. Quando levanto as pernitais para lhe mudar a fralda, vejo um vermelhão muito grande aqui atrás nas costas, comecei a passar a mão e ela sossegava, mas de tanto coçar aquilo começou a ganhar umas bolhas altas.

Ao outro dia, diz-me aquele senhor: “Olha, que tem a tua menina que ela de noite chorou tanto?!” e eu disse-lhe “Olhe não sei o que tem, tem aqui um vermelhão tão grande que eu vou mas é já ao médico.”; pediu-me então para lhe mostrar e diz ele “Ai rapariga o que ela tem aí, anda cá que eu curo-te a menina.” Ele pega numa faca e dizia de alto, por isso é que eu aprendi:

Eu te atalho

Cobra ou cobraão

Sapo ou sapão

Aranha ou aranhão

Todo o bicho de toda a nação

Eu te corto coração

Que para trás tornes e para a frente não

Em louvor da Virgem Nossa Senhora

Ave-maria

Dizia-se três vezes, três dias seguidos também. Com a faca faz-se o sinal da cruz por sobre o vermelhão. Eu então, como ele dizia, aprendi e também já tenho curado muita gente também. A minha filha o que tinha era cobra que passou por cima da roupa e aquilo se une matava-a, se une a cabeça com o rabo a minha filha tinha morrido. Antigamente, via-se muito essas coisas...

Também sei tratar os pulsos ou pés quando estão abertos. Põe-se água quente num alguida, põe-se um púcaro de alumínio virado ao contrário e, por cima, põe-se a mão ou o pé, consoante o que estiver aberto. Quando é aberto, o púcaro chupa a água toda lá para dentro. Depois com uma agulha e um novelo de linha conforme a gente vai passando, vai cruzando, dizemos:

Em louvor de São Furtuoso eu te coso

Se for fio torto volta ao teu posto

Se for fio delgado volta ao teu lado

Se for fio torcido volta ao teu sítio

(sempre a coser no novelo e a linha não pode ter nós, tem que correr)

Em poder e louvor da Virgem Maria

Pai-nosso e Ave-maria

Eu nunca vi fazer isto, o meu homem é que andava sempre com os pulsos abertos, na poda e assim e então ia lá a uma senhora ali em Aldeia e essa senhora já faleceu. O meu homem quando ficou outra vez doente, disse: “Olha, já faz falta a senhora Maria do Fausto, ando aqui à rasca do meu braço.”. Então eu disse-lhe: “Olha, eu nunca vi como é que ela fazia, mas tu ensina-me que eu faço-te.”. Eu sabia as palavras, não sabia é como fazer e ele ensinou-me.

Olhe, como vê, aprendi com a minha avó, com a minha mãe, com a minha tia, com o vizinho e, aqui há dias, aprendi na televisão com uma senhora, também já era uma pessoa antiga, era uma velhota. Ela estava a ensinar a fazer o chá para a asma e a curar a zeripela, que é uma infecção na pele, aquilo fica muito vermelho e inchado, às vezes até dizem que é de estar sentado ao lume muito perto... então a velhota estava a ensinar como era e eu aprendi. Ela dizia assim:

Onde vais Pedro e Paulo

Oh meu Jesus vou a Roma

O que te leva lá

Curar a zeripela, zeripelão

Que anda aqui na minha perna (ou mão, ou cara, consoante o caso)

Vai-te embora Pedro e Paulo

Vai-te embora para trás

Com o poder da Virgem Maria

Eu te curaria

Pai-nosso e Ave-maria

Isto faz-se com três folhinhas de oliveira virgem (oliveiras que começam a dar o primeiro ano o azeite), com lã de ovelha virgem (de ovelha que ainda não tivesse parido) e com azeite. Amassa-se as folhas no azeite e depois com a lã esfrega-se no sítio doente. E olhe, não é que depois disso já curei uma senhora ali de Fontelo desse mal... a mulher ficou toda contente e admirada com as melhoras. Dizia ela “esta mulher faz milagres”. Tudo se aprende sabe, é preciso ter fé e gostar de ajudar, como eu... Ainda bem que Deus deixou na Terra o mal, mas também deixou as palavras para a cura, se não estávamos desgraçados, os médicos comiam-nos o dinheiro todo.

O meu marido também tem problemas de fígado e, de vez em quando, fica muito amarelo e atão disse-lhe a ele: “Olha, lá em baixo na Folgosa há uma senhora que cura a interisia, que é a hepatite.” Sabe que a hepatite os médicos isso não curam, aquilo mói, mói e a pessoa morre. A mulherzita lá lhe fez o chá e ele melhorou. Aquilo é uma erva, que eu não sei qual é...eu conheço muitas ervas e desconfio que é a erva da rela, mas ela não me quis dizer. Ela não me quis dizer porque, prontos, é a sabedoria dela e ela não ia passar p’ra mim, tem medo que lhe roube o negócio a ela. Ela disse que um dia me ensinava, agora vamos ver...

Havia ali um senhor em Travanca que fazia com vinho branco mas sem cristais e açúcar amarelo. O açúcar amarelo, mascavado, compra-se na farmácia, que é aos quadrinhos... aquilo depois é fervido com a tal erva, dentro de uma panela de ferro, tem que estar em ferro, com um bocado de ferro lá dentro. Esse chá tem que estar ao relento de uma noite.

As minhas filhas gostam de saber. Tenho a minha que está no Porto que o filho, aqui há tempos, andava lá com um frunquitos aqui ao pé do queixito e ela dizia que era bicho, mas ela como não sabia muito bem como era, veio cá e pediu-me para ver o pequeno. Nos dois dias que aqui estive, quando foi já não levava nada.

Desta vez curei o meu neto, mas elas também fazem. A minha Sofia tinha lá uma miudita que era sobrinha dela que estava embaçada e depois ela telefonou a perguntar: “Minha mãe, o embaçado é assim e assim?”. Eu disse-lhe que sim e ela lá a curou. A minha Guida também até escreveu e faz quando é preciso. Às vezes quando estavam aqui em casa, viam-me tratar este ou aquele e elas aprendiam, só de ver!

Eu até tenho ensinado a muita gente, ainda aqui há tempos veio cá uma senhora de Lisboa porque vinha e ia embora. Ela tinha um inchaço muito grande numa perna

mas aquilo era a zeripela e eu ensinei-lhe, escrevi-lhe e ensinei à filha para fazer à mãe e, olhe, diz que melhorou.

Agora o meu filho, não se interessa por isto, ele vê eu fazer, mas nunca me perguntou “Oh minha mãe, como é que se faz isto ou aquilo”, nem nunca me pediu p’ro tratar de nada. Vê e cala.

A gente tem que também dar a saber às pessoas, eu não sou como aquela senhora da Folgosa, eu digo a toda a gente, porque tudo é bom as pessoas saberem, às vezes há certas doenças que podem ser curadas sem ser preciso andarem nos médicos. Há muita gente que também nem acredita nessas coisas, vem muita gente procurar-me quando chegam ao acto de desespero e já não sabem o que fazer mais.”⁵⁰

⁵⁰ Entrevista realizada a 11 de Outubro de 2008, na aldeia de Aldeia de Cima, Concelho de Armamar, distrito de Viseu.

D) Entrevista nº 4:

D. Odete, vizinha e comadre da D. Nazaré – 60 anos

“Eu nasci aqui em S. Romão, mas casei-me e fui p’ra Angola, o meu marido fez lá a tropa e estava lá como policia. Depois, quando as coisas se complicaram por lá, fomos, naquele tempo, com uma mão atrás e outra à frente, para Lisboa. Quando o meu marido se reformou, voltamos para aqui. Eu nasci aqui e o meu marido também. Ele nasceu ali em baixo ao lado da Igreja e eu nasci ali em cima, no lugar do Travasso. Já tenho 60 anos, feitos no dia de S. Miguel.

Andei na escola, mas só tirei 3ª classe, eu tinha um medo da professora que me pelava, não vê que até fiquei um bocadinho gaga com o medo. Eu, só p’ra não ir à escola, preferia ir para o campo com as ovelhas, dizer à minha mãe que me perdia ou que não tinha ouvido o toque da Igreja a chamar à escola e passar todo o dia sem comer. Levei tantas reguadas... aquilo era uma besta.

Já casei tarde, com 31 anos, ele estava longe e eu fui esperando... um dia ele veio, casámos e fomos p’ra lá. Eu adorei, estive lá cinco anos, a minha mais nova veio com quatro anos.

Éramos quatro, três rapazes e uma rapariga que sou eu (o mais velho, o João já morreu coitadinho, no Brasil, há muitos anos). Os meus irmãos estavam na altura quase todos casados, só o António das Cancelas é que não, mas depressa casou...o meu pai já tinha morrido e eu levei a minha mãe comigo e olhe, bem me ajudou, foi o que me valeu. Aquelas terras eram boas, mas tínhamos que trabalhar... Eu às vezes comia mais e não o fazia para dar aos meus filhos. Eu estive em nova Lisboa, tinha família em Luanda, mas essa só lá ia a minha casa para vir relatar o que estava mal ou bem, não iam ajudar em nada. Eram umas línguas desgraçadas.

Tenho dois filhos, um rapaz com 36 anos e uma rapariga com 38, uma morreu-me lá em Angola, com dois mesinhos, tinha agora 37 anos, coitadinha, minha filhinha. Nasceram os dois em Angola, estudaram em Lisboa até ao 12º ano e depois foram estudar os dois para Braga: ela é professora e ele é engenheiro. Estão bem, graças a Deus. Também já tenho duas netinhas. Ele ficou a viver em Braga e vai muitas vezes lá p'ra fora, p'ró estrangeiro. Ela dá aulas em Lisboa, casou lá e o marido é de lá.

Agora estou na minha terra, aquilo em Lisboa também não é fácil, estávamos os dois reformados, aquilo era uma vida sempre em casa. Aqui não, temos sempre que fazer, o meu homem não para em casa, o Deus dele é andar no campo, às vezes nem tem nada que fazer, mas ele inventa trabalho. Diz que se sente mal em casa. Eu também ando sempre fora e dentro.

Despois, conheço toda a gente e tenho boa vizinhança, tenho aqui a Judite que é boa rapariga, a minha cunhada Amélia dos Passos, a Gracinda, a minha comadre Nazaré...ela é minha comadre porque lhe baptizei um filho, o Ananias, que está agora em Lisboa. Então esta minha comadre vem muitas vezes passar aqui as tardes comigo, está sozinha e pouco ou nada faz, já no campo... às vezes até janta qualquer coisa e já vai de noite para casa dela. Falemos na agricultura, nisto e naquilo, do passado, dos filhos e dos netos que estão longe, do que calha...ela como anda sempre na casa de umas e outras e fala com mais gente, sabe quase tudo o que se passa aqui na aldeia, não lhe escapa nada! É por ela que eu às vezes venho a saber as coisas...

A gente com as pessoas mais velhas aprendemos sempre muita coisa, já viveram muito, têm mais experiência, mais anos de vida. A minha mãe sabia muitas coisas, muitas histórias antigas verdadeiras que se tinham passado...agora não sei como é, mas ninguém conta nada disso. Contava histórias de espíritos, de mau olhado... sabe que antigamente ninguém passava num cruzamento à meia-noite, diziam que era o

lugar das bruxas se encontrarem. Às vezes ao outro dia passava-se lá e ainda cheirava a azeite e a essas coisas. Agora, não se ouve falar em nada disso, tudo morreu com os antigos! Olhe, se um pai tinha sete filhas, diziam que a última era bruxa, sabia? Havia aqui uma senhora que depois casou em Passos, a Sr^a Hermínia, que quando chegava a meia-noite estava sempre em aflição p'ra se ir embora, diziam que era bruxa, eram sete irmãs e ela era a mais nova!

Agora, também aprendi a curar algumas doenças. Sabe que quando temos o pé ou a perna aberta e dói muito, a gente cose com uma panela de água a ferver e com um púcaro virado ao contrário, põe-se uma tesoura em cruz, em cima da panela e diz-se, com uma agulha e um novelo de lã, sempre a coser:

Eu te coso

Fio torto (diz a pessoa)

Se é fio torto torna a teu porto

Se é carne agravada torna a tua casa

Com a graça de Deus e da Virgem Maria

Salve Ave-maria

E reza-se uma Ave-maria. Tem que se fazer isto três vezes. Isto eu até já sabia de há mais tempo, eu é que me não lembrava como era, porque a minha mãe também já fazia tudo isto, curava ao mal do bicho, os entorses, a névoa da vista, o embaçado, tudo isso. Mas eu, nunca escrevi nada, alguma coisa ficou e lembra-me, outras esqueci-me, ela já morreu há tanto tempo. Mas ela sabia tudo isto, tinha umas mãos santas. Agora, quando me não lembro bem como é, tenho aqui a minha comadre que me ensina, ela nisso tem fama, vem cá muita gente procurá-la e ela faz bem a muita gente. As pessoas procuram-na muito e se não ficassem contentes, ela não tinha era tão procurada como

é, não acha? Eu também gosto de aprender p'ra não estar sempre a chateá-la e depois, às vezes, nem está, tem temporadas que ela vai p'ra Lisboa p'ra casa dos filhos e se a gente precisa, ela não leva tudo com ela...

Gosto de lhe pedir primeiro ajuda a ela ou então faço eu, quando sei, se não der resultado, então vou ao médico ou governo-me por outro lado. Mas a gente sabe não é... ela quando vê que não é coisa que possa curar diz logo, não anda ali a empatar.

Olhe, também aprendi a atalhar à zeripela com a minha comadre. Põe-se o pescoço ou outra parte do corpo assim muito vermelha e então diz-se:

Zipela, zeripela

Muita gente morre dela

Torna atrás

E atalha com azeite de oliva

Com lã de ovelha viva

Padre-nosso e Ave-maria

Ah! também sei curar do mau-olhado, aprendi esta com a minha filha, ela gosta muito destas coisas e leu num livro como era, depois escreveu num papel e eu decorei. Também já a ensinei a uma sobrinha minha, a Judite além dos Passos. A rapariga volta e meia anda doente e a gente não sabe o que é, ela pediu-me e eu ensinei, quando precisa faz e não chateia ninguém. Diz que se sente melhor...tudo é bom saber, nós, os mais velhos não devemos levar o segredo p'ra cova. Estes mais novos, quando a gente morrer, também precisam de se defender do mal e olhe que há mais quem nos queira mal do que bem.

Volta e meia, quando a minha comadre anda doente, atalha-se para ver se é alguma coisa disso (ela também sabe) e eu às vezes também faço o mesmo, parece que me sinto logo melhor, não sei!

Olhe, põe-se uma tigela com água, deita-se uma gota de azeite e diz-se:

Benza verba, verba é Deus

Deus te benza, benza-te Deus

Deus te fez, Deus te criou

Deus dê este quebranto a quem te quebrantou

Lua ou luar

Por Odete (diz-se o nome da pessoa a curar) passas-te

A cor dela levas-te

E a tua deixas-te

Quando por ela tornares a passar

A tua levarás e a dela deixarás

Faz-se isto três vezes, três dias seguidos. Se a gota de azeite desaparecer na água, estamos carregados de mau-olhado, se ficar igual, a bola de azeite direitinha, é porque não temos nada disso. Olhe que isto dá resultado, a gente melhora a olhos vistos! Temos é que ter fé também, sem fé nada se faz. Nós somos católicos e acreditamos em Deus, em todas estas coisas, depois rezamos sempre o Pai-nosso ou a Ave-maria no fim das rezas.

Com a minha mãe podia ter aprendido mais, mas sabe como é, parecia que nunca havia tempo para nada, viveu sempre comigo até morrer e nunca me dispus a escrever nada e podia ter aprendido mais. Quando morreu é que senti a falta, a falta de tudo. Estava muitas vezes doente em Lisboa e não sabia a quem recorrer, já não a tinha

a ela, não é. Olhe, cheguei a vir com o meu marido aqui de propósito para curar o meu filho que andava já amarelinho, muito fraquinho, de tanto vomitar, e os médicos não curavam o rapaz. Eu sabia que estava embaçado, mas arranjar quem mo tratasse em Lisboa. Vim então cá à minha comadre e, quando fui para baixo, já ia melhor, até hoje, com a graça de Deus.

Nessa ocasião, pedi-lhe que me ensinasse a do embaçado e então aprendi. Depois quando era preciso eu própria fazia, sabe que os Lisboetas não sabem fazer nada, são uns acanhadinhos para essas coisas. Às vezes, havia lá algumas que sabiam tirar os espíritos, que diziam que tratavam as pessoas, mas o que sabiam era levar o dinheiro... mandavam acender velas, ouvir muitas missas por alma de quem tinha morrido, tudo fantochadas para nos levar o dinheirinho. Estavam combinadas com ervanárias, mandavam-nos para lá, gastava-se um dinheirão e ficávamos na mesma. Sabe que com isto é preciso ter muito cuidado, existem muitas que só servem para roubar o pobre coitado que se vê aflito.

Com a minha mãe aprendi a defumar as casas e as pessoas, dizem que é bom defumar as casas quando são novas ou outras coisas. Põe-se nove brasas vivas, ruda, aipo, alecrim, sal, nove gotas de azeite e diz-se assim:

Eu te defumo

Consoante a Virgem nossa Senhora

Defumou o seu bendito amado filho

Para o beijar e adorar

Assim eu te defumo para todo o mal tirar

Sabe que também havia uma tia minha que sabia muito destas coisas, uma irmã da minha mãe que morava ali nas Cancelas, a minha tia Maria. Com ela aprendi a

atalhar ao bicho, que era bicho que às vezes passava pelo corpo ou roupa e era uma carga de trabalhos, dava uma comichão muito grande e ficava vermelho. Faz-se três vezes em três dias e então pega-se numa faca, faz-se o sinal da cruz, e diz-se:

Eu te atalho

Cobra ou cobraão

Sapo ou sapão

Aranha ou aranhão

Todo o bicho de toda a nação

Eu te corto coração

Que para trás tornes e para a frente não

Em louvor da Virgem Nossa Senhora

Ave-maria

Uma altura, veio cá uma sobrinha minha que está em Espanha e trazia numa perna esse mal. Esteve aqui a falar comigo e eu vi logo o que era. O tempo que esteve cá, curei-a. A rapariga ficou toda contente. Ainda há pouco tempo esteve cá e trouxe-me um chourição enorme de lá, diz que não sabe como me agradecer. Também já curei um rapazito ali de baixo, o Valter. Eles ficam contentes e agradecem ainda existir gente como nós, que sabemos fazer alguma coisita. Eu gosto de ajudar, de ver as pessoas a melhorarem, é uma satisfação e uma bênção de Deus. Olhe que há pouco quem faça o bem, parece que hoje em dia só há maldade. Veja as notícias na televisão... é só desgraças!

A minha filha interessa-se por estas coisas e acredita, mas o meu filho não liga tanto, respeita, mas não liga, não quer saber, é homem sabe. A minha filha acredita, liga e gosta de saber, tem aprendido muita coisa comigo e até com a minha comadre.

Quando é preciso já se desenrasca bem sozinha. Aqui há uns tempos, pela altura da vindima, ela veio cá com a minha netita, ainda não tinha um anito, e menina não parava de vomitar e com umas diarreias muito grandes, a minha filha andava doida, veja lá que chegou a ir à pediatra a Viseu, veio de lá era quase meia-noite. Por essa altura, a minha comadre estava para Lisboa para casa de um filho, mas como já me tinha ensinado a curar o embaçado, a minha filha lembrou-se e pediu-me para lhe tratar a menina. “Se não fizer bem, mal também não lhe há-de fazer”, dizia ela. Não sei se foi a médica ou eu, a verdade é que ela melhorou num instante. Estava embaçada, coitadinha, muita gente não acredita.

Nessa ocasião, a minha filha escreveu num papel a reza e como se fazia. Pediu-me para não dizer nada ao meu genro, ele não sabe, não acredita nessas coisas, diz que são bruxarias... também é lisboeta sabe e nunca precisou de verdade.

O meu filho diz que calhou correr bem, mas a verdade é que as outras a quem a minha comadre e eu faço melhoram... mal tenho eu a certeza que não faz, agora ele não acredita. Olhe, ele também já foi tratado como já lhe contei antes. Deixe lá que quando ele tiver filhos, de certeza que ainda cá há-de vir bater à porta, nunca precisou sabe, felizmente, não se lembra do que já lhe fizeram. Agora a minha nora não, essa já acredita...

Ela é madeirense e, volta e meia, quando o meu filho anda doente de alguma coisa, ela anda sempre com chás. Diz que a mãe dela sabe tratar de algumas doenças com rezas e ervas, é toda crente nessas coisas também, aquilo viu a mãe e aprendeu, mas também não conta nada, nem nunca pediu p’ra lhe ensinar nada, eu também não puxo conversa... Uma coisa é certa, parece que em todo o lado se faz o mesmo, mas às vezes às pessoas não gostam de fazer e de ensinar, umas querem levar o segredo p’ra cova, outras têm medo que as chamem de bruxas. Eu gosto de ensinar e também gosto

de aprender, o saber não ocupa lugar, mas também nunca me trataram mal por fazer o bem. Sabe que há minha comadre Nazaré já lhe aconteceu isso, já a chamaram de bruxa. Então, ela às vezes quer ajudar, mas evita curar lá em casa p'ró povo não falar. Há muitas más línguas e gente ruim neste mundo, mas quando precisam...ai Jesus, ai Jesus, quem me acode...” ⁵¹

⁵¹ Entrevista realizada a 18 de Outubro de 2008, na aldeia de São Romão, Concelho de Armamar, distrito de Viseu.

E) Entrevista nº 5:

D. Lina, vizinha da D. Maria das Neves – 64 anos

Quantos anos me dá? Já cá cantam 64. Estou p'rá qui feita uma velha, nã é verdade?

Só fiz dois anos de escola, fiquei com a 2ª classe e pouco mais sei do que escrever o meu nome. Naquele tempo só os filhos dos ricos é que estudavam, os filhos desses que tinham grandes herdades e que iam p'ra Lisboa e outros lados estudar. Nós os pobres tínhamos que trabalhar p'ra comer... éramos sete irmãos, comigo. Eu era a única rapariga e tinha que ajudar em casa e no campo.

Já fiz de tudo nesta vida, já mondei, já andei no tomate, nas vindimas, a ceifar, a regar, a podar... por esses montes fora, nessas grandes herdades. Sabe que aí moravam aqueles que tinham dinheiro, que matavam a fome à gente cá da terra. Aquele que dava mais um bocado de pão é onde a gente gostava mais de trabalhar. Coitados da gente naquele tempo! Agora, já nã posso, cultivo aqui alguma coisita p'ra ter sempre que comer, batatas, milho, cebolas, couves... o que calha. Quando nã puder, paciência, mas eu gosto da terra, sinto-me bem, gosto de plantar e ver crescer e depois tem outra qualidade, sabe melhor a comida. Ah, também tenho umas ovelhitas, coisa pouca. Já tive mais no tempo dos meus filhos, quando éramos muitas bocas a comer em casa.

Éramos muito cá em casa, tive cinco filhos, três rapazes e duas raparigas, agora estou sozinha com o velhote, estão todos fora. Tenho dois filhos em Lisboa, um rapaz e uma rapariga no Algarve e a minha Zezinha coitadinha, Deus já a levou... foi a maldita de uma doença ruim. A minha Zezinha ainda chegou a fazer o 2º ano do ciclo, agora os outros ficaram apenas com a 4ª classe. Eu e o pai não tínhamos possibilidades p'ra mais. Primeiro o meu homem trabalhava no campo comigo, foi lá que começamos a falar um p'ró outro, depois começou a trabalhar nas obras aqui com o meu vizinho,

mas também era uma vida muito dura e suja! Nunca passemos fome, mas não dava para grandes luxos.

Eu sempre que posso vou à Igreja, mas tem o meu homem que ir comigo porque fica longe, temos que ir a Colos ou ao Cercal. Gostava de ir mais vezes, mas então...Agora se dissessem a missa aqui perto e eu pudesse ir a pé, era diferente.

A Mãe das Neves é das poucas vizinhas que tenho aqui agora, tinha ela dezoito ou dezanove aninhos quando veio para aqui, se bem me lembra. Eu nessa altura ainda não me tinha ajuntado com o meu homem, estava aqui na casa dos meus pais. Depois, o meu pai morreu, eu ajuntei-me com 20 anitos feitos e fiquei aqui a morar com a minha mãe, nunca daqui sai. Aqui nasci, aqui fui criada, aqui vivi com o meu Raul, aqui tive os meus filhos e aqui estou, já velha. Sempre me dei bem com a vizinhança, nunca tive nada a dizer deles, nem eles de mim, na minha ideia.

Eu falo muito com a Mãe das Neves, ela é viúva, o filho sai quase todas as noites e então ela, às vezes vem até aqui um bocadinho, ou então vai até à do filho que mora ali à frente, gosta de estar com os netos sabe. Com ela falo muito, sabe que já não há cá muita gente na terra, abalaram quase todos: os novos não têm cá trabalho coitados, vão para Lisboa e para o Algarve e os mais velhos, quando já não podem, não lhes resta outro remédio senão abalarem para a casa dos filhos ou então vão para os lares, o do Cercal está cheio, disse-me uma pessoa há pouco tempo. Ficam esses montes abandonados, muitos a cair e depois vendem-nos a estrangeiros (agora há cá muitos) e a pessoas que gostam disto para passar férias... Dizem que tá na moda o Alentejo, mas eu cá não vejo moda nenhuma nisto, cada vez está mais triste e abandonado, já foi bom, noutros tempos.

A gente ajunta-se mais no Verão, de Inverno a noite chega depressa, tá frio, é mais triste, assim que anoitece deitámo-nos, pelo menos estamos quentinhos, temos

televisão no quarto, sabe? No Verão, estamos aqui fora muito tempo... a falar das coisas antigas, da vida, do tempo, dos filhos, do que se passa na nossa terra... chega às vezes a meia-noite e a gente aqui fora a falar. Depois vem sempre gente à da minha vizinha p'ra ela tratar e eu gosto de ver... tudo é bom a gente saber e aprender.

Olhe que eu tenho aprendido muita coisa, ela sabe e não se importa de ensinar. Há gente que não gosta, tem medo que lhe roubem o negócio, mas ela coitadinha só pega naquilo que lhe dão e, quando vê que são pessoas pobres, não aceita dinheiro, diz que é por alma de quem lá tem.

Aqui há uns tempos, o meu homem andou a apanhar umas ameixas e, quando chegou a casa, trazia os lábios muito vermelhos e inchados. Ao outro dia, táva ainda pior e perguntei-lhe “Oh, homem que andaste a fazer p'ra teres a boca nesse estado?”. Ele disse que tinha comido uma ameixa e que sentiu um formigueiro e que depois ficou assim. Eu lembrava-me das palavras da vizinha M^a das Neves, quando curou uma mulherzinha ali de Valvejinha e, olhe, curei-o! Disse assim:

Eu te corto peçonha e peçonhão

Cabeça e meio e rabo e coração

Cobra e cobrão

Salabardo e salabardão

Sapo e saparrão

Aranha e aranhão de toda a nação.

E milagroso S. Simão.

Mas no fim há-de rezar uma Ave-Maria. Sabe, basta a gente comer uma fruta que tenha a peçonha ou vestir uma peça de roupa por onde tenha andado bicho, a gente fica assim como o meu homem.

Passado uns tempos, em conversa, eu disse-lhe que me tinha lembrado das palavras dela e que tinha curado o meu homem. Ela coitada ficou toda contente, “mulher dum cabresto, como ela aprende depressa”, disse-me a rir. “Aprende, olha que eu nã duro sempre”, dizia ela. É uma mulher muito bem disposta... Já viu os versos que ela inventa e nã sabe ler nem escrever!

Olhe, também aprendi com ela a benzedura da cabeça, que se oferece a uma santinha que eu gosto muito, Santa Teresa. Depois disso também já a ensinei além a uma vizinha que queria fazer ao homem que andava sempre mal da cabeça, com dores e assim. Vai-se fazendo o sinal da cruz por cima da cabeça da pessoa e faz-se três ou cinco vezes, tem que ser nunes, nã pode ser a pares, e diz-se:

Jesus que é o santo nome de Jesus

Nossa Senhora pelo mundo andava, pelo mundo andou

Com dores de cabeça se encontrou

Nossa Senhora perguntou:

Onde vais tu dor de cabeça?

Vou fazer doer tua cabeça

Vou fazer espalhar miolos

E Jesus e Jesus, e Jesus – disse a Nossa Senhora –

Nem fazes doer a cabeça nem fazes espalhar miolos

Que eu te tiro e te ponho do outro lado das águas do mar

De onde não oiças galo cantar nem filho de pai bradar

Com o poder de Deus e da Virgem Maria

Com que eu te benzo a dor de cabeça

Com um Pai-Nosso e uma Ave-Maria

Pai e Filho e Espírito-Santo

Uma ocasião, tinha aqui uma ovelha que teve crias , atão ela tinha muito leite, mas as tetas estavam como um madeiro, não saia leite. A ovelha estava a sofrer e as crias muito fraquinhas. Disse ao meu filho p'ra ir à da M^a das Neves p'ra vir cá. Ela veio e logo me disse que havia que fazer a benzedura do quebranto dos peitos, como se faz às mulheres. Atão, nessa, eu aprendi. Pega-se num bocado de árvore de carvalho-macho, aquele que dá as maçãs... umas maçãs vermelhas, esse é que é o carvalho-macho...Raspa-se com uma faca e com um martelinho mói-se como a farinha, junta-se mel e chega-se ao animal ou à gente, a quem precisar... Chega-se ao peito e diz-se:

Um bom homem me deu colheita

Uma má mulher me fez a cama.

Tu, água, e tu, videirinha

Dai saúde a esta maminha.

Faz-se três dias seguidos e dá bom resultado. A minha ovelha sarou e as crias foi vê-las medrar.

Já ensinei também a uma cunhada minha que mora ali perto de Vila Nova de Mil Fontes esta do quebranto os peitos, ela andava com uns problemas num peito, pensavam que era coisa má e tudo. Olhe, ensinei-lhe as palavras e como tinha que fazer e graça a Deus diz que se sentiu bem.

Eu aprendi também algumas coisas com a minha mãe, mas pouco. Olhe, aprendi com ela a defender-me do mal da inveja, sabe que há pessoas que têm raiva à gente e a gente desconfiando deve dizer assim, com a mão esquerda escondida:

Tu és ferro

Mas eu sou aço

O que queres fazer para mim

Vá para o teu regaço

Que eu te embaço

Quando uma pessoa tem quebranto, sabe, porque anda muito desfigurada, é como uma flor a murchar. A minha mãe tinha muito medo deste mal, ela dizia que “não há pior mal que o mal de inveja” e olhe que é bem verdade!

Já aquela cunhada de que falei à bocadinho diz de forma diferente a benzedura do mau-olhado. Uma altura estávamos a falar nisso e então ela ensinou-me a dela e eu ensinei-lhe a minha. Ela contra este mal diz:

Santos em mim

diabos em ti

vi-te primeiro

que tu me viste a mim.

Eu conheço uma senhora minha amiga ali perto do Cercal que está tolhida... levaram-na para Lisboa p'ros médicos, mas aquilo p'ra mim ã é de médicos. Apanhou o ar e pronto. Eu já quis ajudar, mas os filhos não acreditam em nada disso, ã querem, olhe, é lá com eles.

A minha mãe até dizia que as pessoas nunca devem andar descalças, porque há gente que nos quer mal, que vai ao cemitério buscar terra e que a mistura com a cinza do lareira e que a põe onde a gente passa. As salgas são um mal também muito ruim que dá nos pés... a minha mãe aprendeu a curá-las com a mãe dela, a minha avó, e depois ensinou-me a mim. Põe-se numa bacia um litro de álcool, nove dentes de alho, nove cabeças de arruda, nove folhas de eucalipto que não tenham visto defunto. Deixa-

se tudo isto durante nove dias e depois junta-se uma pedrinha de cânfora. No fim, queima-se aquilo tudo e a gente há-de estar a apanhar o fumo e a ler a reza. Diz-se assim:

Virgem Nossa Senhora

Defumou o seu menino

Para bem cheirar

Eu te defumo

Para todo o mal se afastar.

Rezam-se nove Ave-Marias e a seguir, depois do defumadouro, diz-se:

Em louvor do Santíssimo Sacramento do Altar

Eu me estou a defumar

Para que todo o mal natural, espiritual

Pragas, salgas, invejas, rezas,

Da minha casa, da minha família se afastar.

Ficaremos livres de todo o mal

Sorte e saúde havemos de gozar,

Em louvor do Santíssimo Sacramento do Altar.

Eu lembra-me ser pequena ainda e a minha mãe fazer isto, veja lá o tempo que tem esta reza! E eu ainda a sei, nunca a esqueci. É tão bonita, não é? A minha filha também já a escreveu, diz que nunca sabe se precisará dela também. Ela já sabe umas quantas coisas destas, gosta, sabe e também já precisou.

Uma ocasião, um neto meu andava a vomitar, tinha muitas dores de barriga, a minha filha estava farta de ir aos médicos lá no Algarve e nada. Ela telefonou-me a contar e vou eu e digo-lhe “Porque é que nã lhe fazes uma benzedura que eu aprendi com a M^a das Neves? Pode ser que o rapaz melhor.” Nessa altura, eu disse-lhe o que tinha que fazer pelo telefone e ela lá fez. Essa benzedura é assim e, no fim, reza-se um Pai-nosso e uma Ave-maria:

Jesus, que é o santo nome de Jesus

(onde está o santo nome de Jesus não entra mal nenhum, diz-se em todas as benzeduras)

Nossa Senhora pelo mundo andava, pelo mundo andou

Nossa Senhora pelo mundo andou, pelo mundo andava

Foi a uma casa pedir pousada

Que o homem era manso e a mulher era brava

O homem que la dava, mulher que la tirava

Capachinha por baixo, capinha molhada

Papinha mexida com o corno da cabra

Tira-te daqui dor de barriga que não tens aqui entrada

Com o poder de Deus e da Virgem Maria

Com um Pai-nosso e uma Ave-maria

Olhe, aquilo foi milagre, foi vê-lo melhorar. A minha filha também acredita muito nestas coisas e sabe fazer. Ela, às vezes, no Verão vai até ali à da M^a das Neves e aprende muita coisa, diz ela que “é pena a gente morrer e estas coisas se perderem”. Ela até já tem escrito num papel p’ra não se esquecer.

Agora o meu Jaime, o meu Chico e o outro não se interessam por nada disso, nunca quiseram aprender... até se riem disso, às vezes. Elas são mais caseiras, são elas que cuidam dos filhos... sabe que são sempre as pobres das mães que mais trabalho têm com os filhos e, coitadinhas, quando se vêm aflitas, lembram-se de tudo. Eles podem ser muito bons, mas p'ra estas coisas não servem, são mais desprendidos, são trabalhadores, amigos dos filhos e das mulheres, mas p'ra estas coisas não servem.

É assim, faço o que posso p'ra ajudar, sempre que me pedem e gosto de ver as pessoas a melhorarem. Se ninguém tratar estas coisas, tudo se perde... Estas coisas deviam ficar escritas p'ra toda a gente poder fazer...o pior é que nem sempre as pessoas têm fé e p'ra isto é preciso ter muita fé e acreditar em Deus, que tudo deixou na Terra.⁵²

⁵² Entrevista realizada a 17 de Setembro de 2008, no lugar de Campo Redondo, freguesia de Colos, Concelho de Odemira, Distrito de Beja

F) Entrevista nº 6:

Sr. Manuel, filho da D. Maria das Neves – 41 anos

“Eu sou o mais novo de seis irmãos, ainda cheguei a ter uma irmã, mas morreu de pequena. A minha mãe conta que se fosse hoje não tinha morrido. Também tenho um irmão que já morreu, mas esse não foi de doença... matou-se.

Sou trabalhador da construção civil, acho que toda a vida me lembra fazer isto... aprendi com o meu pai, ele cá nesta faina era dos melhores. Mas olhe que já fiz de tudo, já trabalhei no campo, já estive no estrangeiro na apanha da fruta... podia ter um trabalho melhor, mas não gostava da escola... fiz o 10º ano com muito esforço. O meu pai e a minha mãe tinham gosto que eu tirasse um curso, era o mais novo, sabe? Mas então que é que se pode fazer, a cabeça não dava p’ra mais. Aprendi foi os poemas do avô da minha mãe, ele era poeta, sabe? Ainda hoje sei alguns, a minha mãe pedia-me para lhe ler e eu era obrigado a decorá-los. Aquele homem tinha cá uma cabeça... e olhe que a minha mãe também não é burra, ela não sabe ler nem escrever, mas fica-lhe tudo na cabeça, não se esquece de nada... ela é poemas, é benzeduras, é rezas... não se esquece de nada!

No tempo do meu pai, era bem melhor, trabalhava com ele e os meus irmãos, era bem melhor do que trabalhar para os outros, mas eu só sozinho não tenho dinheiro p’ra manter uma empresa e é muita cansaça de corpo e cabeça.

Eu já não me lembro de ir à Igreja, a última vez acho que foi quando o meu irmão morreu. Acredito em Deus, respeito tudo aquilo, a minha mãe e o meu pai são muito católicos, mas então não sei porquê não me dá p’ra ir.

Eu agora vivo com a minha mãe, é que aqui há uns tempos divorciei-me, não nos dávamos bem... foi melhor assim, cada qual governa a sua vida e não andamos sempre às turras. Éramos livres, não tínhamos filhos...

Eu saio todos os dias para o trabalho, só nos vemos à noite e aos fins-de-semana, mas falamos normalmente das coisas do dia-a-dia, daquilo que é preciso. Sabe que à minha mãe também nem sempre se pode contar tudo, às vezes coisas simples fazem-lhe a porra de uma confusão que o melhor é nem contar. É da idade, acho eu... Mas mesmo assim ainda falamos de muita coisa: do tempo, da vida, dos meus irmãos, dos vizinhos, das notícias da televisão, sei lá... conforme o que se passa.

Ela também fala muito das pessoas que cá vêm a casa para ela curar, sente-se feliz quando as pessoas notam melhoras e lhe agradecem. Sabe, é uma distracção para ela, convive, conhece muita gente à conta disto e, às vezes, lá vai ganhando algum, mas ela não pede a ninguém. As pessoas sentem-se contentes e muitas delas fazem questão de agradecer. Ela tem feito bem a muita gente cá da terra e de fora, vêm cá de todo o lado... as pessoas vão falando, vão passando palavra e ela vai ficando conhecida. Todos cá vêm à da minha mãe.

Eu pouco ou nada aprendo disto com a minha mãe... não sei porquê, mas nunca aprendi. Não sei porque razão! Sei que é bom tudo aprender, mas não é assunto que me interesse muito. Às vezes digo-lhe “Qualquer dia temos que gravar o que a mãe diz”, mas é de brincadeira. Quando ela morrer sei que ainda vou ter pena de não ter aprendido, mas sabe como são os homens, não somos muito ligados a estas coisas. Sei que ela tem para ali um livro guardado, muito velhinho, que o meu pai lhe lia, mas nem sei onde está. Agora, quando tenho alguma coisa que me dói pergunto sempre a ela o que fazer e, volta e meia, ela cura-me, faz-me umas benzeduras. Sei algumas palavras, mas muito poucas ou nenhuma...

Olhe, eu já estive mal de um pé e sei que ela dizia:

Jesus que é o santo nome de Jesus

Onde está o santo nome de Jesus não entra mal nenhum

E depois ela perguntava: O que é que eu coso?

E eu tinha que responder: Carne quebrada, linha desmentida e nervo torto.

Agora mais nã sei, fixei isto porque ela fez-me várias vezes e mesmo que eu não quisesse tinha que aprender. Eu era obrigado a responder, ela ficava toda chateada quando eu não respondia direito.

Ela também já me tratou do mal do estômago era eu adulto, mas não me alembro de nada. Ah! e quando era pequeno alembra-me ela pôr-me uma folha de couve na barriga untada com um bocadinho de azeite aquecido. Sabia tão bem, ficava tão consolado com aquele calorzinho. Ela também fazia a benzedura das dores de barriga, mas não me alembro do que dizia...O certo é que acabávamos por melhorar...

Ela tem ajudado muita gente e, portanto, isso é bom. As pessoas sentem-se contentes e continuam a vir cá, mas sinceramente acho que isso são coisas de mulheres. As mulheres têm paciência para estas coisas, estão em casa, gostam de falar umas com as outras, gostam de saber, alembra-se destas coisas todas. A minha mãe sempre se interessou por isto, tem uma memória... e ensina a muita gente também, ela não se importa de ensinar. Eu é que sou um burro e não aprendo, mas se calhar um dia mais tarde ainda me vou arrepender.

Sabe que não é só a minha mãe que sabe destas coisas, existem aqui algumas mulherzinhas que também sabem muito disso, algumas até já morreram. Elas aprendem umas com as outras, há algumas que nã gostam de ensinar, mas isso é estupidez... Olhe, a D. Isidora era uma das que pensava que o conhecimento destas coisas havia de morrer com ela, mas enganou-se...

Tinha uma tia que também sabia tanto ou mais do que a minha mãe, mas também já morreu, a Sr^a Luísa dos Alvarotes... e muitas mais mulherzinhas que agora nã me lembra.

Eu sei que quando estas pessoas de idade morrerem, o conhecimento delas acaba também, mas então nunca me deu p'ra aprender. Eu até respeito e sei que muita gente se cura, mas andei e ando sempre por fora a trabalhar, não posso estar em todo o lado ao mesmo tempo... muito já faço eu, é desde que o sol nasce até que se põe... não paro, só p'ra comer e pouco mais.⁵³

⁵³ Entrevista realizada a 12 de Setembro de 2008, no lugar de Campo Redondo, freguesia de Colos, Concelho de Odemira, Distrito de Beja.

III. Grelhas de Análise de Conteúdo